



DESTINO PROCURADO

Turismo internacional cresce na PB

Atraídos pelas paisagens e pelos negócios, visitantes vêm de países como Argentina, França e Itália. **Página 17**



Foto: Roberto Guedes

Áreas de Conservação ajudam a manter viva a Mata Atlântica

Presente em 17 estados brasileiros, o bioma, de florestas densas e clima quente e úmido, abriga uma rica variedade de espécies da fauna e da flora. No território paraibano, ainda restam 9% da cobertura vegetal original, encontrada, principalmente, na Zona Rural de 45 municípios.

Página 20

“O motor da cidade apagara no horário habitual, restando uma sobra de lua clara coada pelas vidraças”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

“Todo domingo bato o meu ponto em meio a essa gente. Na prosa fiada me encontro um pouco comigo”.

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11

Pesquisa resgata atos de Servaes Carpentier

Grupo do Iphaep prepara uma obra sobre o primeiro governador da Paraíba no Brasil-holandês.

Página 25



Ilustração: Bruno Chiassi

Foto: Carlos Rodrigo

Orgânico e colorido, algodão estimula negócios

Cultivo impulsiona a agricultura familiar na Paraíba e protege o meio ambiente a partir de práticas sustentáveis que garantem um produto de qualidade e economicamente viável.

Página 5

Forrozeiros se preparam para aproveitar os festejos juninos

Com uma programação variada em diferentes cidades do estado, a procura por passeios começa a crescer nas agências de viagens.

Página 8

Botafogo-PB e Retrô-PE jogam, hoje, às 15h, no Almeidão

Após seis rodadas da 3ª Divisão, o Belo acumula apenas seis pontos. Expectativa é de que o time se reencontre com a vitória.

Página 21

Especialistas advertem sobre os riscos de utilizar a IA para terapias

Apesar de simularem interações humanas, as ferramentas não são programadas para tratar a saúde mental e podem estimular uma falsa sensação de cuidado.

Página 15



Pensar

O transtorno de ansiedade é descrito pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma condição caracterizada por medo e preocupação excessivos, que podem interferir na vida das pessoas. Mas como é possível lidar com isso nos dias de hoje?

Páginas 29 a 32

Editorial

Outro título à vista

Se Campina Grande é considerada uma espécie de capital brasileira de eventos culturais, ecumênicos, científicos e tecnológicos, a cidade também se transformará, nos dias 8 e 9 de novembro deste ano, no epicentro da cultura *pop*, principalmente do Norte-Nordeste do país, com a realização, no Centro de Convenções Antônio Vital do Rêgo, do Imagineland. Um novo céu para esplendor de astros e estrelas do universo *geek*.

Graças ao esforço do Governo Estadual, a Paraíba ganhou um evento de caráter internacional, direcionado ao mundo *geek*, ou seja, um festival que reúne, por exemplo, autores e fãs de histórias em quadrinhos, desenhos animados japoneses, séries de *streaming*, cinema, jogos de videogame etc. E o palco desse encontro também é novo, visto que o Centro de Convenções de Campina Grande foi inaugurado há poucos dias.

As edições anteriores do Imagineland (2023 e 2024) foram realizadas em João Pessoa e contaram com a presença de celebridades nacionais e internacionais, como Maurício de Sousa (*Turma da Mônica*), Frank Miller (*Batman – O Cavaleiro das Trevas*), atores do seriado *Chaves* – Édgar Vivar (Seu Barriga) e Carlos Villagrán (Quico) – e o renomado Christian Chávez (RBD), além de atores estrangeiros de séries como *The Walking Dead*.

As edições pioneiras do Imagineland, na capital paraibana, arregimentaram um grande público com uma programação extensa e variada, que incluiu campeonatos de *cosplay* (fãs se caracterizam como seus personagens preferidos), *k-pop* (danças embaladas por músicas *pop* do continente asiático) e *games* (torneios de *e-sports*, com times de LoL e Freefire disputando a maior premiação já feita nessa área no Norte-Nordeste).

Outros destaques das edições precursoras, no Centro de Convenções de João Pessoa, foram os lançamentos de filmes como *O Auto da Compadecida 2* e séries como *Cangaço Novo*, em parceria com os estúdios, além do show da banda Sepultura, experiências com marcas famosas por meio de ativações divertidas e instrutivas, um Sansão e um Bob Esponja gigantes, que se tornaram pontos de atração da população e turistas, no Busto de Tamandaré.

Levando-se em conta as versões anteriores, o Imagineland On The Road campinense – espécie de versão andarilha do Imagineland – deve vir com tudo para movimentar a economia regional, com uma programação atrativa não só para os paraibanos, como também para brasileiros de todos os recantos. As redes de hotéis e restaurantes agradecem. Resta agora aguardar as novidades que certamente não tardarão a chegar.

Artigo

Mirian Pereira
Colaboração

Como a dor pode influenciar as emoções

Em algum momento da vida, todos nós sentimos uma dor que ninguém vê, ela chega de mansinho ou com força total. Às vezes, surge depois de uma perda, decepção, fim de um ciclo ou, simplesmente, por carregarmos o peso de sermos fortes o tempo todo. A dor não aparece em exames, mas pesa no corpo, afeta o sono, o humor, as relações e, principalmente, a forma como vivemos.

Ao longo dos anos de consultório e no meu livro *A dor só passa quando você passa por ela*, aprendi que a dor emocional influencia tudo, muda nosso jeito de reagir, de amar, de confiar e até de nos relacionarmos com o mundo.

Quando ignoramos a dor, ela se disfarça de tristeza, que parece não ter fim; irritabilidade, em que a pessoa explode por pequenas coisas; medo de repetir o mesmo sofrimento e cansaço extremo que nada resolve. Esses “sintomas” não são sinais de fraqueza, mas sim de uma dor que ainda pede atenção. E, se não for escutada, tende a crescer em silêncio até transbordar.

Muita gente aprendeu que “ser forte” é engolir o choro e seguir em frente. Mas tudo o que empurramos para dentro, uma hora transborda em insônia, ansiedade, desânimo ou distúrbios físicos. Negar não é uma opção. Tudo o que não processamos acaba transbordando em um momento ou outro.

Acolher a dor é um ato de coragem. Cuidar da dor emocional não é fraqueza, é coragem. É se olhar com compaixão e se permitir sentir para, só então, seguir em frente com mais leveza.

Reconheça o que sente. Dê nome à sua dor. Permita-se viver a emoção. Chore, escreva, desabafe; encontre a sua forma de “esvaziar” o que pesa. Converse com alguém de confiança, um terapeuta, amigo, mentor. Partilhar alivia o peso. Está tudo bem sentir raiva ou tristeza. O que importa é esvaziarmos o que estamos sentindo para dar espaço a novas emoções

Mirian Pereira

Depois de acolher e sentir, o próximo passo é aprender com a dor. Ela pode ensinar limites importantes, revelar valores esquecidos e apontar necessidades urgentes de autocuidado.

Pergunte-se: que lição este sofrimento traz? Liste pequenas ações que podem trazer conforto diário, como uma caminhada, pausa para respiração, uma música que acalme. Faça um compromisso simples e dedique cinco minutos por dia para notar como se sente, sem julgamento.

A dor não é o fim, é um convite ao reencontro. A dor emocional pode abalar nossas emoções e escolhas, mas ela também pode ser um portal de transformação. Ela só passa quando você passa por ela, com coragem, presença e auto-compassão. A dor não define quem você é, ela pode revelar a sua força mais genuína.

“

A dor não aparece em exames, mas pesa no corpo, afeta o sono, o humor, as relações e, principalmente, a forma como vivemos

Foto Legenda

Carlos Rodrigo



Fora de linha

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Um forro velho de lona

Faltou luz em dia desta semana e na noite chuvosa não houve lua. E me vi com as mãos atrás da nuca, bem acomodado à rede, o olhar preso a um teto de lona encerada que não é o de meus aposentos nestas noites insones de hoje. Nele repetem-se sombras que figuravam as apreensões de um jovem rapaz que fazia versos de imitação e partia com eles à procura de destino. Como vem de longe isso!

Lembro-me, vivamente. Não precisou sair de onde eu estava, do quarto que herdara com a ausência final de meu pai. O motor da cidade apagara no horário habitual, restando uma sobra de lua clara coada pelas vidraças embaçadas da janela a se projetar no forro do teto, onde a ideia da viagem esboçava suas figurações.

“O que você espera ser ou fazer ficando aqui?! Aqui já deu o que tinha de te dar, um pai analfabeto que gastou o que tinha para manter o filho num colégio de fora” – quase me aberturando, foi o velho Oscar, em cuja loja meu pai tinha cadeira cativa. E toca no que mais me afligia: “Sua mãe, mesmo sem você aqui, não vai ficar sozinha. Fique certo disso”.

Tinha razão o mais acreditado dos nossos amigos. Decorridos três anos de orfanidade, interrompidos os estudos no colégio, eu não fizera mais que me entregar à camaradagem com iniciação nos vícios da idade e nalguma leitura de antologia escolar, exceção ao poeta do *Eu* que vim encontrar algum tempo depois numa antologia de Cretella Júnior lida em voz alta numa roda do café de Joana, que servia cerveja até o motor da luz dar sinal de apagar.

E abro os olhos na madrugada de agora fixados naquele mesmo forro de lona encerada com as beiras se largando do teto. Com as mesmas nódoas que tinham muito pouco a dizer sobre as dúvidas do meu futuro e a decisão que tomava. Forro debaixo do qual tentara, inocentemente, imitar o soneto do livro de Cretella, assim que meu pai morreu: “Para onde fores, Pai, para onde fores...”.

O que sabia fazer para oferecer-me a um jornal da capital, por mais que confiasse na carta de apresentação do vizinho e amigo nosso, homem de espírito, pai de Wills, de Teócrito, irmão do diretor de O Norte, o jornalista

“

O motor da cidade apagara no horário habitual, restando uma sobra de lua clara coada

Gonzaga Rodrigues

José Leal. Minha experiência de trabalho aos 17 anos, dedógrafo na qualificação de eleitor num birô eleitoral e diarista no Censo de 1950, não ia além do eventual. Estivera no Recife, encorajado por dois alagoa-novenses da mesma idade, Eugênio e Felix Torres Brasil, que voltavam de férias a seu emprego num restaurante da Rua da Palma. Mas não fui além de despachar numa barraca do Mercado São José. Andei por lojas, desde o Cais de Santa Rita, onde fui acolhido pela irmã dos rapazes, bati o comércio central, não indo além de me alistar numa seleção para os quadros futuros da Chesf recém-criada. E, vagando pelo porto, alistei-me para grumete da Marinha, mas fiquei nisso. E dei as costas a Recife, dando graças por conseguir a passagem de volta no trem de Itabaiana.

Foi a primeira viagem de horizonte empoeirado das poucas que empreendi. Até pegar o ônibus da Bonfim, deixar no forro velho as fantasmagorias da descrença em meus passos e apresentar-me, com Anchieta Leal, ao meu primeiro empregador, José Leal Ramos, jornalista, historiador, cujas ideias, por mais conservadoras, não apagam o modelo de homem que sobrevive em nossa gratidão e na nossa memória seletiva.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$385,00 / Semestral R\$192,50 / Número Atrasado R\$3,30

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

TE ACOLHER

Espaço oferece cuidados para as mães atípicas

Projeto da Funad tem acolhimento e uma programação semanal variada

Lilian Viana
 lilian.vianacananea@gmail.com

No vaivém silencioso da rotina, há mulheres que acordam antes do sol e dormem depois do cansaço. Suas agendas não têm pausas. São feitas de terapias, consultas, agendamentos, crises, acolhimentos — mas não os seus. São mães de crianças autistas, mulheres que aprenderam a amar com intensidade, mesmo quando não sobra tempo para o próprio espelho. Vivem em estado de prontidão, sempre disponíveis, mesmo quando se esquecem de si mesmas.

Foi para essas mulheres que nasceu o Projeto Te Acolher, da Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência (Funad), na Paraíba. Desde novembro de 2023, o espaço se tornou um sopro de cuidado em meio à maratona diária do maternar atípico. Ali, enquanto os filhos são atendidos por especialistas da fundação, as mães encontram algo raro e precioso: um tempo para si.

“Essas mulheres, na grande maioria, abrem mão da vida pessoal, do trabalho, do autocuidado. Elas vivem apenas para cuidar. É uma rotina extremamente cansativa”, afirma Simone Jordão, presidente da Funad. “O Te Acolher foi pensado como um espaço de pausa, de carinho, de escuta qualificada. A proposta é acolher quem acolhe”, complementa.

Coordenado por Catarina Arruda, o Te Acolher atende entre 300 e 400 mães por mês e oferece uma programação semanal variada. O atendimento vai desde rodas de conversa com psicólogo, massagens, maquiagem e bingo, até sessões de caraoquê e feiras de serviços de saúde e beleza — tudo com o objetivo de estimular o bem-estar e resgatar a identidade dessas mulheres para além do papel de cuidadoras.

“Costumo dizer que, antes de serem mães atípicas, elas são mulheres. E, muitas



Fotos: Roberto Guedes

“Aqui todo mundo cuida da gente. É uma família completa”, reconhece Maria José da Silva

vezes, nem se colocam em segundo plano — elas simplesmente se anulam. Esse espaço nasceu porque elas pediam isso. Diziam que não tinham tempo nem para respirar”, conta Catarina.

O Te Acolher conta com uma equipe multidisciplinar, formada por psicólogo, arteterapeuta, psicopedagoga e voluntários parceiros, muitos deles de instituições de Ensino Superior parceiras. “Aqui elas chegam, muitas vezes, só querendo desabafar. Outras só querem arrumar o cabelo. E tudo bem. Esse também é um tipo de cuidado essencial”, reforça Catarina. O espaço fica próximo aos setores de atendimento das crianças, facilitando a permanência das mães. Assim, enquanto os pequenos passam por terapias, elas podem cuidar de si — ainda que por apenas 30 minutos.

Mais do que serviços, o projeto da Funad oferece acolhimento real. Ali, por alguns minutos, o tempo deles se acelera. As lágrimas encontram alívio. E as mães, tantas vezes esquecidas de si mesmas, são lembradas de que também merecem cuidado. “Porque, afinal, quem cuida também precisa ser cuida-

da”, defende Catarina.

Política pública com afeto

O Te Acolher, como o nome sugere, é um abraço institucional. Mais do que uma iniciativa de apoio, o projeto representa uma política pública com afeto, onde o cuidado não termina na criança — ele se estende, com sensibilidade e estrutura, às mães que sustentam essa caminhada. O projeto funciona como um braço do serviço de reabilitação da Funad, oferecendo acolhimento e escuta ativa.

“Aqui é como uma mãezona pra mim. Não só cuida dos filhos, mas cuida da gente também. Fiz uma cirurgia recentemente e fui acolhida por toda a equipe. Aqui, a gente não é invisível. Todo mundo vê a gente, cuida da gente. É uma família completa”, reconhece Maria José da Silva, uma das mães atendidas.

O espaço foi cuidadosamente estruturado com ambiente seguro, aconchegante e equipado para acolher emocionalmente as mulheres que, muitas vezes, chegam despedaçadas e desesperançosas. “Já cheguei, muitas vezes, com o coração angustiado. Mas, ao chegar aqui e ser vista pela equipe, não apenas

como a mãe de uma autista, mas como uma mulher, me enchi de esperança. Eles cuidam de mim, da minha saúde, da minha mente e, principalmente, do meu coração”, revela Maria José.

Para Conceição de Maria Albuquerque, mãe de uma usuária da Funad há quase três décadas, o espaço representa mais do que um serviço; é uma extensão da própria família. “É como encontrar outra família. Aqui, a gente é acolhida. As mães têm muitos afazeres, e os filhos são prioridade. Mas esse projeto preenche um vazio, um tempo que, antes, era só de espera. Hoje, a gente se sente vista”, comemora.

O projeto, embora tenha nascido voltado às mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), hoje é transversal e acolhe também mães de usuários com deficiência física, microcefalia e crianças em estimulação precoce. “A proposta é acolher quem acolhe. Essas mulheres, na maioria das vezes, abrem mão de si para cuidar dos filhos. O Te Acolher é uma pausa no meio dessa correria, um lugar onde elas podem simplesmente respirar”, afirma a presidente da Funad, Simone Jordão.

Acesso ao serviço é espontâneo e gratuito

Enquanto as crianças passam por terapias diversas, planejadas de acordo com as necessidades individuais de cada usuário, suas mães são acompanhadas por uma equipe dedicada, com vasta programação.

No espaço, são oferecidos rodas de conversa, atenção com a saúde, com medição de glicemia e pressão arterial, embelezamento, cinema com pipoca, relaxamento, podologia, oficina de memória, atividades de dança, música, artesanato e *workshop*.

Também há momentos entre famílias, usuários e reabilitadores, como forma de ampliar o processo terapêutico, fortalecer laços e assim reforçar o cuidado com esse público, indo além das salas de atendimento. No próximo dia 4 de junho,

por exemplo, será realizado o Arraiá do Autocuidado, com clima junino e serviços de saúde e beleza. Um convite à leveza, mesmo em meio às batalhas diárias. Um lembrete de que elas também merecem dançar.

O projeto funciona nos dois turnos, facilitando o acesso de acordo com a rotina de cada família. O acesso ao serviço é espontâneo e gratuito, voltado para mães e responsáveis por usuários da Funad.

Empoderamento e apoio

O projeto também aposta na potência do encontro. Feiras e exposições são organizadas para que as mães possam divulgar e vender seus produtos — artesanato, comidas, costura. Uma troca que vai além do financeiro: é afeto compartilhado

em forma de rede.

“Uma mãe ensina a outra a fazer laços, cozinhar, bordar. É uma troca de saberes que empodera. E, muitas vezes, vira fonte de renda. Queremos que elas se sintam protagonistas da própria história”, ressalta Simone Jordão.

A presidente reforça ainda que a iniciativa se alinha com as diretrizes da Política Nacional da Pessoa com Deficiência, que reconhece a família como responsável nos processos de reabilitação e inclusão.

“Não dá para cuidar da pessoa com deficiência sem cuidar de quem está por trás. E, na maioria dos casos, são mulheres: mães, avós, tias. É com elas que contamos todos os dias. Por isso, precisamos estar ao lado delas”.



Uma mãe ensina a outra a fazer laços, cozinhar, bordar. É uma troca de saberes que empodera

Simone Jordão

Opinião

José Ricardo Porto
 Desembargador do TJPB | Colaboração

A face obscura dos bebês reborn

Na semana passada, uma informação foi destaque nos principais jornais do país. Constatou-se que, em 2023, o número de crianças nascidas diminuiu pelo quinto ano seguido. Foram 2,52 milhões de nascidos, uma redução de 0,7% em comparação ao ano anterior, 2022. Com isso, o Brasil obteve o menor número de concebidos em quase 50 anos, desde 1976.

Corroborando essa informação e, em referência ao mesmo período, na Paraíba o número de divórcios aumentou 16,5%, enquanto que o registro de casamentos obteve expressiva redução, sendo essa a maior média histórica do estado, segundo dados do IBGE.

Nesse contexto, observa-se uma espécie de desmonte da família brasileira, no momento em que o mundo passou a vivenciar um novo surto: o dos bebês reborn.

Os rotulados bebês reborn, cuja tradução significa “renascido”, são bonecos fabricados com a imagem semelhante à de crianças recém-nascidas. Costumam ser confeccionados com materiais como vinil ou silicone, passando por um processo minucioso de pintura, aplicação de cabelo fio a fio e outros detalhes que simulam a textura da pele humana.

O que podia parecer apenas mais um investimento da indústria de brinquedos, com novas opções para crianças, tornou-se um surto psicótico de adultos alienados. Fazem chá de bebê, sessões fotográficas, certidões falsas de nascimento, carteirinhas ilusórias de vacinação, criam creches para os bonecos, promovem encontros de mãe reborn e até constituem psicólogos para legitimar tamanha alucinação. Com isso, essa histeria provocou grande engajamento nas redes sociais nas últimas semanas. Vídeos de “partos” e de “mães” de bebês reborn viralizaram nas plataformas digitais, ensejando acirrados debates.

A “brincadeira” com bonecos ficou tão séria que assombrou até o Congresso Nacional, a ponto de um projeto do deputado federal Paulo Bilynskyj (PL-SP) pretender impedir atendimento a bebê reborn pelo SUS. Já a proposta protocolada pelo deputado federal Dr. Zacharias Calil (União-GO) prevê multa para pessoas que tentarem se beneficiar das filas preferenciais, conduzindo seus bebês reborn. Por fim, a deputada Rosângela Moro (União-SP) apresentou o PL nº 2323/2025, que cria diretrizes para acolhimento psicossocial para quem tem vínculo intenso com os bonecos renascidos.

A preocupação chegou, também, à Igreja. O padre Chrystian, pároco com 3,7 milhões de seguidores no Instagram, manifestou-se sobre os bebês reborn. O religioso fez um esclarecimento bem-humorado dizendo que não realiza batizado ou primeira comunhão de “boneca reborn”, nem, tampouco “oração de libertação para bebê possuído por um espírito reborn”.

E na Justiça! A advogada e influenciadora Suzana Ferreira proclamou na sua própria rede social — Instagram — que um casal em disputa da guarda de uma bebê reborn lucrava com contas da boneca nas redes sociais. Por esse motivo, os ex-companheiros disputam, além da posse da boneca, a administração dos perfis que geram engajamento, publicidades e lucros. O absurdo histórico é contagiante.

Não é para menos tamanha repercussão; afinal, os famosos bebês reborn possuem uma face obscura devido a várias razões, tais como: 1. Alguns indivíduos podem usar bebês reborn como substitutos para relações humanas, o que pode levar a isolamento social e problemas emocionais; 2. A obsessão por bebês reborn pode ser vista como uma fixação mórbida, especialmente se ultrapassar os limites da realidade; 3. A dependência emocional de bebês reborn pode ter implicações negativas para a saúde mental, especialmente se não for abordada de forma saudável.

A grande verdade é que a face sinistra dos bebês reborn destaca a importância de abordar essas questões de forma crítica e reflexiva, considerando os impactos potenciais na saúde mental e nas relações humanas. Para alguns especialistas, inclusive, é uma insanidade de quem não deseja gerar filhos. E não podemos esquecer que, embora os bebês reborn sejam extremamente realistas, eles não são verdadeiros e não podem substituir o ser humano.

Às vezes, justificar o óbvio para malucos é uma tarefa hercúlea, sem futuro!

Se já não bastasse tamanha insensatez, o Poder Legislativo do Rio de Janeiro instituiu o dia da cegonha reborn, já vacinada contra a gripe aviária. Sem comentários: o Rio de Janeiro continua lindo!

Em Campinas, interior de São Paulo, uma mulher querendo ser mãe reborn, furtou um boneco, foi condenada a quatro anos e 23 dias de prisão em regime fechado, sem a companhia do filho reborn, que voltou para as prateleiras de um shopping center.

O contato humano é essencial para o desenvolvimento emocional e social. Os bebês reborn podem ser úteis em certas circunstâncias, mas nunca alcançarão a complexidade e a riqueza da interação humana. Como diz a Karina Michelin, é uma insanidade disfarçada de ternura.



Foto: Evandro Pereira

Rafael Targino

Presidente da APB Solar

“Projetamos a conexão de mais de 10 mil novas usinas até o fim do ano”

Em entrevista, presidente da associação discute os benefícios da energia solar para a PB e apresenta perspectivas para o futuro

Lilian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

A energia solar vive um momento de expansão na Paraíba. Apenas no primeiro trimestre deste ano, o estado registrou um crescimento de 55,4% no número de usinas solares instaladas, consolidando-se como um dos principais polos de geração distribuída do país. Esse avanço não apenas reflete a vocação natural da região, com alta incidência de radiação solar ao longo de todo o ano, como também revela a maturidade de um mercado em pleno desenvolvimento — impulsionado pela disseminação de conhecimento, pela queda nos custos de equipamentos e pela atuação estratégica de entidades como a Associação Paraibana de Energia Solar (APB Solar).

Nesta entrevista exclusiva ao Jornal **A União**, o atual presidente da associação, Rafael Targino, analisa os principais fatores que explicam o salto no número de instalações, discute os benefícios ambientais e econômicos da energia solar para a Paraíba, comenta os desafios regulatórios que ameaçam o setor e apresenta as perspectivas para o futuro, incluindo a meta de 10 mil novas usinas até o fim de 2025. Rafael também destaca a importância do 2º Fórum Paraibano de Energias Renováveis, que acontece neste mês, como espaço de articulação, aprendizado e consolidação da Paraíba como referência nacional em energias limpas. Confira:

Entrevista

■ *O crescimento de 55,4% nas usinas solares instaladas na Paraíba no primeiro trimestre de 2025 é impressionante. Quais fatores o senhor considera mais decisivos para esse salto?*

Acredito que o principal fator seja a disseminação do conhecimento. Cada vez mais pessoas têm acesso à informação sobre a energia solar, conhecem alguém — seja um parente, amigo ou vizinho — que já adotou a tecnologia, aprovou os resultados e compartilhou sua experiência positiva. Isso gera um efeito multiplicador, incentivando novos interessados. Além disso, a redução no custo dos equipamentos tem tornado o investimento mais acessível e com retorno financeiro cada vez mais atrativo. A Paraíba, com sua alta incidência solar durante todo o ano, oferece condições naturais extremamente favoráveis, o que reforça ainda mais o excelente custo-benefício da energia solar na região. É, sem dúvida, uma vocação natural do estado para a geração de energia renovável. Outro ponto relevante é a consolidação de empresas sérias e comprometidas no mercado paraibano, muitas delas atuando em parceria com nossa associação. Essas instituições têm um papel fundamental ao promover a padronização dos serviços, elevar a qualidade das instalações e fortalecer a confiança do consumidor, oferecendo mais segurança para quem deseja investir em energia solar.

■ *A Paraíba já evitou a emissão de mais de três mil toneladas de CO₂ em 2025. Como o senhor avalia o impacto ambiental da expansão da energia solar no estado?*

Acredito que a energia solar vai muito além da redução financeira — que, sem dúvida, é o primeiro benefício percebido pela maioria das pessoas. O impacto ambiental positivo que ela proporciona é extremamente relevante no cenário atual, marcado por crises climáticas cada vez mais intensas. Trata-se de uma fonte de energia limpa e renovável, que contribui diretamente para a diminuição do uso de fontes poluentes, como as

que dependem da queima de combustíveis fósseis para gerar eletricidade. Além disso, o potencial da Paraíba é enorme, com alta incidência solar ao longo de todo o ano, o que torna a região ainda mais propícia para o aproveitamento dessa tecnologia. Tenho plena convicção de que a energia solar veio para ficar, não apenas pelos ganhos econômicos, mas também pela responsabilidade ambiental que carrega e pelo vasto potencial de crescimento do setor.

■ *Além da economia para o consumidor, quais são os principais benefícios econômicos para o estado com esse avanço da energia solar?*

Acredito que um dos maiores impactos da energia solar está na geração de empregos. Quando geramos empregos, movimentamos a economia: criamos renda, fortalecemos o comércio local e impulsionamos outros setores. Atualmente, mais de nove mil empregos diretos estão ligados à cadeia da energia solar, o que demonstra a força e a relevância desse setor. Esse movimento também resulta em maior arrecadação de tributos, como o ISS (Imposto Sobre Serviços), que incide sobre as atividades prestadas. Além disso, há um aumento no faturamento das empresas envolvidas, fortalecendo o setor empresarial como um todo e consolidando o mercado local. Ao atrair investimentos, especialmente de fora do estado, ampliamos ainda mais esse ciclo virtuoso da economia. Na Paraíba, temos observado um crescimento consistente desse mercado, que está cada vez mais sólido e promissor.

■ *A APB Solar projeta a marca de 10 mil usinas até o fim de 2025. Essa meta é realista diante do atual cenário político e regulatório?*

Observamos um crescimento expressivo no setor de energia solar já no primeiro trimestre deste ano, e acreditamos que essa tendência deve continuar ao longo dos próximos meses. Apenas nesse período, foram registradas cerca de 2.800 novas instalações de usinas solares, o que re-

força nossa expectativa positiva para o ano. Projetamos a conexão de mais de 10 mil novas usinas até o fim do ano, o que representa um aumento significativo de aproximadamente 40% em relação a 2024, quando ultrapassamos a marca de sete mil usinas conectadas. Esses números demonstram, de forma clara, a força e a resiliência do mercado de energia solar, mesmo diante de desafios econômicos e regulatórios.

■ *Quais os maiores desafios que o setor enfrenta atualmente na Paraíba, especialmente no interior, onde o crescimento tem sido mais acelerado?*

O principal desafio hoje, considerando a economia como um todo, é o aumento da taxa de juros. Isso reduz o acesso ao crédito por parte dos investidores e, quando o crédito está disponível, ele geralmente vem com um custo muito alto. Esse é um obstáculo comum a vários setores, mas que impacta de forma especial o nosso: o grande desafio é conseguir acessar capital a juros baixos, que permita investir sem gerar um endividamento excessivo. Outro ponto importante é o fato de sermos um setor altamente regulado. Existem diversas normas e legislações específicas, e frequentemente surgem novidades. Isso impõe uma constante necessidade de adaptação. Um exemplo claro é o tema do armazenamento de energia — um assunto relativamente novo que ainda está sendo compreendido por todos os envolvidos. Para homologar um projeto inicial, por exemplo, foi necessário passar por diversas reuniões e tratativas. Como tudo ainda é recente, há uma certa lentidão natural na regulamentação e na implementação de novos modelos de negócio. É justamente nesse contexto que o papel da associação se torna fundamental. Atuamos como um elo entre o mercado e os órgãos reguladores, buscando acelerar o processo de regulamentação e facilitar a implantação de novas soluções. Também trabalhamos para dar visibilidade a temas que antes nem existiam na pauta pública, mas que hoje são urgentes e precisam ser avaliados com método e critério técnico. Quando identificamos, junto ao mercado, sinais de possíveis entraves futuros, buscamos nos antecipar: iniciamos diálogos com concessionárias, com o Poder Público e com demais entidades responsáveis, sempre com o objetivo de dar mais celeridade ao crescimento sustentável do setor. A atuação da associação é estratégica para garantir que o desenvolvimento do mercado acompanhe a velocidade da inovação.

■ *Durante audiência na Câmara dos Deputados, o senhor criticou os argumentos do Operador Nacional do Sistema Elétrico (NOS) e da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) sobre os riscos da geração distribuída. Qual a principal ameaça que essas restrições representam para o setor solar?*

Na audiência pública realizada no dia 6 de maio, em Brasília, debatemos amplamente a questão da inversão de fluxo, uma situação que tem gerado preocupações no setor

de energia solar. Algumas concessionárias de energia em diferentes regiões do país têm recusado projetos de geração distribuída, alegando que as redes de distribuição não suportariam mais injeções de energia naquela área — o chamado “problema de inversão de fluxo”. O ponto central do debate, e também da nossa defesa, é a fragilidade técnica das justificativas apresentadas para essas negativas. O que temos cobrado — e reforçamos durante a audiência — é que eventuais limitações sejam fundamentadas em estudos técnicos robustos, com base científica e avaliações realizadas por engenheiros e especialistas do setor. Simplesmente negar a conexão, sem a devida transparência e embasamento, não é aceitável. Essa discussão, inclusive, gerou grande repercussão nas redes sociais, chegando a virar meme com o termo “geração lunar”. Isso porque algumas concessionárias chegaram a sugerir que a energia solar só poderia ser injetada à noite — o que é tecnicamente inviável, já que a geração solar depende da luz do sol. Como alternativa, propuseram o uso de baterias e armazenamento, mas, até o momento, não há respaldo técnico suficiente que justifique essa exigência como condição para conexão. Na Paraíba, felizmente, não enfrentamos esse problema de forma significativa. No entanto, como o setor é altamente influenciado por tendências nacionais, aproveitamos a audiência para abordar a questão preventivamente. Nosso objetivo é garantir que essa prática não se espalhe e que todos tenham o direito de acessar e utilizar sua própria geração de energia, com segurança, responsabilidade e dentro do que a legislação permite.

■ *Como a APB Solar pretende atuar para garantir segurança jurídica aos investidores diante da Resolução 1059 da Aneel?*

A APB Solar tem como prioridade garantir um ambiente regulatório estável e previsível para os investidores do setor de geração distribuída. Diante da Resolução Normativa 1059 da Aneel, nossa atuação tem sido pautada pelo diálogo técnico e institucional com os órgãos reguladores, parlamentares e demais entidades representativas do setor elétrico. Estamos acompanhando de forma próxima a aplicação da norma, buscando esclarecer pontos que possam gerar insegurança jurídica, e propondo ajustes quando identificamos riscos de distorções que afetem os investimentos já realizados ou em curso. Também reforçamos a importância da estabilidade regulatória como um pilar essencial para a continuidade dos aportes no setor, promovendo segurança jurídica e respeito aos contratos firmados.

■ *A Lei nº 14.300/2022 é citada com frequência como um marco para o setor. Como o senhor avalia a aplicação dessa legislação hoje? Ela está sendo respeitada?*

Sem dúvida, a Lei nº 14.300/2022 é um marco regulatório importante para a geração distribuída no Brasil. Ela está em plena vigência e trouxe

avanços significativos, especialmente ao definir regras de transição e estabelecer maior clareza sobre o modelo de compensação de energia. No entanto, observamos que, na prática, ainda ocorrem situações em que dispositivos da lei não são plenamente respeitados — especialmente em relação aos prazos e procedimentos previstos. É nesse ponto que a APB Solar atua de forma firme, para evitar desvios interpretativos ou operacionais que comprometam a eficácia da legislação. Trabalhamos para que a aplicação da lei seja íntegra e justa, conforme sua redação e os princípios que a fundamentam, garantindo assim segurança e previsibilidade para todos os agentes do setor.

■ *O 2º Fórum Paraibano de Energias Renováveis acontece agora em maio. Qual a importância desse evento para o setor e para a consolidação da Paraíba como polo de energia limpa?*

O primeiro Fórum Paraibano de Energia Solar, realizado no ano passado, já foi um marco importante para o setor. Conseguimos envolver diversos profissionais, empresas e entusiastas da área, promovendo discussões relevantes e fortalecendo a rede de conexões. Agora, este segundo fórum chega com uma missão ainda mais ambiciosa: expandir os horizontes da energia na Paraíba. A APB Solar tem atuado fortemente na promoção da geração distribuída solar, mas nosso objetivo, com este novo evento, é ir além. Queremos trazer à pauta estadual novos modelos de negócio, temas emergentes e especialistas que contribuam para consolidar a energia como uma verdadeira vocação da Paraíba. Nesta edição, abordaremos assuntos como mobilidade urbana e elétrica, transição energética, hidrogênio verde, além de temas regulatórios relevantes, como a questão do ICMS, que vem sendo debatida em diversos estados. Será um espaço de aprendizado, articulação e oportunidades. O Fórum é fundamental para fortalecer o papel da associação, divulgar o trabalho que vem sendo desenvolvido, atrair novas empresas para o setor e apoiar quem deseja iniciar nesse mercado promissor. Também é uma grande oportunidade para o público em geral compreender melhor os benefícios e o potencial da energia solar e de outras fontes limpas. O evento é gratuito, aberto ao público e acontecerá nos dias 28 e 29 deste mês, das 8h às 19h, no auditório do Shopping Sebrae, com estandes de fornecedores na área externa. Nossa expectativa é reunir cerca de 500 participantes ao longo dos dois dias. Será um momento de conexão, conhecimento e avanço para o setor de energia na Paraíba.



Pelo QR Code acima, acesse a página de inscrições do evento

ECONOMIA SUSTENTÁVEL

A trama do algodão orgânico na PB

Em cada novo algodoeiro colhido, floresce esperança para a agricultura familiar e para o meio ambiente

Maria Beatriz Oliveira
obeatriz394@gmail.com

O algodão está plantado na história da Paraíba. Não por acaso, um ramo da planta figura à direita do Brasão Oficial do Estado. Durante o século 20, o cultivo do algodoeiro e a exportação da fibra natural foram fundamentais para o crescimento econômico da região. Cidades como Campina Grande, em especial, ainda carregam os vestígios do período em que a cidade era um centro de encontro e exportação de todo o chamado “ouro branco” que chegava do interior pelos trilhos dos trens. Foi nessa época que a Rainha da Borborema conquistou o título de segunda maior exportadora de algodão do mundo.

Em Ingá, Severino Vicente da Silva foi um dos muitos rapazes que carregavam os vagões com o algodão colhido na terra das Itacoatiaras. No entanto, a partir de 1983, ele presenciou o desaparecimento dos chamados “lençóis brancos” — como eram conhecidas as vastas plantações de algodão — devido à chegada do bicudo-do-algodoeiro. Essa praga ataca os botões florais e maçãs da planta, provocando a queda prematura e impedindo a formação dos frutos, o que levou a perdas severas na produção e quase à extinção da cultura na região.

Hoje, conhecido como Seu Biu, ele é presidente da Cooperativa dos Agricultores Familiares do Município de Ingá e Região (Itacoop) e testemunha o retorno do algodão à economia local — agora de maneira diferente, como símbolo de esperança para a agricultura familiar, cultivado de forma orgânica e cheio de cores.

Atualmente, 58 famílias fazem parte da Itacoop e cultivam algodão desde 2021. Segundo Seu Biu, o plantio orgânico traz desafios, mas fortaleceu a união entre os produtores, que passaram a trabalhar juntos em busca de uma colheita abundante. “É complicado, porque no passado a gente usava veneno no algodão, o que exterminava os insetos, mas também acabava com a nossa saúde. O veneno

não mata só a praga, mata a família também. Quando começamos com o algodão orgânico, muitos agricultores estranharam, mas, sem saber, já usavam práticas naturais, como espalhar cinzas de lenha na terra. Hoje aprendemos a conviver com a natureza e respeitar seu tempo. Ninguém mais queima a terra após a colheita, por exemplo. Com isso, conquistamos a certificação do algodão e temos uma usina de beneficiamento que garante a qualidade do nosso produto. É um algodão bom, que o comprador pode confiar e comprar”, afirmou o presidente.

Seu Biu reconhece a importância dos parceiros institucionais, como a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), a Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), pelo trabalho realizado junto aos produtores, que possibilitou, por exemplo, que a Usina Social de Beneficiamento do Algodão Orgânico e Agroecológico de Ingá conquistasse o laudo da NR-12 — norma regulamentadora que garante a segurança no uso de máquinas e equipamentos. Contudo, talvez a certificação mais relevante ainda esteja por vir, com expectativa para ser entregue no segundo

semestre de 2025, e coroando o esforço de oito anos de uma mulher que tornou-se a principal aliada de Seu Biu e do cultivo do algodão orgânico no município.

Trata-se de Francisca Vieira, empresária e fundadora da marca Natural Cotton Color, que se dedica à produção de moda com foco em sustentabilidade em toda a cadeia produtiva, priorizando baixa emissão de carbono e o mínimo desperdício. Foi ela quem liderou a luta para que o tecido de algodão orgânico, vindo de Ingá, conquistasse o selo internacional Global Organic Textile Standard (Gots), certificação que estabelece requisitos rigorosos para produtos têxteis orgânicos. O Gots exige que os artigos produzidos contenham no mínimo 70% de fibras orgânicas certificadas, proíbe o uso de substâncias químicas tóxicas ou prejudiciais, impõe critérios ambientais e exige responsabilidade social ao longo de toda a cadeia de produção. A certificação se aplica ao processamento, produção, embalagem, rotulagem, comercialização e distribuição.

O incentivo para que a produção se adequasse às exigências da certificação foi uma atitude da empresária, que tem a visão voltada para o futuro — tanto de seu próprio negócio quanto do meio ambiente. “Eu sempre soube que chegaríamos

aonde estamos hoje. Atualmente, temos uma fila de grandes marcas, como Loewe, Prada, Saint Laurent e Calvin Klein, apenas aguardando a obtenção do Gots para começarem a adquirir nossas peças. Eu costumo dizer que tudo que se pensa pequeno é pequeno. Tivemos que crescer. Seu Biu tem o algodão cultivado por 58 famílias e eu preciso ter o dinheiro para comprar essa produção. Antes de ser estilista, sou gestora. O algodão veio primeiro, depois vieram as peças. Nosso *denim* de algodão, por exemplo — uma das poucas patentes têxteis do Brasil — foi uma criação minha para dar escala à marca. A calça jeans é item essencial no guarda-roupa de qualquer pessoa, então

por que não a produzir com algodão orgânico e colorido?”, relata Francisca.

O sucesso de Francisca no mundo da moda não precisava estar atrelado à sustentabilidade e a uma relação humanizada com os fornecedores. No entanto, ela vê o empreendedorismo como um tecido de fios bem entrelaçados: se um deles se rompe, toda a peça se desfaz. “Antes de tudo, é preciso ter esclarecimento. Você chega aqui e encontra uma cooperativa com tanta gente disposta a trabalhar, com a coragem que eles têm. Muitos empresários chegam sem essa mesma coragem, sem a capacidade empreendedora que esses agricultores demonstram. Então, como eu poderia não me



Seu Biu e Francisca Vieira: uma união que reorientou uma cultura, dialogando o tradicional com tendências inovadoras

Fotos: Julio Cezar Peres

envolver com eles? Precisamos ser parceiros, o lucro deve ser compartilhado. Por que apenas eu deveria lucrar?”, questiona.

Junto a essa fibra cuidadosamente construída, está também o compromisso com o meio ambiente. Francisca, que foi a única a participar do Fórum Público da Organização Mundial do Comércio (OMC) para debater o tema “Comércio e mudanças climáticas”, onde apresentou a Natural Cotton Color como um caso de sucesso, reconhece a responsabilidade ambiental que toda empresa deve assumir nos tempos atuais.

“Aqui tudo é orgânico, não usamos veneno nem qualquer tipo de fertilizante químico. Isso significa que o solo não é contaminado e a chuva não leva resíduos tóxicos para outros lugares. Quando falamos sobre o uso da água, a diferença também é enorme. Na produção de uma camiseta comum, são realizadas, em média, seis lavagens, podendo chegar a 12, dependendo da química do tingimento, além do uso de fixadores para manter a cor e tintas com metais pesados. Já as nossas peças de algodão orgânico passam por apenas uma lavagem com água quente e mais nada. Essa água, inclusive, sai rica em proteínas e pode ser reutilizada para regar plantas, por exemplo. Quanto à nossa pegada de carbono, é mínima. Todo o nosso processo, do plantio ao beneficiamento, acontece em Ingá e arredores, e a produção final é feita em João Pessoa. Tudo dentro de um raio de 300 km”, detalhou Francisca.



Embrapa, Empaer e Senai são parceiros da Itacoop em todo o processo produtivo da fibra

Uma pluma que nasce pintada com cores de pedras raras

Não é à toa que o poeta Ton Oliveira canta que, na Paraíba, a lua exibe um estrelado tão belo que até o algodão se empolga e já nasce colorido. Na década de 1990, após a crise provocada pelo bicudo-do-algodoeiro, a Embrapa Algodão iniciou pesquisas para aprimorar a fibra, tornando-a mais resistente e, por que não, colorida. O desenvolvimento de uma pluma que já nasce colorida elimina a necessidade do tingimento industrial, tornando o processo mais sustentável e ecologicamente responsável.

“Hoje contamos com seis cultivares de algodão colorido, nas cores verde, marrom, rubi, safira, topázio e jade. Por meio de pesquisas, conseguimos adaptar essas variedades às condições da

região, otimizando o sistema de cultivo com medidas como a redução do ciclo en-

tre plantio e colheita, já que temos um período de chuvas bastante curto. Para isso,

utilizamos unidades de estudo participativo, em que o agricultor é convidado a integrar o processo desde o início. Ele participa ativamente das avaliações, apontando, por exemplo, qual variedade prefere: se ter uma pluma mais bonita, mais maçãs, maior ramificação, ciclo mais curto ou porte mais adequado. A presença e a opinião do produtor, que é o usuário final, têm se tornado uma prática essencial nos nossos projetos”, explicou Nair Arriel, pesquisadora da Embrapa Algodão.

Apesar do avanço nas pesquisas, com apoio de instituições como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) e o Instituto Riachuelo, os produtores ainda enfrentam grandes

desafios impostos pelas condições climáticas da Paraíba, agravadas pelas mudanças climáticas globais. O principal obstáculo atual é a estiação prolongada, que compromete o desenvolvimento das lavouras.

Para Nair, apesar de todas as dificuldades que envolvem um cultivo orgânico e ambientalmente responsável, optar por esse caminho é, acima de tudo, uma demonstração de comprometimento e responsabilidade humana, valores que têm ganhado cada vez mais importância entre os consumidores na hora de escolher um produto ou uma marca.

“A produção orgânica, seja de alimentos, algodão ou energias renováveis, vem crescendo continuamente.

Isso porque as pessoas estão mais exigentes e querem produtos cuja história envolva justiça, cuidado no cultivo e respeito à sustentabilidade. A preocupação vai além da saúde individual, ela se estende ao solo, à água, aos animais e às plantas, e as roupas feitas com algodão orgânico carregam esse valor, são peças saudáveis”, concluiu a pesquisadora.

A observação de Nair revela que trilhar caminhos sustentáveis e socialmente responsáveis deixou de ser apenas uma escolha, tornou-se um fator determinante de sucesso ou não das marcas no mercado. Nesse novo tempo, em que ética e consciência ganham valor, é a natureza quem colhe os melhores frutos.



Estudos levaram o cultivo do algodão a outro patamar

FENG SHUI

Técnica organiza lar, negócio e a vida

Prática chinesa tenta harmonizar ambientes atraindo prosperidade e boas energias para o cotidiano das pessoas

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

Obter um lar mais harmonioso por meio da arquitetura e decoração é um dos objetivos do *feng shui*, técnica milenar chinesa para harmonização de ambientes. De acordo com a arquiteta Suly Barreto, especialista no assunto, é possível até promover a prosperidade de um negócio usando as técnicas certas. E engana-se quem pensa que basta mudar os móveis de lugar: ela explicou que o *feng shui* pode ser aplicado desde a escolha do terreno para construção.

Segundo a arquiteta, é importante saber o que tem à frente do terreno, o que tem atrás, o que tem no bairro, tanto para residências como estabelecimentos comerciais. “Às vezes, um comércio não desenvolve porque aquela área não é próspera. Então, a gente analisa se as lojas estão prosperando, se os imóveis estão bem acabados, porque, quando você tem uma loja assim, com a tinta descascando, sem iluminação, com uma fachada muito acabada, você vê que ali não tem prosperidade. Então, a imagem das fachadas, o entorno do bairro, tudo interfere na prosperidade de uma loja”, afirmou.

Para construir uma casa, por exemplo, ela recomenda terrenos longe de locais que tenham sofrimento, como cemitérios, hospitais e presídios. Também é recomendado evitar terrenos de esquina, pois a casa fica sem proteção de um dos lados. Suly destacou, porém, que dentro do *feng shui*, existem “correções” que podem ser aplicadas, caso a pessoa já

more em uma residência que não está dentro do ideal.

No caso de apartamentos, ela diz que é importante se atentar à vista do local, dando preferência a locais onde seja possível ver a natureza e que não tenham obstáculos para a visão. “Porque da janela a gente vê o futuro, são os olhos da casa. Se você tem barreira, tem uma casa e na frente há vários prédios altos, você está tendo barreiras. Então, vai ter dificuldade de crescimento, de prosperidade na sua vida. Sempre você vai ver muita dificuldade”, explicou.

Baguá

A arquiteta comentou que, em cada canto da casa, é feito um estudo pelo Baguá, que é uma forma octógona, chamada de mapa do *feng shui*, para poder setorizar as áreas que podem ser ambiente dos amigos, criatividade, relacionamento, sucesso, prosperidade, família, conhecimento ou espiritualidade, trabalho e saúde. Ela esclareceu ainda que é importante conhecer cada membro da família por meio do horóscopo chinês, para saber qual é o elemento da natureza de cada um.

“Tudo tem a ver com a harmonia em relação aos elementos da natureza e a localização em relação ao Baguá. Por exemplo, a gente tem que privilegiar que o quarto do casal esteja na área do relacionamento, que é a energia de comando da casa. São muitos detalhes que a gente vai avaliar, principalmente o posicionamento dos móveis. Sempre ter o sofá com visão da porta de entrada, porque faz com que você veja tudo acontecendo e, realmente, consiga rela-

cionar e descansar”, declarou.

Suly contou que, se você estiver de costas, não vai ver nada e seu subconsciente vai ficar sob tensão e permanecer sempre em alerta. Consequentemente, a pessoa não relaxa nem para ver uma novela ou assistir a um filme.

“Isso também tem a ver com a cozinha, sempre estar fazendo as coisas na cozinha com visão da casa. Então, hoje essa arquitetura que traz uma cozinha integrada à sala é muito favorável para isso”, completou.

Quem escolheu usar

A reitora do Centro Universitário Unifacex, Cандysse Figueiredo, contratou a arquiteta Suly Barreto para aplicar o *feng shui* em seu apartamento em Natal, no Rio Grande do Norte. À reportagem d’A União, ela contou que sempre acreditou muito em energia, na conexão com o divino e no processo de autoconhecimento, por isso se interessou pela técnica.

“O *feng shui* traz isso, como ela organiza os espaços, os móveis, as cores. Tem a ver com o nosso mapa astrológico chinês, então há muita relação com a nossa identidade e é um processo de autoconhecimento. A

■ **Princípios orientais fazem parte de um estilo de vida voltado ao autoconhecimento e à busca do equilíbrio de uma forma geral**



Aspectos como o posicionamento dos móveis são considerados no momento de buscar bem-estar

partir daí, tem também a questão das energias, o que vai atrair de positivo para a gente, o que isso vai proporcionar um bem-estar para a nossa família”, comentou.

Cандysse acredita que

o uso da técnica já trouxe resultados. “Na entrega do prédio, alguns apartamentos tiveram problema e o meu não teve nada, deu tudo certo. Inclusive, eu fui surpreendida com um pai-

nel verde, todo de plantas, na frente do meu apartamento. Foi muito interessante que isso não estava previsto, então, isso aí eu vi como uma resposta muito positiva”.

Mudanças devem ser realizadas de forma responsável

A arquiteta Suly Barreto explicou que, para ter os benefícios da técnica, é preciso saber o que está fazendo. Um erro comum é achar que *feng shui* é encher a casa de plantas, mas a quantidade e o tipo de vegetais também precisam ser equilibrados. “Há plantas que não podem ficar dentro de casa, que são indicadas para a área externa, como Espada de São Jorge e cacto. A Espada de São Jorge é uma planta que as pessoas gostam muito, por-

que é uma planta de defesa, mas ela é defesa externa, interna ela já provoca discussões, duelos, como os cactos, que acumulam muita água e acumulam muita mágoa”, afirmou. Segundo ela, uma ótima planta para se ter dentro de casa é *Zamioculca*.

Outro cuidado citado por ela é em relação às cores. “Tem gente que pega dicas de internet e sai pintando a casa de tudo que é cor, cada parede de uma cor. Isso também é erradís-

simo, vai deixar as pessoas estressadas”. Suly explicou que é possível escolher cores com base no elemento de cada signo chinês, mas é preciso ter equilíbrio e evitar exageros. “A pessoa é elemento fogo, que seria representado pela cor vermelha, mas você não pode usar o vermelho em excesso porque vai deixá-la muito mais elétrica. Então, a gente tem que fazer o equilíbrio, tem que acalmar”.

Uma dica da arquiteta

para quem se interessa por *feng shui* e quer tentar usar alguns princípios por conta própria em casa é evitar acúmulo. “Porque acumular coisas dentro de guarda-roupa, dentro de armários, coisas paradas, gera energia estagnada e isso não é bom, porque o *feng shui* tem que sempre estar em movimento”, explicou.

Ela recomenda então uma boa faxina, “porque até a poeira é energia estagnada”, e nunca entulhar muito a casa. “Às vezes as pessoas compram coisas demais e as casas são pequenas, então fica um ambiente muito carregado, muito pesado”.

Investir em plantas e flores naturais em casa também é recomendado, porque as artificiais representam o elemento madeira, o elemento da natureza, mas não vão fazer a função de uma planta natural, que é filtrar as energias da casa. “Às vezes, quando a planta murche, morre, é porque ela absorveu aquela energia que não é boa. Elas estão segurando uma energia que poderia atingir você, atingir sua saúde. Ter um aquário ou uma fontezinha com

água corrente também ajuda a filtrar as energias da casa”, afirmou.

“

Acumular coisas dentro de guarda-roupa, dentro de armários, coisas paradas, gera energia estagnada

Suly Barreto

De acordo com Suly Barreto, brigas e discussões dentro de casa também podem deixar a energia do ambiente mais pesado, por isso o ideal é evitar essas situações. Caso aconteça, ela aconselha abrir portas e janelas para deixar o vento circular dentro da residência por um tempo.

Descoberta

Suly Barreto descobriu o *feng shui* quando ainda era

uma estudante no terceiro ano da faculdade de Arquitetura e Urbanismo, ao participar de um congresso no Rio de Janeiro. “Quando a gente pensa numa coisa, projeta, a gente atrai aquilo que deseja. Eu já buscava esse significado nos meus projetos, que os projetos beneficiassem as famílias, que não fossem apenas para seguir uma moda, uma tendência. Eu queria que, realmente, transformasse a vida das pessoas para deixá-las mais felizes em seus lares”, destacou.

Para se especializar na técnica, unindo-a com a sua formação de arquiteta, ela estudou, há 21 anos, com um mestre chinês, em São Paulo. “Para dominar o *feng shui*, você tem que conhecer a cultura chinesa”, atestou.

Ela se tornou referência na área em Natal, no Rio Grande do Norte, onde atua. Ultimamente, passou a realizar também projetos em João Pessoa, na Paraíba, cidade que visita com frequência devido à presença de um parente na região. “Percebi que não tinha ninguém atuando nessa área em João Pessoa”, comentou.



Suly Barreto indica ter sempre em casa plantas naturais e armários organizados

NOTÍVAGOS CONECTADOS

Uso de internet compromete o sono

Rotina de descanso de jovens é cada vez mais alterada em função da utilização noturna de dispositivos tecnológicos

Carolina Oliveira
 marquesdeoliveira.carolina@gmail.com

Hiperconectados desde muito cedo, os adolescentes podem ter suas rotinas impactadas pela constante presença *on-line*. Depois da escola e dos afazeres que ocupam seus dias, as noites podem passar a ser dedicadas ao uso das telas, em redes sociais, jogos e aplicativos de mensagens, por exemplo. Os jovens buscam diversão e pertencimento nos espaços virtuais, mas, quando esse uso consome o tempo de sono noturno, tal hábito pode ser prejudicial à saúde e ao desenvolvimento adequado, além de ter efeitos psicossociais potencialmente nocivos.

Ao deixar de dormir adequadamente durante as noites, ocorre, na rotina desses jovens, um certo déficit na quantidade necessária de repouso. “Para um sono restaurador e fisiológico, precisamos de três parâmetros principais que devem ser respeitados: quantidade, qualidade e ritmicidade adequadas”, explica o neurologista, médico do sono e vice-presidente da Regional da Paraíba da Academia Brasileira do Sono, Gustavo Leal Coutinho.

É durante o sono que ocorrem diversos mecanismos regulatórios em nosso organismo, como controle hormonal, regulação emocional, controle da pressão arterial, excreção de metabólitos cerebrais, entre outros. Conforme descreve o neurologista, a privação de sono impacta diretamente todos esses processos essenciais para o bom funcionamento do organismo, como a saúde cerebral e a saúde cardiovascular.

De acordo com o médico, a privação de sono tem efeitos danosos à noite, com repercussões durante o dia, como piora do humor e impactos nas habilidades cognitivas. Repouso noturno e diurno não são equivalentes quando tratamos do desempenho pleno das funções do sono. “A tentativa de compensação não vai corrigir de forma total esses efeitos da privação de sono, ainda mais se estamos falando de uma privação crônica. Além disso, a compensação irá acarretar prejuízos na ritmicidade do sono do adolescente, o que também traz efeitos deletérios”.

Três parâmetros são fundamentais para um sono restaurador e fisiológico: quantidade, qualidade e ritmicidade

Gustavo também informa que “os impactos desses hábitos inadequados podem levar a prejuízos no desen-

A diversão, em horário inapropriado, custa caro para a saúde; a exposição prolongada às telas interfere na produção de melatonina (hormônio do sono)

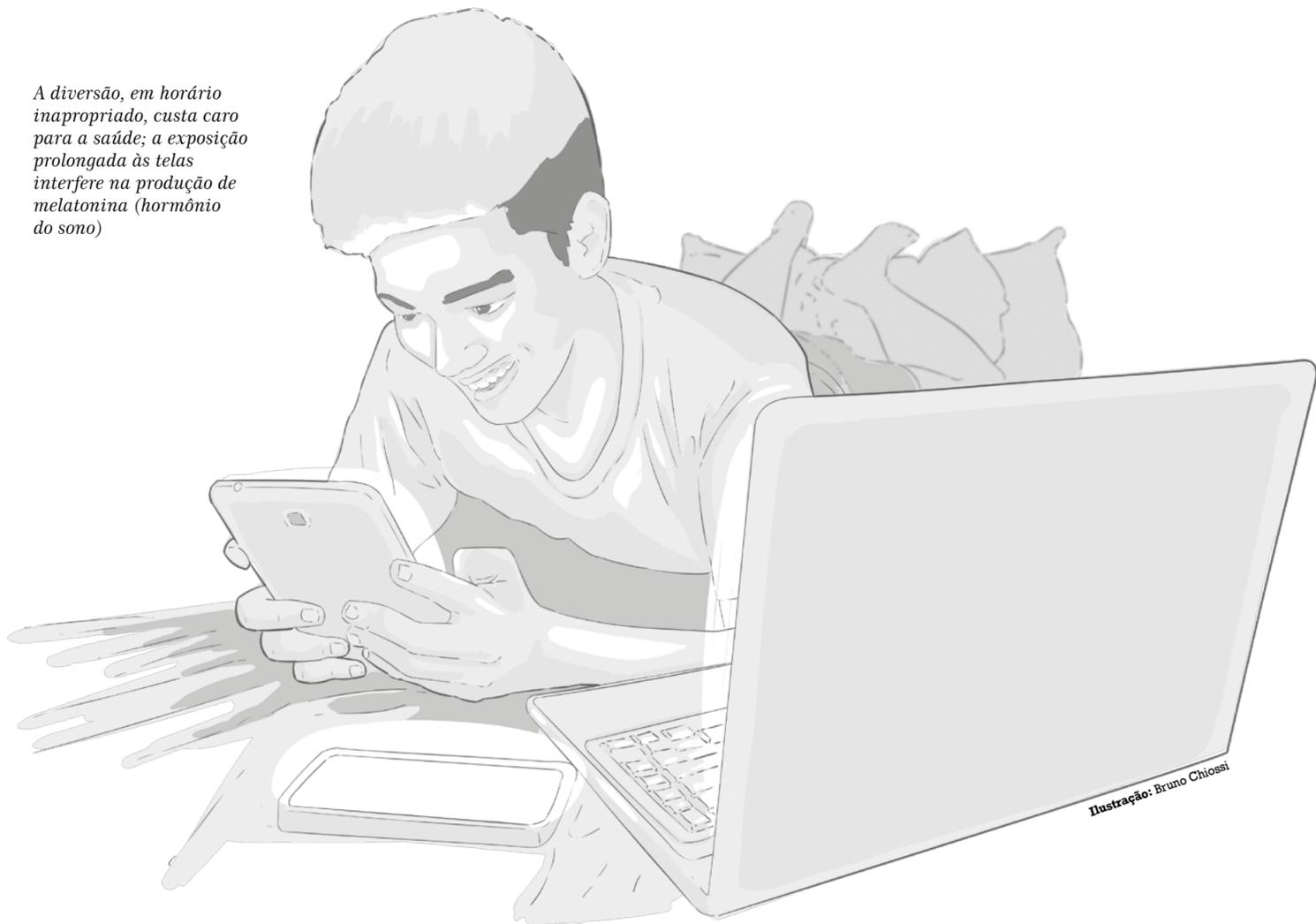


Ilustração: Bruno Chiossi

volvimento cerebral, funções cognitivas como atenção e memória, regulação do humor, controle da pressão arterial, com aumento do risco de doenças cardiovasculares. Isso pode afetar diretamente a produtividade acadêmica/escolar e social desses adolescentes”.

A psicóloga clínica Ana Carolina Santiago Motta explica que a exposição prolongada às telas, como as de *notebooks*, celulares e jogos eletrônicos, interfere na produção de melatonina, o hormônio responsável pelo sono, que é naturalmente produzido no escuro, durante o período noturno. Seguindo ela, o uso desenfreado das tecnologias durante a noite “acaba atrasando o início do sono e comprometendo sua qualidade, o que pode afetar negativamente o desempenho escolar, o humor e o desenvolvimento emocional dos adolescentes”.

Ana Carolina destaca ainda que muitos adolescentes substituem interações presenciais por relações virtuais, o que pode gerar dificuldade de comunicação, prejuízos nas habilidades sociais e até mesmo o isolamento. “Fatores como influência dos amigos, busca por validação nas redes sociais e falta de limites claros por parte dos pais contribuem para esse cenário”, observa a especialista.

Imediatismo

O uso excessivo das redes e, conseqüentemente, o contato com telas de diferentes aparelhos afetam a qualidade do sono, o que interfere na saúde e no bem-estar do adolescente. “Vai muito além de um hábito ruim, podendo evoluir para um quadro de dependência digital, que é bem semelhante ao vício. A capacidade de autorregulação é afetada, trazendo impactos significativos à

Vital
Vários mecanismos de regulação do corpo humano são produzidos enquanto se dorme, como controle hormonal e de pressão arterial, regulação emocional, entre outros

rotina e às relações interpessoais desses jovens”, explica a psicóloga Ana Carolina.

Nesse contexto, exacerba-se o chamado senso de imediatismo. Cria-se uma noção distorcida de que “tudo é pra ontem”. De acordo com a especialista em Psicologia, vivemos hoje em um mundo onde se tem acesso a tudo em um tempo muito curto, o que produz efeitos comportamentais coletivos. “Entre os adolescentes, vê-se uma maior dificuldade de ter paciência, de esperar o tempo de algo acontecer, por exemplo”.

Além da prática de higiene do sono, que reúne uma série de hábitos, outros elementos se destacam no combate a esses padrões nocivos e se baseiam no suporte dos cuidadores e responsáveis, ajudando o jovem a desconectar e reconstruir uma relação mais saudável com a tecnologia. “A estratégia é criar e estabelecer limites claros para o uso de celular e eletrônicos, principalmente à noite, definindo um horário para desligar as telas”, explica Ana Carolina.

Pesquisas apontam que a utilização desmedida da internet está associada ao aumento de sintomas de ansiedade, depressão e baixa autoestima entre os jovens.

“Por isso, é essencial promover o uso consciente das tecnologias, incentivar atividades *off-line* e estabelecer limites saudáveis para o tempo de tela, principalmente à noite”, afirmou a psicóloga.

Participação familiar

Para lidar com situações desse tipo, os próprios jovens e também pais e cuidadores podem tomar algumas atitudes, com o objetivo de prevenir e reverter esses problemas. De acordo com o médico do sono Gustavo Coutinho, o primeiro passo é buscar ajuda com profissionais especializados na área, já que, muitas vezes, será necessário um tratamento individualizado e multidisciplinar para a resolução do problema.

De maneira geral, conforme orienta o médico, os familiares podem contribuir estabelecendo limites de horário e quantidade de uso de telas, promovendo rotinas regulares de sono, evitando o uso de substâncias estimulantes, como cafeína à noite, e incentivando a realização de atividades físicas durante o dia.

Reservar um tempo adequado para o uso desses aparelhos na rotina é importante; a psicóloga clínica Ana Carolina Santiago sugere duas ou três horas. Ela também indica a necessidade da participação dos pais no processo de conscientização e educação dos jovens. “É importante os adultos serem exemplo de uso saudável de tecnologia. Quando os jovens veem os pais utilizando esses aparelhos de forma excessiva e cobrando dos filhos um uso mais reduzido, podem ocorrer conflitos”, pontuou a profissional de saúde mental.

Ajudar o próprio adolescente a perceber os excessos e conversar de forma empática são meios de criar um espaço em que há maior

consciência, facilitando a autoavaliação e o conhecimento das próprias necessidades. É importante também incentivar outros tipos de atividades *off-line*, como práticas artísticas, leitura, esportes, outros *hobbies*, a convivência com amigos fora das telas, o contato com a natureza e o meio ambiente, o cuidado com um animal. Esses elementos reequilibram o modo de vida e o cotidiano.

“É válido salientar que, diante de situações mais persistentes, em que esse uso e a dependência digital tornam-se prevalentes, recomenda-se o tratamento/ atendimento psicológico, para que, de forma individualizada, possam ser desenvolvidas estratégias para cada caso, e para que se possa trabalhar em conjunto”, concluiu Ana Carolina.

Vício

A partir do confinamento imposto pela pandemia de 2020, o estudante de Ensino Médio Arthur Gomes, que na época cursava o Ensino Fundamental, teve alguns anos de sua juventude marcados por problemáticas ligadas à dependência digital. O sono foi o primeiro elemento comprometido. O adolescente deixava de dormir para jogar ou assistir a vídeos. “Eu trocava muito a noite pelo dia, e isso afetava minha rotina, a exemplo do horário das refeições, e também a convivência com minha família”.

No caso de Arthur, a dependência digital se estabeleceu a partir do escapismo e da necessidade de restabelecer os vínculos interrompidos pelo isolamento. “Não conseguia imaginar um mundo em que eu não usasse o celular e o computador por longos períodos de tempo. Nessa época, além do fato de estar confinado, era sedentário, sofria com sobre-

peso e depressão. Eu via esses jogos *on-line* como modo de me libertar. Jogava com meus amigos, então conversávamos muito, e eu me divertia e acabava esquecendo, mesmo que por um momento, de todo aquele contexto”.

A utilização desmedida da internet está associada a sintomas de ansiedade, depressão e baixa autoestima

Associados aos distúrbios relacionados ao uso da tecnologia, surgiram outros, como os problemas de imagem. “Não gostava de me olhar no espelho, e essa questão física impactou muito a minha vontade de mudar, porque já era algo que eu queria: ter esses hábitos mais saudáveis. O vício em eletrônicos foi se amenizando à medida que fui retornando à rotina escolar. Em paralelo, meus pais me condicionaram a regrar esse uso dos aparelhos, me incentivaram a ter horários e uma alimentação melhor, e a praticar exercícios físicos”, contou Arthur.

Atualmente, o jovem busca cultivar uma vida mais equilibrada. “Me comprometo com hábitos de leitura, estudos mais efetivos e o sono de qualidade. Sinto que precisava de um empurrãozinho e um apoio, e eu consegui isso com amigos, família e também com o ambiente em que vivia, principalmente na escola. Hoje, sinto os benefícios dessas mudanças”, concluiu o estudante.

ROTA DO SÃO JOÃO

Tem festejo junino para todo gosto

Com a vasta programação de junho, em vários municípios paraibanos, forrozeiros preparam-se para pegar a estrada

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Esqueça o “para onde vamos”. A pergunta certa é “quando”. No São João da Paraíba, todo mundo encontra seu lugar: tem gente que vai para o interior só para forrozear na pracinha da cidade, enquanto há quem prefira aproveitar os festejos de camarote, no compasso de grandes nomes da música. Com tantos roteiros em alta no estado, de excursões animadas a vivências rurais cheias de sabor, tradição e paisagem interiorana, a festa tornou-se, hoje, um circuito junino completo, com atrações para todos os gostos e bolsos, que não termina nem com o último acorde no Parque do Povo, em Campina Grande.

E os números mostram que ninguém quer ficar de fora. Em cidades como Areia, no Brejo paraibano — uma das mais procuradas nesse período — ao lado de Bananeiras, Araruna e Cabaceiras, a ocupação da rede hoteleira já passa dos 70% antes mesmo de junho. Enquanto isso, as agências de viagem já estão lotando ônibus com destino à Rainha da Borborema com semanas de antecedência.

Não é por acaso que Cam-



Seja por meio de contratos com agências de turismo ou organizando passeios independentes entre amigos, fluxo de viagens aumenta

pina Grande continua ditando o ritmo da temporada junina no estado. Com 38 dias de festa e uma programação recheada de atrações, de Flávio José a Alceu Valença, Elba Ramalho, Alok e João Gomes, O Maior São João do Mundo espera repetir — ou até ultrapassar — a impressionante marca alcançada no ano passado, quando mais de 2,9 milhões de pessoas passaram por lá.

Cenário junino

A consequência desse mo-

vimento é sentida, especialmente, entre as agências de turismo, que vivem agora um dos períodos mais prósperos do ano. Daniele Medeiros, da VIP Home Viagens e diretora de eventos da Associação Brasileira de Agências de Viagens da Paraíba (Abav-PB) reforça esse protagonismo da Rainha da Borborema, mas sem deixar de lado a importância de João Pessoa nesse cenário. “A movimentação para o São João já está intensa, tendo Campina Grande como destaque, mas também

observamos um crescimento significativo em outras cidades, como Bananeiras e nossa João Pessoa”, conta. Segundo ela, a ocupação hoteleira já está avançada neste momento, mas o ápice deve mesmo acontecer entre os dias 20 e 29 de junho, com o estado inteiro sentindo essa alta na demanda.

Na prática, a capital paraibana tem funcionado como ponto de partida para quem deseja explorar os festejos do interior em busca de um araiá mais raiz ou acompa-

nhar a programação junina nos principais palcos do estado. “João Pessoa continua sendo uma base de hospedagem para quem visita o interior. Muitos turistas optam por se hospedar na capital e visitar outras cidades durante esse período”, acrescenta Daniele. Mas, não é só isso. A capital também tem conquistado quem prefere aproveitar a temporada com os pés na areia. Com praias exuberantes, boa gastronomia e uma rede hoteleira bem estruturada, João Pessoa posiciona-se,



João Pessoa continua sendo uma base de hospedagem para quem visita o interior

Daniele Medeiros

mais uma vez, entre os destinos mais desejados em 2025, segundo a plataforma Booking.com. E neste São João não será diferente: apresentações de quadrilhas e trios de forró, além de nomes como Eliane, Jorge de Altinho, Zé Cantor e Magníficos, prometem movimentar a cidade ao longo de todo o mês de junho.

Agências especializadas investem em viagem bate-volta

Organizadas por agências especializadas, as viagens “bate-volta” tornaram-se uma alternativa segura e confortável, tanto para o turista hospedado na capital quanto para o pessoense que pretende viajar para Campina Grande. E os ônibus lotados comprovam essa tendência. Com 17 anos de experiência no ramo de excursões, Giovana Soares, da Agência Virtual de Viagens, reforça que a expectativa para este São João é bastante positiva, tendo em vista que a procura já está alta. “Com João Pessoa como a princesinha do Nordeste, até o Carnaval deste ano foi melhor. E o São João será ainda mais”, conta, destacando que, nos anos ante-

riores, chegou a lotar três ônibus por evento.

Aliás, quem viaja com ela não está atrás apenas de um “forrozinho” raiz: quer conforto, estrutura e a comodidade que só um bom camarote pode oferecer. Não por acaso, além do tradicional Parque do Povo, destinos como Spazzio, Vila Forró, Soul João e Vila Sítio São João estão entre os mais procurados por esses grupos. Segundo Giovana, os três primeiros destacam-se pela programação com grandes nomes da música nacional, enquanto a Vila Sítio mistura shows com cenografia típica, com direito a bodega, capela e clima interiorano. Com público cativado em João Pessoa e turistas

de fora do estado, como São Paulo, Brasília e Recife, Giovana reforça que o diferencial dessas excursões está na experiência. “Ofereço ainda lanchinho. O pessoal até brinca dizendo que é melhor que viajar de avião”.

Na mesma linha, a jornalista Gil Figueiredo, que organiza roteiros há mais de uma década, também acredita que o São João deste ano será inesquecível. “Já faz 11 anos que viajo para a Vila Sítio. E sempre acabava levando um ou dois ônibus cheios. Agora, já estou com um quase fechado para o dia 15 e já tem gente para o dia 5 também”, conta. Além do transporte, ela oferece ingresso e brindes. “Eu compro antes da

virada do lote. Faço um preço legal, divido no cartão, e durante o passeio sorteio bijuterias e até pizza”, enumera. Por R\$ 160, o viajante tem direito a ingresso, água mineral e traslado ida e volta.

Ao montar os pacotes, Gil também adapta os roteiros conforme a demanda e faz questão de oferecer pontos de embarque espalhados por João Pessoa, garantindo que o serviço realmente atenda às necessidades do público que a acompanha há anos. “Eu procuro fazer uma enquete para ver quais artistas as pessoas querem ver. Por exemplo, muita gente me pediu Flávio José.” A novidade deste ano, no entanto, vai além dos palcos mais tradi-



Giovana, experiente em excursões, está otimista este ano

cionais: ela promete incluir o tradicional Engenho Maravilha, em São Miguel de Taipu, a 42 km da capital, como um

dos destinos de bate-volta. “É uma experiência maravilhosa, um lugar com muita cultura”, conta a jornalista.

Interior do estado apresenta diferenciais durante o período

Mas, enquanto alguns viajam e voltam no mesmo dia, outros preferem mergulhar nas maravilhas que o interior paraibano tem a oferecer. E eles encontram isso em Areia, por exemplo, um dos municípios mais procurados do Brejo paraibano, onde o foco é a imersão no regionalismo. “Nós primamos pela valorização da cultura da terra. E essa cultura não é apenas algo subjetivo; é o artista, a gastronomia, os costumes”, diz Leonaldo Andrade, presidente da Associação de Turismo Rural e Cultural de Areia (Atura). Por lá, o visitante vivencia o genuíno forró pé de serra, longe do frenesi dos grandes palcos, o que, para ele, resume bem o espírito deste São João: forró, sabor e tradição. Tem comidinha típica, café

da manhã ao melhor estilo “do interior”, música ao vivo com artistas locais regionais, quadrilha e fogueira, tudo combinado em uma proposta de turismo genuinamente rural.

Com mais de 1.000 leitos e expectativa de ocupação total, a cidade tem conseguido atrair cada vez mais visitantes — e impulsionar o movimento nos municípios ao redor. “A gente tem hospedadas, nos fins de semana, mil pessoas. Com a rotatividade, são três mil por fim de semana, doze mil por mês. Mas, o número é muito maior se considerarmos quem visita os engenhos, por exemplo.” O objetivo, segundo Leonaldo, é fazer com que as pessoas queiram passar mais tempo na cidade do que um simples “ba-



Há muitos municípios se enquadrando em uma nova perspectiva de São João raiz. Estão construindo essa identidade

Josenildo Fernandes

te-volta”, apostando em uma experiência mais profunda. “Nós estamos, enquanto destino, interessados em turismo. Pessoas que enxergam Areia como um lugar desejável, que queiram vivenciá-la, que se hospedem, consumam em nossos estabelecimentos e tragam sua energia”, pontua.

Esse desejo de conexão com o território não é exclusivo de Areia. Ele atravessa todo o Brejo paraibano, que vem se consolidando como um verdadeiro polo de experiências culturais, afetivas e gastronômicas. “A região sempre se destacou nesse sentido. E aí, no período junino, tudo isso se intensifica”, enfoca Josenildo Fernandes, presidente do Fórum de Turismo do Brejo e secretário municipal de Turismo e

Cultura de Dona Inês. Segundo ele, até mesmo cidades que não têm programação oficial já estão com alta ocupação por conta do fluxo de visitantes que transborda de municípios vizinhos. “Boa parte dos cômodos em Dona Inês já estão locados para o São João, porque a gente recebe um fluxo de Bananeiras.” De acordo com ele, um dos destaques na cidade será o “Arraiá no Sítio”, dentro de uma comunidade rural, onde o público poderá conferir como acontece a torra de café, a produção de tapioca e pé de moleque, tudo isso embalado por forró pé de serra.

Para Josenildo, essa movimentação mostra que o São João do Brejo vem se transformando ano após ano. “Tem muitos municí-

pios se enquadrando em uma nova perspectiva de São João raiz. Estão começando a construir essa identidade”. “Uma identidade que se firma pela força de experiências como o Passeio dos Engenhos, que destaca a produção de cachaça e rapadura; o Roteiro das Flores, a Trilha Quilombola e a Rota do Café, entre outras aventuras. E quando o mês de junho termina, a festa continua com a Rota Cultural Caminhos do Frio, que, neste ano, começa no dia 30 e acontece nos municípios de Areia, Pilões, Remígio, Solânea, Serraria, Bananeiras, Matinhas, Alagoa Nova, Alagoa Grande e Borborema. “É saindo de um evento e entrando em outro. A ideia é que eles se complementem”, finaliza Josenildo.

MÚSICA

A benção, madrinha!

Astros do samba rendem homenagem a Beth Carvalho cantando seus sucessos na nova edição do “Sambabook”



Imagem: Divulgação

Conhecida como a madrinha do samba, Beth Carvalho se tornou um dos nomes históricos do gênero

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

O projeto *Sambabook* foi idealizado há 15 anos pelo empresário e produtor cultural Afonso Carvalho como um tributo multiplataforma a grandes compositores brasileiros do gênero dos “bambas”: João Nogueira (em 2011), Martinho da Vila (em 2013) e Dona Ivone Lara (em 2015) foram alguns dos que ganharam uma edição com shows e lançamentos em áudio, vídeo e livro. Em 2025, um precedente foi aberto para, mercadamente, homenagear uma artista que compôs de forma bissexta, mas que marcou o samba a ponto de ser eleita sua “madrinha”: o *Sambabook Beth Carvalho* reúne um coral de 32 vozes em reverência à intérprete e á está disponível nas plataformas de música.

A ideia partiu da proximidade profissional e pessoal de Afonso com Beth – ele foi seu empresário de 2004 até a data do falecimento da cantora, em 2019. Mas a presença dela na vida dele é bem anterior.

“Quando eu tinha oito anos, ali no final dos anos 1970, lembro de chegar numa partida de futebol de salão e encontrar todas aquelas crianças, da mesma idade, batucando e cantando ‘Vou festejar’, um de seus maiores sucessos. Anos mais tarde, quando estudava violão com Almir Chediak, em Copacabana, no Rio, encontrei Beth saindo de seu escritório, num carrão lindo. Aquilo me marcou demais”, rememora.

Com um catálogo diverso de artistas no currículo,

incluindo Bezerra da Silva, João Gilberto e Adriana Calcanhoto, Afonso foi convidado pela própria Beth para integrar sua equipe. A boa relação entre ambos não tem bases familiares (apesar do sobrenome em comum), mas houve, de cara, uma admiração mútua. Ele cita como uma qualidade da amiga o seu engajamento político na música.

“Beth sempre teve gratidão por figuras que foram importantes na vida dela, demonstrando esse afeto também por mim. Tanto que, o último DVD dela, *Ao Vivo no Parque Madureira*, foi dedicado a mim. Isso é algo muito emblemático na minha vida e de qualquer empresário”, atesta.

Assim como nas outras edições o *Sambabook Beth Carvalho* convocou artistas de diversas gerações do samba, como Diogo Nogueira, Leci Brandão e Rildo Holda, além de outros homenageados, a exemplo de Zeca Pagodinho e Jorge Aragão. No repertório, clássicos como “Fogo de saudade” (Sombrinha e Adilson Victor) e “Coisinha do pai” (Jorge Aragão, Almir Guineto e Luiz Carlos), consagrados na voz da própria artista ou renovados por meio de suas regravações.

Mas a seleção não se limita a intérpretes do gênero: Fagner e Zélia Duncan também marcam presença. Luana Carvalho, filha de Beth também foi chamada para dar nova vida a “Andança”, seu maior êxito (com os Golden Boys, presentes no registro original dos anos 1960).

Luciana Mello interpreta “Firme e forte”, faixa que dá nome ao álbum lançado em 1983. A artista lamenta não ter lembrança de conhecer Beth pessoalmente, mas celebra a oportunidade de partilhar o tributo com outras colegas. A sambista

e o pai, Jair Rodrigues, foram homenageados juntos no Festival de Música de Itajaí, em 2024.

“Eu tive a felicidade de ser chamada também para cantar ‘Tendência’ no *sambabook* do Jorge Aragão, há um tempo atrás. É sempre uma alegria, e é sempre muito importante para a nossa cultura deixar esse legado para outras gerações. ‘Firme e forte’, é um ‘sambão’, como diria meu pai, que eu canto desde criança, em casa. Eu me diverti bastante cantando”, afirma.

Afonso Carvalho celebra a boa repercussão do projeto *Sambabook* e espera que o mesmo sucesso alcance o volume dedicado a Beth – nessa década e meia, as 120 faixas que compõem todas as edições somam mais de 300 milhões de *streams* nas plataformas de áudio e outras 100 milhões exibições em plataformas de vídeo.

Ainda que tenha composto apenas oito canções na vida, a artista imprimiu uma marca indelével a cada trabalho, segundo o empresário. “Às vezes eu estou num lugar, ouço uma determinada música e mesmo que aquela música não seja a versão que ela fez, quem lançou aquela música foi a Beth Carvalho. Então Beth é uma artista que, de certa maneira, era dona do repertório que cantava”, conclui.

Fotos: Washington Possato/Divulgação



Luciana Mello, Zeca Pagodinho, Péricles e Tereza Cristina são alguns dos convidados

QUATRO DISCOS DA MADRINHA

BETH CARVALHO ANDANÇA

ANDANÇA (1969)

Primeiro disco da cantora, lançado no rastro do sucesso da música homônima, que alcançou o terceiro lugar no Festival Internacional da Canção de 1968.



CANTO PARA UM NOVO DIA (1973)

Se o primeiro LP foi mais tímido em relação ao gênero, este, o segundo, “escancarou” a verve sambista de Beth. Inclui o êxito “Folhas secas”.



PRA SEU GOVERNO (1974)

Com um nome ousado para um disco lançado em plena Ditadura, levou às rádios “Miragem” e “1800 colinas”. Inclui “Agora é Portela”.



NO PAGODE (1979)

LP de grande repercussão que abre com “Coisinha do pai”. No mesmo repertório, estão “Xô gafanhoto”, “Samba no quintal” e uma regravação de “Andança”.



Foto: Washington Possato/Divulgação

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

Sérgio Buarque, cordialidade e Estado brasileiro

Um dos diagnósticos de Sérgio Buarque de Holanda sobre a formação do Brasil é a afirmação de que o nosso Estado nacional não se constituiu a partir de um sistema de administração moderno, baseado na burocracia e na dominação de tipo racional-legal.

No Brasil, o Estado seria uma continuação da família. Uma forma, portanto, pré-moderna. Aristóteles, por exemplo, via na formação estatal uma relação progressiva com a família e um ponto de culminação da humanidade. Ele não é apenas uma convenção ou pacto artificialmente criado pelos indivíduos para suprir certas necessidades, como pensavam alguns dos mais importantes filósofos políticos modernos. O Estado, para Aristóteles, é assim o ponto mais elevado no qual a natureza humana pode se realizar. Sua função é satisfazer as necessidades políticas, morais e sociais mais importantes dos homens, enquanto a família teria por função prover as necessidades básicas.

Aristóteles também concebia o mundo através de hierarquias. A família para ele seria naturalmente patriarcal, estabelecendo uma forma na qual o homem estaria acima da mulher, o pai comandaria os seus filhos e na sua condição de senhor dominaria os escravos. Tal estrutura hierárquica seria reproduzida pelo Estado.

A filosofia moderna que sustenta a formação de uma nova institucionalização estatal é avessa a essa ideia; de Hobbes a Rousseau, o Estado nasce de um contrato entre indivíduos. Ele não é natural, mas

apenas um mal necessário. A separação entre família e Estado é um processo fundamental para a constituição das sociedades modernas.

Max Weber dizia que o Estado moderno é o detentor do monopólio legítimo do uso da violência. Além disso, o exercício do poder político estaria sujeito a regras jurídicas e ritos burocráticos racionais e impessoais. O governante não teria poderes para além daquilo que estabelece os regulamentos que são exteriores à sua vontade. Isso também valeria para os funcionários públicos. Ao contrário do que acontecia na Europa medieval, mundo no qual a política estava firmemente assentada em obrigações morais, na honra familiar, nos afetos, impossibilitando a existência de um governo que operasse na lógica de uma administração impessoal.

O sociólogo Norbert Elias vai captar como ninguém esse processo. A centralização do poder possibilitada pela forma histórica assumida pelos estados modernos criou as condições para que as redes impessoais perdessem força. Emoções como vingança, orgulho familiar e honra vão enfraquecendo, devido ao surgimento de formas de sociabilidades que incentivarão o autocontrole e a repressão desses sentimentos, enquadradas por regras de etiquetas e civilidade.

Na visão de Sérgio Buarque de Holanda, esses elementos fundamentais da modernidade política não se desenvolveram adequadamente no Brasil. A velha ordem familiar, por aqui, ainda não teria sido su-

perada. O Estado brasileiro seria dominado por interesses privados, familiares, que estabelecem redes pessoais na administração pública de caráter patrimonialista. A família patriarcal e o Estado se confundiriam, numa espécie de amalgama do atraso.

Segundo Sérgio Buarque, podemos ver essas características fortemente na cultura do país, na forma como nos relacionamos uns com os outros no espaço público. Os brasileiros seriam caracterizados pelo caráter da cordialidade. Bastante afetivos, passionais, hospitaleiros, generosos e ainda bastante resistentes à autoridade.

A polidez seria frágil na sociabilidade brasileira. Teríamos dificuldade de seguir formalidade, tentando sempre criar meios mais personalizados de interação com os outros. Ele argumenta que podemos ver isso no hábito de não nos dirigirmos às pessoas pelo sobrenome, mas pelo nome de batismo.

O que pode ser observado no uso corrente que fazemos de palavras no diminutivo: cafezinho, bolinho, Pedrinho, Jairzinho... Sérgio Buarque diz que nem os santos católicos escapam desse jeito pessoalizado de ser. Chamamos Santa Tereza de Santa Terezinha e mostramos uma dificuldade de seguir muitos ritos litúrgicos da Igreja.

Numa clara demonstração de que não conseguiríamos separar a casa do Estado ou "casa da rua", como dizia o antropólogo Roberto da Mata.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

As escâncaras

Não conheço ninguém chamado Dr. Gentil, mas deve ter por aí, com seus acréscimos e enunciados. Não vou procurar no Google. Tenho dois amigos, Gislene e Robson Nery Gentil, e lembro de Paula Gentil. Não sei se soaria bem o meu nome K Gentil, eu gosto do Pinheiro, e por inteiro, sou gentil. Às escâncaras.

Quem não é gentil não sabe o que conta que a flecha que sobe sem alcançar o alvo vira e retorna. Pá.

Nem mesmo no bonde, o velho bondinho ou um aviãozinho, e tudo é legal, numa cena de bonança, mas muitos deixam de ser gentis, para olhar somente para seus perfis. Você trabalha com quê? Trabalho nas nuvens e sei que paro por um instante no ponto sem dar tempo de descer e depois continuar nas nuvens – eu possa até ficar por lá, sabia?

O lugar da gentileza parou, mas a gentileza jamais será consumada. Nem uma coisa nem outra, nada é uma onda perpétua, a permanecer estagnada. Tô fora.

Como nós diante de uma estrela, somos chão no topo de um abacateiro ou uma flor-de-maracujá e as pétalas de uma camélia apaixonada. Apaixonar pode, mas não pode deixar de ser gentil por quem você está se aproximando.

A gentileza não desiste, renasce, e seu tempo não enfeita o agora. Seja gentil pelo menos uma vez por semana.

A gentileza não personifica nada. É por natureza, uma obrigação. Às vezes encontro com ela na rua, na sua, e continuo na minha, na dela, dobra a esquina e some. É como a morte vem acena vai e leva.

Quem soma? Meu espaço me transformado todo dia. Há quem acredite nisso e há quem vive a vida toda usando suspensórios para não arrear as calças. É gosto, e quem gosta arregala o peito. Alguns independentes chegam mais perto. Quase igual aos que batem nas paredes para pendurar um quadro. Depois, é só memória.

A gentileza não deixa rastro, ela passa e volta, mas ela só passa quando você se levanta e dá a volta por cima. Quero ver quem dar.

O vizinho fica bravo quando eu esqueço de lhe dar bom dia. Ele está certo, só que eu agradeço a parceria.

O cara diz horrores comigo no trânsito, fazendo gestos com os dedos e o sinal abre e fecha e ele "fechando" ali na avenida Beira Rio. Meu amigo, eu apitei porque você não viu que o sinal abriu e fechou. Pois é, não larga o celular.

Na hora dos anjos eu deço da escada de um dia atrás do outro e às vezes nem ri para minha cachorra Lili. Ela é tão gentil...

Às 4 e meia do dia seguinte, o seguinte não falha. Não consigo ficar silencioso no tráfego humano, olá, opa!

Então, pelos dias tudo se transforma. Pra mim a vida imita a fênix, sempre diferente, quando é sempre a mesma, mas diferente e prestes a se metamorfosear.

Você conhece a história do José Dadrino, aquele para quem Marisa Monte fez uma canção chamada Gentileza?

Kapetadas

1 – Imbecil tem em todo canto, mas ele não tem tédio. Basta ver o Elon Musk perdendo bilhões em foguetes que não servem para nada.

2 – Nosso destino é uma grande liquidação: quanto mais corremos, maior o desconto na felicidade.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | Colaborador

Desamparo e narcisismo

A sociedade contemporânea apresenta um paradoxo: enquanto promove a hiperconectividade e o acesso quase irrestrito à informação, simultaneamente gera um grave sentimento de desamparo e um crescente narcisismo, que se configura como uma brutal resposta defensiva. Esse fenômeno revela as contradições do projeto civilizatório deste século e suas repercussões na constituição subjetiva dos indivíduos.

O desamparo se manifesta como uma condição estruturante da experiência humana. Ele é observado desde as primeiras vivências na maioria dos bebês, quando se expressa pela incompletude do organismo e pela dependência do outro. Essa condição primordial, que nunca é completamente superada, é revisitada ao longo da vida, especialmente quando os referenciais simbólicos que sustentam o laço social entram em colapso ou são destruídos. Por exemplo, o sujeito contemporâneo, assim, se vê desprovido dos suportes identificatórios que tradicionalmente ofereciam sentido à existência. Esse desamparo intensificado encontra, no narcisismo, uma resposta defensiva predominante.

O narcisismo nos dias atuais tornou-se uma estratégia de sobrevivência psíquica em um mundo que orienta o indivíduo para a intensificação do próprio bem-estar como a única alternativa de existência, desconsiderando a solidariedade e a responsabilidade social. Nesse processo, o sujeito com grave deficiência emocional, diante do desamparo gerado pela fragilização dos laços sociais, se refugia em um narcisismo defensivo que, paradoxalmente, apenas amplifica seu egoísmo, isolamento e vulnerabilidade. Em *A Cultura do Narcisismo – Uma Era de Expectativas Decrescentes* (1979), o historiador norte-americano Christopher Lasch observa que, atualmente, se consolida uma "ética da sobrevivência narcísica", que, ao priorizar o bem-estar individual, enfraquece ainda mais as possibilidades de solidariedade, ou seja, de uma construção coletiva da dignidade humana e do sentido da vida.

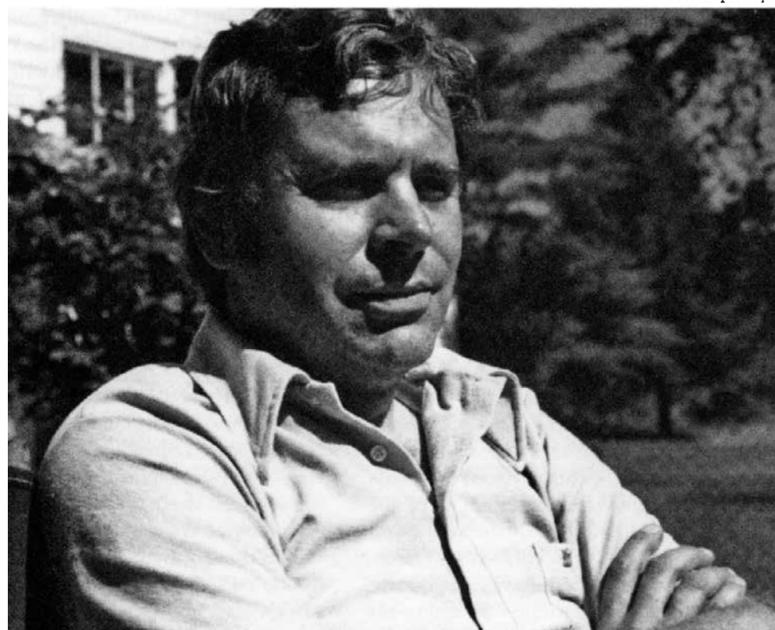


Foto: Reprodução

Christopher Lasch: priorizar o bem-estar individual enfraquece possibilidades de solidariedade

A dinâmica circular entre desamparo e narcisismo gera expectativas decrescentes quanto aos novos valores morais, que refletem a degradação do comportamento coletivo. O esvaziamento do sentido da existência, a precarização dos vínculos sociais e a intensificação da violência, na forma de negação da diferença e da alteridade, destroem os princípios da responsabilidade social. Para evitar esse colapso, é necessário reconhecer o desamparo como uma condição inerente à existência humana e promover a construção de novos laços sociais que não neguem a diferença. Nesse sentido, é imprescindível resgatar a solidariedade e os vínculos sociais como instrumentos para a gestão do desamparo.

O cidadão contemporâneo, portanto, é desafiado a um paradoxo: reconhecer sua condição de desamparo sem sucumbir ao narcisismo defensivo; afirmar sua singularidade sem negar a alteridade; e construir vínculos significativos em um cenário de fragilização institucional. Trata-se de reinventar o próprio senso de cidadania, não mais como um pertencimento passi-

vo a uma comunidade, mas como um processo ativo de construção de laços sociais que reconheçam tanto a vulnerabilidade quanto as potencialidades humanas. Nesse desafio, a superação do narcisismo contemporâneo não ocorrerá pelo retorno nostálgico a identidades fixas e hierarquias rígidas, mas pela construção de uma ética da alteridade que reconheça o desamparo como uma condição compartilhada e, a partir dele, estabeleça novas formas de solidariedade e responsabilidade mútua.

Sinta-se convidado à audição do 521º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 25, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar (clique em rádio ao vivo) pelo aplicativo em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante a transmissão, analisarei os temas presentes em algumas de suas obras e as contribuições do compositor tcheco Antonín Leopold Dvořák (1841-1904) para o nacionalismo musical, destacando como ele uniu seu país ao incorporar elementos da ancestralidade e do folclore tcheco em sua música.



Foto: Divulgação

Gentileza, poeta urbano personagem de canção de Marisa Monte

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor | Colaborador

Memórias que o tempo (não) levou...

Houve quem dissesse, não lembro bem quando, que ele é um verdadeiro guardião das coisas da cultura paraibana. Influente amigo nosso há mais de meio século, o historiador José Octávio de Arruda Mello, como de costume, novamente me surpreendeu, trazendo-me publicações suas e minhas, que fazem parte de suas memórias. Não raro, são entregues na portaria do Residencial São Marcos, em Tambaú, onde tenho meu segundo endereço.

Esta semana não foi diferente. Chegando ao apartamento, nosso porteiro Clodomiro foi logo me abordando com um pacote nas mãos, afirmando: "O professor Zé Octávio deixou para o senhor, dizendo ser importante". Pelo que agradei, já sabendo ser mais um de seus alfarrábios.

Consultando o calhamaço, então, vi ser mais uma de suas reflexões sobre o nosso movimento cinematográfico. Aliás, um dos atributos de abordagem do amigo historiador, pelo que tenho notado durante todos esses anos, tem sido relacionar o cinema com a literatura e suas instituições. E não é sem razão que ele próprio reconhece: "...A dinâmica da sétima arte toma como fulcro a Academia Paraibana de Cinema". Assunto que ele publicou há algum tempo atrás em **A União**.

O recorte acima, que acabo de receber do amigo Zé Octávio, e que foi publicado na minha coluna dominical em janeiro de 2020, sob o título "Uma nova história da Paraíba resgatando valores do cinema", traz ainda destaque sobre o filme *Parahyba*, que realizamos em 1985, quando da celebração do quarto centenário da Paraíba.

Falando ainda de cinema e Zé Octávio, no mesmo pacote que recebi veio também uma revista *Genius* (janeiro/dezembro de 2024), onde se destaca um de seus artigos: "Filmes e livros acerca de 1964", onde o historiador faz um amplo relato sobre a trajetória



Foto: Arquivo pessoal

José Octávio de Arruda Mello: raízes da Paraíba e suas histórias sempre em seu interesse

Relações

Um dos atributos de abordagem do amigo historiador, pelo que tenho notado durante todos esses anos, tem sido relacionar o cinema com a literatura e suas instituições

da política na Paraíba. E aí entra o cinema, logo na abertura do seu artigo, quando afirma "...inspirados em livros geram produções (cinema) como *Lamarca*, *O Sequestro do Embaixador Americano*, *Batismo de Sangue*, além de *O Dia que Durou 21 anos*."

Como se tem notado, a Paraíba, suas raízes e suas histórias sempre estão nas preocupações e discussões do amigo Zé Octávio. Tudo, em nome de um grupo - "José Honório Rodrigues" - do qual sempre fiz parte. E isso tem sido levado ao cinema, ganhando ainda mais dinâmica e compreensão acadêmica. - *Mais "Coisas de Cinema": www.alexasantos.com.br*

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

Escritor | hildebertopoesia@gmail.com

Essa é a minha gente!

Dr. Diego, preto de sorriso branco. Alma lavada nos saís de antigas viagens. Espécime legítimo da raça. Sabe direito como poucos. Advogado desenvolvido e habilidoso. Gentil, educado, fino como um lorde inglês. Fala da vida, fala de si, seu bom gosto, amigos, aventuras, um leve toque de quem teve dor e felicidade e de quem sabe os continentes indevassáveis das novas mulheres do novo mundo. Diria que há uma poética jurisprudência no seu modo de ser.

Naldinho, velho personagem que sempre me traz o mar dentro do bolso e do coração. Aprendeu a malícia das ondas e sabe que a terra, dura e concreta, carece das espumas da próxima travessia, do roteiro de geografias nunca mapeadas. Imagino Naldinho num país da China, ao abrigo de navios abandonados, dançando, como Zorba, o grego, em meio a gueixas, divindades e zenbudismo. Diria que Naldinho é um rei mitológico no topo do Tibete.

Paulo Bonifácio, exemplo carnal de Eros erodido pela fome ancestral do prazer. Ninguém sabe, como Paulo, escalar os cumes ínfimos e interiores de mulheres aladas. Só ele sabe o sabor dos anjos negros, das ninfas noturnas, das silfides de hoje e de antigamente. Só ele é capaz de diluir fortunas pelas roxas regiões intumescidas e criar um principado de acácias e açucenas. Diria ser Paulo o único que descobriu um Deus no cheiro do touro e a escondida eucaristia do beijo grego.

Vassoura, sertanejo, homem das bandas de lá como eu, dirige, dia e noite, a solidão dos outros. Vassoura é daqueles raros homens de bem. Pai de família, trabalhador, bebe a cerveja do domingo, decerto para suportar a carga de ser homem. Gosto dele, do seu jeito bom, destemido, aéreo e fanado nas nuvens da vida. Diria que Vassoura, entre outros, me dá lições de humildade e sabedoria. Lições de que toda direção é sem destino!

Todo domingo bato o meu ponto em meio a essa gente tão gente. Ali, na prosa fiada e anônima, me encontro um pouco comigo. Fico menos triste

Tarcísio Pereira, imortal que não tem onde cair morto, refina a mesa de plástico do MBS com suas estórias de grande escritor. Só bebe cerveja barata, só escreve como os melhores, faz *freelancer* das dores do mundo. Homem de caráter, homem que também veio de lá, lá das terras de Maringá, por onde se deu o povoamento do Sertão. Diria que só Tarcísio, como um virtuoso das fabulações, é capaz de transformar Teodósio de Oliveira Ledo num grande personagem de ficção. Que o faça um dia para o gozo solitário de seus leitores.

Farias é o dono da casa. De Taperoá. Primo de Vital, irmão de Marcos. Se não tem a mercancia nas veias, tem a música no sangue. Homem cordial, bonachão, hospitaleiro. Criou a BMS, Banca Boa Sorte, a que denominei, num tarde etílica e desvaçada, de "O desequilíbrio do ser". Hoje administra o MBS, Mercadinho Boa Sorte, e abre seu coração para seus clientes desesperados. Diria que Farias é uma espécie de pai de todos nós, filhos carunchados, carentes, problemáticos, errantes, humanos...

Essa é a minha gente!
 E tem muito mais. Leo, Pipico, Milton, Ney, Patrick, Alexandre, Denilson, Sátiro, Professor Zé Roberto, Mineiro, Dr. Gilson Rolim, Maestro Sandoval, Fernando, Eriberto. Este, com sua voz oceânica e seu bigode medieval, e outros mais que vão ficar, decerto, na doce memória do esquecimento. Naquela fração de segundos onde a eternidade se dilui e se dissipa.

Todo domingo bato o meu ponto em meio a essa gente tão gente. Ali, na prosa fiada e anônima me encontro um pouco comigo. Fico menos triste. A poesia, de olho no anódino e no mistério das coisas desse mundo, me ronda os passos e me atíça a exaurida sensibilidade. Me sinto mais um qualquer igual a todos. Isto me lembra o meu lugar, isto me mostra a possibilidade de uma outra metafísica, isto fustiga os iluminados compassos da poesia, isto me ensina que viver não é nada mais do que isto.

Essa é a minha gente!

Colunista colaborador

APC: inscrições continuam abertas

A Academia Paraibana de Cinema continua com suas inscrições abertas, até o dia 13 de junho, para cadeira vaga 37 do jornalista e cineasta paraibano Carlos Aranha. As inscrições devem ser feitas na Unidade Tambaú da FCJA, no seguinte endereço: Academia Paraibana de Cinema, Avenida Nossa Senhora dos Navegantes, 122, Tambaú, próximo à Esquina 200.

Documentação exigida: comprovante de que é paraibano nato, ou que mora na Paraíba há mais de cinco anos, além de currículo apresentando participação em ações audiovisuais e no cinema, tudo em envelope lacrado.



CHICAGO SUN-TIMES

Conteúdo de IA cria livros falsos em matéria

Alice Labate
 Agência Estado

A edição de domingo passado, 18, do jornal americano *Chicago Sun-Times* virou alvo de críticas após a publicação de uma lista de leitura com livros inexistentes e matérias com fontes inventadas, todos gerados por inteligência artificial (IA). O conteúdo fazia parte de uma seção especial de 64 páginas intitulada "Índice de calor: seu guia para o melhor do verão".

O jornal afirmou em nota que a seção foi feita por um parceiro externo e não teve participação da equipe editorial. A publicação digital da lista foi retirada do ar, e os assinantes da versão impressa não serão cobrados pela edição.

Entre as recomendações de leitura, estavam títulos fictícios atribuídos a autores reais, como *Nightshade Market*, supostamente de Min Jin Lee, e *Boiling Point*,



Foto: Art Sineiber/Divulgação

Min Jin Lee: jornal divulgou um livro dela que não existe

creditado a Rebecca Makkai. Ambos os livros não existem. O nome do jornalista *freelancer* Marco Buscaglia, autor da lista, aparece em outras reportagens do jornal, como uma matéria sobre redes sociais que também cita especialistas fantasmas.

Buscaglia admitiu, em entrevista ao próprio *Chicago Sun-Times*, que usou IA para compilar os dados e

não fez a checagem das informações antes de enviá-las à empresa King Features Syndicate, responsável pela produção do conteúdo. "Estupidamente, e 100% culpa minha, acabei de republicar esta lista que [um programa de IA] divulgou", disse.

O caso não se restringe ao *Chicago Sun-Times*. O também americano *Philadelphia Inquirer* já chegou

a publicar uma seção semelhante com material da mesma empresa e admitiu que parte do conteúdo era "aparentemente fabricado, totalmente falso ou enganoso".

A King Features, por sua vez, informou que encerrou o contrato com Buscaglia por violação de política editorial. Em comunicado, a empresa disse estar trabalhando com os poucos clientes que adquiriram a edição e lamentou o incidente.

De acordo com o *Chicago Sun-Times*, a CEO da Chicago Public Media, Melissa Bell, que administra o jornal americano, classificou o episódio como "inaceitável" e afirmou que o conteúdo deveria ter sido claramente rotulado como produzido fora da redação. Ela prometeu transparência na apuração e declarou que a organização está reavaliando o relacionamento com o parceiro de conteúdo.

TEATRO

Evento apresenta 17 peças

Festeby começa amanhã, no Teatro Ednaldo do Egypto, com três sessões

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Ano passado, quando o Coletivo Teatral Sonhe que Dá abriu inscrições para a primeira edição do Festival de Teatro Bayeuxense (Festeby), a proposta era atender a grupos apenas da Paraíba. Mas gente de Goiás, de Pernambuco e Ceará, ficaram interessados e todos foram recebidos. Mesmo ainda prezando pelos grupos paraibanos, a segunda edição, que acontece de amanhã a domingo (1) no Teatro Ednaldo do Egypto, em Manaíra (JP), amplia os horizontes e passa a acolher produções de várias partes do país. A programação completa pode ser conferida no quadro abaixo.

As sessões são gratuitas, mas os ingressos limitados devem ser retirados com antecedência na bilheteria. De acordo com Cristiano Costa, diretor do

coletivo que organiza o evento, a mudança de local ocorreu devido à necessidade de adaptações estruturais no antigo espaço do festival.

Em 2024, o Festeby aconteceu em um centro de formação de professores de Bayeux, um prédio que foi aos poucos reformado pelo coletivo com recursos próprios. No entanto, com a promessa da futura implantação de um equipamento cultural do Governo Federal no lugar, decidiram trazer o evento para João Pessoa, onde já possuíam parcerias anteriores com o Cara Dupla Coletivo de Teatro.

“O Ednaldo do Egypto é uma casa acolhedora. São nove estados competindo em espetáculos maravilhosos”, pontua a produtora do evento, Leticia Rodrigues, que assistiu a boa parte das peças quando de suas apresentações na estrada.

A edição deste ano contou com 33 inscrições de vários estados. “Receber esse volume de inscrições na segunda edição foi surpreendente. A curadoria, composta por dois agentes culturais, selecionou os espetáculos com base em categorias como monólogo, adulto e infantil, sempre prezando pela qualidade”, afirma Cristiano.

Entre as peças paraibanas destacam-se a montagem do clássico de Plínio Marcos, *Navalha na Carne* (dirigido e interpretado por Fabíola Ataíde), de João Pessoa, que será apresentada amanhã; *Brasileiro Sim Sinhô*, uma comédia de Campina Grande, também amanhã; e *Alforria*, monólogo de Cuité, que entra em cena terça.

O festival terá 10 premiações em categorias como melhor ator, iluminação, cenário e figurino. Há ainda prêmios em dinheiro para os melhores espetáculos de

ONDE:

■ TEATRO EDNALDO DO EGYPTO (Av. Maria Rosa, 284, Manaíra, João Pessoa).

cada categoria e o prêmio de júri popular. “Temos uma premiação, pequena ainda, mas uma premiação em dinheiro, de R\$ 1 mil, para os melhores espetáculos”, diz o diretor.

Com expectativas elevadas, Cristiano Costa celebra o reconhecimento conquistado em tão pouco tempo. “Hoje, somos conhecidos em todo o estado. Muitos grupos que inicialmente não acreditavam na proposta agora buscam participar, o que reflete a consolidação do Festeby como um evento de referência”, finaliza o diretor.

Fabíola Ataíde em “Navalha na Carne”: amanhã



PROGRAMAÇÃO COMPLETA

■ SEGUNDA

9h30 – *O Livro da Alegria* (Pirilampo Produções, livre)
14h30 – *Brasileiro, Sim, Senhô* (Duoniso Coletivo, 14 anos)
20h – *Navalha na Carne* (16 anos)

■ TERÇA

9h30 – *O Dia da Caça* (Grupo Arte e Fogo, livre)
14h30 – *Alforria* (Cia. Viravolta, 10 anos)

20h – *Margarida Solitária* (Cia. Filipea, livre)

■ QUARTA

10h – Oficina Corpo Vivo
14h30 – *Shakespeare Nordestino – A Mais Lamentável Comédia, a Triste Estória de Cleriston e Josicleia* (Grupo Chamas em Cena, livre)
20h – *O Fim do Mundo* (Teatro Camboio de Doido, 18 anos)

■ QUINTA

9h30 – *Tucumã & Buriti – As Brocadas do Tarumã-Açú* (Grupo Jurubebas, 10 anos)
14h30 – *Um Minuto para Dizer que Te Amo* (Isca, 14 anos)
20h – *Pense num Fuá* (Cia. Encena, livre)

■ SEXTA

9h30 – *O Lobisomem Guarã da Vargem Grande* (Cia. Pais e Fi-

lhos, livre)

14h30 – *A Menina que Rouba Lixo* (Polo Lauro de Freitas, livre)
20h – *Geni* (Coletivo Libertas, 16 anos)

■ SÁBADO

10h – Oficina Rostos Ocultos, Vozes Reveladas
14h – *Nem Plauto, nem Shakespeare – Uma Comédia Genuína*

(Os Plautos, 10 anos)

17h – *A Lição* (Grupo Tabuleiro, 14 anos)
20h – *Severinos* (Grupo Armorial, 12 anos)

■ DOMINGO

14h – Grupo Cultural de Mulheres Jardim da Esperança
14h30 – Coletivo Teatral Sonhe que Dá
15h30 – Premiação

Em Cartaz



Cinema

Programação de 22 a 28 de maio, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira, Remígio e São Bento. * Até o fechamento desta edição, o Cine RT, em Remígio, não havia divulgado sua programação.

ESTREIAS

LILLO & STITCH (*Lilo & Stitch*). EUA, 2025. Dir.: Dean Fleischer Camp. Elenco: Chris Sanders (voz), Maia Kealoha, Sydney Agudong, Zach Galifianakis, Courtney B. Vance, Tia Carrere, Jason Scott Lee. Infantil/aventura/comédia. Garota solitária faz amizade com alienígena destruidor que está em fuga. Refilmagem live action da animação de 2002. 1h48. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 3D: 13h, 18h; 2D: 15h30, 20h30. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 14h, 16h30, 19h, 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 14h15, 16h45, 19h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: dom.: 12h30, 15h, 17h30, 20h; seg. a qua.: 15h, 17h30, 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 3D: dom.: 11h, 13h30, 16h, 18h30, 21h; seg. a qua.: 13h30, 16h, 18h30, 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: dom.: 10h30, 13h, 15h30, 18h, 20h30; seg. a qua.: 13h, 15h30, 18h, 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: dom.: 12h10, 14h30, 17h, 19h30, 22h; seg. a qua.: 14h30, 17h, 19h30, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): dub.: 3D: 11h30, 14h, 16h30, 19h, 21h30; seg. a qua.: 14h, 16h30, 19h, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: dom.: 11h30, 14h, 16h30, 19h, 21h30; seg. a qua.: 14h, 16h30, 19h, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: dom.: 10h30, 13h, 15h30; seg. a qua.: 13h, 15h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 3D: dom.: 11h, 13h30, 16h, 18h30, 21h; seg. a qua.: 13h30, 16h, 18h30, 21h. CINESERCLA TAMBÁ 1: dub.: 14h50, 16h55, 19h. CINESERCLA TAMBÁ 2: dub.: 14h40. CINESERCLA TAMBÁ 3: dub.: 14h35, 16h40, 18h45, 20h50. CINESERCLA TAMBÁ 5: dub.: 3D: 15h10; 2D: 17h20, 19h30. CINESERCLA TAMBÁ 6: dub.: 14h10, 16h15, 18h20, 20h25. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 3D: 15h10; 2D: 17h20, 19h30. CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 14h10, 16h15, 18h20, 20h25. CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 14h40. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 14h15, 16h20, 18h25. Patos: CINE GUEDES 1: dom.: dub.: 14h. CINE GUEDES 2: dub.: 19h25. CINE GUEDES 3: dub.: 3D: 14h30, 16h40, 18h45; 2D: 20h50. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 19h10. CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: dom.: 13h, 15h10; seg. a qua.:

15h10. CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: dom.: 3D: 14h, 18h20; 2D: 16h10, 20h30; seg. a qua.: 2D: 16h10, 20h30; 3D: 18h20. São Bento: CINE VIEIRA: dub. 18h30, 20h50.

MISSÃO: IMPOSSÍVEL – O ACERTO FINAL (*Mission: Impossible – The Final Reckoning*). Reino Unido/EUA, 2025. Dir.: Christopher McQuarrie. Elenco: Tom Cruise, Hayley Atwell, Ving Rhames, Simon Pegg, Esai Morales, Pom Klementieff, Henry Czerny, Angela Bassett, Cary Elwes. Aventura. Equipe de agentes parte para o confronto final contra uma inteligência artificial que ameaça o mundo. Oitavo da série que começou em 1996, baseada na série de TV de 1966. 2h49. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 17h15; 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 13h45, 17h20, 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: leg.: 12h45, 16h15, 19h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 14h15, 17h45, 21h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 14h45, 18h15, 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 14h45, 18h15, 21h45. CINESERCLA TAMBÁ 4: dub.: 17h10, 20h20. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 17h10, 20h20. CINESERCLA PARTAGE 5: leg.: 20h30. Patos: CINE GUEDES 1: dub.: 17h40, 20h40. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 17h20, 20h30.

REAPRESENTAÇÃO

CIDADE DOS SONHOS (*Mulholland Dr.*). EUA, França, 2001. Dir.: David Lynch. Elenco: Naomi Watts, Laura Harring, Robert Forster. Thriller. Jovem atriz em Hollywood se vê emaranhada numa intriga surreal com uma mulher que escapou por pouco de ser assassinada. 2h26. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: dom., 25/5; 19h; sab., 31/5; 19h.

ONDA NOVA. Brasil, 1984. Dir.: José Antonio Garcia e Ícaro Martins. Elenco: Carla Camurati, Cristina Mutarelli, Tânia Alves, Vera Zimmermann. Comédia/erótico. Meninas formam um time de futebol feminino e lidam com problemas pessoais e a liberdade de comportamento. 1h42. 18 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: sab., 24/5; 17h; qui., 29/5; 20h30.

CONTINUAÇÃO

ABÁ E SUA BANDA. Brasil, 2025. Dir.: Humberto Avelar. Vozes: Filipe Bragança, Zezé Motta, Rafael Infante. Animação. O príncipe do Reino do Pomar precisa enfrentar um vilão para conseguir realizar

o sonho de ser músico. 1h24. Livre.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom., 25/5, e sab., 31/5; 15h.

CAPITÃO ASTÚCIA. Brasil, 2025. Dir.: Filipe Gontijo. Elenco: Fernando Teixeira, Paulo Verlings, Nivea Maria. Comédia. Um ex-astro mirim frustrado com sua carreira de pianista, foge de um revival na TV e busca refúgio na casa do avô, um senhor determinado a se tornar um super-herói. 1h30. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: sab., 31/5; 17h.

HOMEM COM H. Brasil, 2025. Dir.: Esmer Filho. Elenco: Jesuíta Barbosa, Bruno Montaleone, Jullio Reis, Hermila Guedes. Drama. As diferentes fases da carreira do cantor Ney Matogrosso, desde a sua infância até a vida adulta, sempre desafiando padrões. 2h10. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: 18h15.

KARATÊ KID – LENDAS (*Karate Kid – Legends*). EUA, 2025. Dir.: Jonathan Entwistle. Elenco: Ben Wang, Ralph Macchio, Jackie Chan, Ming Na-Wen. Aventura/drama. Prodigio do kung fu muda-se para Nova York e é alvo da rivalidade de um campeão local de karatê. 1h58. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 15h. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 22h20. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 18h. CINESERCLA TAMBÁ 2: dub.: 16h50. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 16h50. Patos: CINE GUEDES 1: dub.: 15h55. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 17h10.

LISPECTORANTE. Brasil, 2025. Dir.: Renata Pinheiro. Elenco: Marcélia Cartaxo, Pedro Wagner, Grace Passó, Karina Buhr. Drama. Mulher volta a sua cidade natal e vê cenas fantásticas através de frestas das ruínas de onde morou a escritora Clarice Lispector. 1h33. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom., 25/5; 17h; qui., 29/5; 18h.

PREMONIÇÃO 6 – LAÇOS DE SANGUE (*Final Destination – Bloodlines*). EUA, 2025. Dir.: Zach Lipovsky e Adam B. Stein. Elenco: April Telek, Tony Todd, Brec Bassinger. Terror. Atormentado por pesadelos, estudante retorna à sua cidade para encontrar a única pessoa que pode salvar sua família de um destino terrível. Sexto da série que começou em 2000. 1h50. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 14h50, 17h15, 19h40; leg.: 22h10. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 14h30, 17h, 19h30, 22h. CINESERCLA TAMBÁ 2: dub.:

18h40, 20h50. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 18h40, 20h50. Patos: CINE GUEDES 2: dub.: 17h10, 21h25. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 21h20.

THUNDERBOLTS* (*Thunderbolts**). EUA, 2025. Dir.: Jake Schreier. Elenco: Florence Pugh, Sebastian Stan, David Harbour, Lewis Pullman, Hannah John-Kamen. Aventura. Equipe de anti-heróis embarca em uma missão perigosa que os forçará a confrontar seus passados. 2h06. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 21h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 20h15. CINESERCLA TAMBÁ 4: dub.: 14h50. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 14h50. Patos: CINE GUEDES 2: dub.: 14h45. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 14h40.

CONTATO

CENTERPLEX: (MAG Shopping, JP - https://centerplex.com.br/cinema/joao-pessoa/). **CINE BANGÜÊ:** (Espaço Cultural, JP - Instagram: @cinebanguê). **CINÉPOLIS:** (Manaíra Shopping, JP - https://www.cinepolis.com.br/complexos/10791-cinepolis-manaíra-shopping/; e Mangabeira Shopping, JP - https://www.cinepolis.com.br/complexos/10726-cinepolis-mangabeira/). **CINESERCLA:** (Tambiá Shopping, JP, e Partage Shopping, CG - https://www.cinesercla.com.br). **CINE GUEDES:** (Guedes Shopping, Patos - https://www.guedeshopping.com.br/entretenimento/cinema). **CINE RT:** (Remígio - Instagram: @cinertremigio). **CINE VIEIRA:** (São Bento - Instagram: @cinevieira_sb).

Teatro

HOJE

ESCARRO INÍCIO. Monólogo interpretado por Leno Sacramento.

Cabedelo: FORTALEZA DE SANTA CATARINA (R.Francisco Serafim, s/n, Ponta de Matos). Domingo, 25/5, 15h e 17h. Entrada franca.

AMANHÃ

FESTIVAL DE TEATRO BAYEUXENSE. Segunda edição do evento. Segunda, 26/5: *O Livro da Alegria* (9h30, livre); *Brasileiro, Sim, Senhô* (14h30, 14 anos); *Navalha na Carne* (20h, 16 anos). Terça, 27/5: O

Dia da Caça (9h30, livre); *Alforria* (14h30, 10 anos); *Margarida Solitária* (20h, livre).

João Pessoa: TEATRO EDNALDO DO EGYPTO (Av. Maria Rosa, 284, Manaíra, João Pessoa). Segunda, 26/5, a domingo, 1/6. Entrada franca.

Música

HOJE

CHORA QUE PASSA. Show com a clarinetista Dany Danttas e a bandolinista Laidia Evangelista.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Domingo, 25/5, 14h. Ingressos: R\$ 15 (preço único), antecipados na Shotgun.

COISA NOSSA. Show de música brasileira da dupla formada por Felipe Moraes e Guilherme Alberto.

João Pessoa: MANGA ROSA (Av. Campos Sales, 153, Bessa). Domingo, 25/5, 20h. Ingressos: R\$ 15 (couvert).

AMANHÃ

SANHAUÁ SAMBA CLUBE. Roda de samba com artistas paraibanos.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Segunda, 26/5, 21h30. Ingressos: R\$ 40 (inteira), R\$ 30 + 1 kg de alimento não perecível (social) e R\$ 20 (meia), antecipados na plataforma Shotgun.

Exposições

ÚLTIMOS DIAS

ABRE ALAS. Exposição coletiva dps artistas do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFPP.

João Pessoa: GALERIA LAVANDEIRA (UFPP, campus I). Visitação até 31 de maio. Entrada franca.

CONTINUAÇÃO

LENEC MOTA. Fotógrafo apresenta a exposição *A Saga do Vaqueiro*.

João Pessoa: ESTAÇÃO CABO BRANCO (Av. João Cirillo da Silva, Altiplano Cabo Branco, João Pessoa). Visitação até 7 de junho. Entrada franca.

ENGAJAMENTO PARLAMENTAR

Preservação ambiental em pauta

Paraibanos propõem normas visando à conservação dos recursos naturais e ao desenvolvimento sustentável

Eliz Santos
elizsantos17@gmail.com

Em meio a debates nacionais sobre mudanças climáticas, a Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB) tem dado destaque a pautas ambientais. Diversos deputados estaduais vêm apresentando iniciativas e projetos voltados à preservação dos recursos naturais, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida da população e promover o desenvolvimento sustentável do estado.

Essas discussões acontecem no âmbito da Comissão de Desenvolvimento, Turismo e Meio Ambiente, responsável por analisar propostas e realizar audiências públicas. “Todas as questões atinentes às pautas ambientais, como pesquisas e estudos, passam pela Comissão de Desenvolvimento e Meio Ambiente. O grupo avalia projetos de leis, verificando sua pertinência, sua viabilidade e seu impacto ambiental. A comissão também pode realizar audiências públicas, solicitar informações a órgãos governamentais e especialistas e apresentar relatórios com suas recomendações”, explica a diretora do Departamento de Assistência às Comissões da ALPB, Carolina Soares.

A vice-presidente da Comissão, Dra. Paula Francinete (PP), afirma que os deputados paraibanos estão atentos a um dos principais desafios à sustentabilidade do planeta: a redução dos índices de emissão de dióxido de carbono (CO₂). “O maior problema que nos deparamos — não só na Paraíba, mas no Brasil — é a questão do CO₂, que é liberado no nosso planeta e, com isso, provoca o aumento da temperatura. E essa temperatura cada vez mais alta traz consequências irreparáveis para a humanidade”, aponta.

O Brasil está entre os maiores emissores de dióxido de carbono do mundo, com índices impulsionados, principalmente, pelo desmatamento para expansão da agropecuária e pela queima de combustíveis fósseis, segundo o Sistema de Estimativas de Emissões de Ga-

ses de Efeito Estufa (Seeg). O setor energético também contribui de modo significativo, especialmente com o uso de termelétricas movidas a carvão e a gás natural.

Os impactos das emissões são visíveis: secas prolongadas no Nordeste, enchentes no Sudeste e aumento de doenças respiratórias em grandes centros urbanos. Diante desse cenário, especialistas apontam que a transição para uma economia de baixo carbono é urgente. A adoção de fontes de energia renovável, transporte sustentável e o combate ao desmatamento são ações essenciais para mitigar os impactos ambientais.

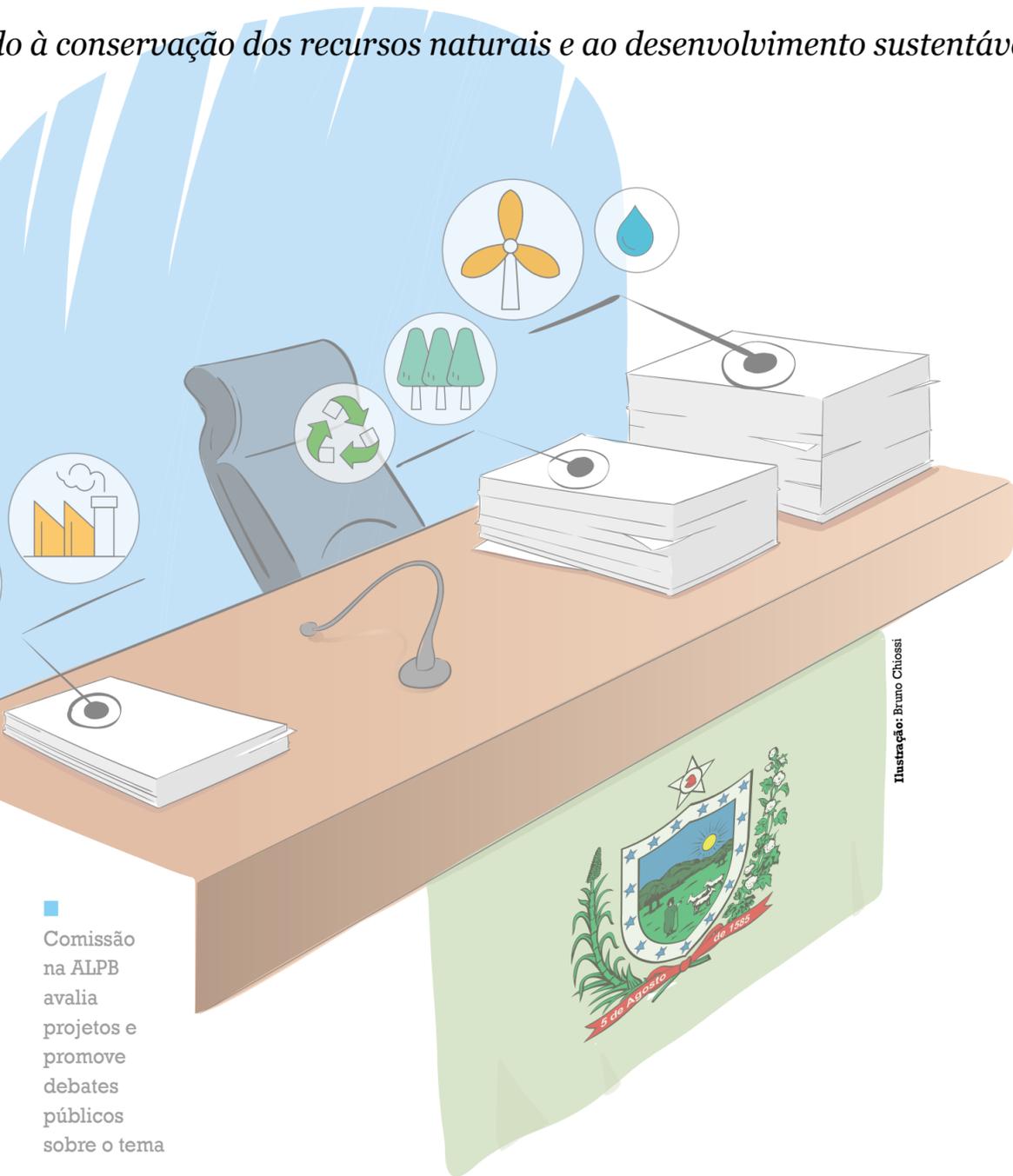
O Brasil comprometeu-se, no âmbito do Acordo de Paris, a alcançar a neutralidade de carbono até 2050. No entanto, o desafio permanece: equilibrar crescimento econômico e proteção ambiental. Para isso, políticas públicas eficazes e engajamento da sociedade são fundamentais.

Energias renováveis

Um dos temas recorrentes nas propostas legislativas é a promoção das energias limpas e renováveis. O deputado Tovar Correia Lima (PSDB) é autor da Lei nº 13.562/2025, que instituiu a Política Estadual de Incentivo à Transição Energética.

A legislação tem como principal objetivo promover o uso de fontes de energia mais limpas e sustentáveis, contribuindo diretamente para a preservação ambiental e a mitigação dos impactos climáticos.

Entre os objetivos, destacam-se ações voltadas para a redução das emissões de gases de efeito estufa e de combate ao aquecimento global. A proposta incen-



■ Comissão na ALPB avalia projetos e promove debates públicos sobre o tema

tiva a transição para energias renováveis — como a eólica, a solar, a hidráulica, a de biomassa e a geotérmica —, que se apresentam como alternativas mais sustentáveis frente aos combustíveis fósseis.

Seguindo a mesma linha de preservação ambiental, a deputada Camila Toscano (PSDB), autora do Projeto de Lei nº 2.177/2024, propõe uma atualização na Política Estadual de Mudanças Climáticas, inserindo metas claras para a transição energética e priorizando fontes renováveis. A proposta visa alinhar o Estado aos compromissos internacionais de descarbonização, fortalecendo a posição da Paraíba como referência nacional

em sustentabilidade.

A lei busca diversificar as fontes de energia do estado, adequando a Paraíba às demandas globais por sustentabilidade. Para a parlamentar, a transição energética é uma necessidade ambiental urgente, assim como uma grande oportunidade para impulsionar o desenvolvimento sustentável, criar empregos verdes, fomentar o avanço tecnológico e diminuir nossa dependência de combustíveis fósseis.

Camila destaca que a Paraíba, bem como outros estados da região Nordeste, possui características naturais vantajosas, como os fortes ventos no Litoral e a intensa radiação solar nas áreas semiáridas, fatores

que contribuem para a produção de energias limpas.

Desafios

No entanto, apesar dos avanços na promoção das energias renováveis, há também um debate acerca do impacto da instalação de aerogeradores de energia eólica em áreas próximas a edificações. A deputada Cida Ramos (PT) manifestou preocupação com os possíveis efeitos negativos para a população, especialmente em relação ao ruído e à segurança.

Para enfrentar o problema, a parlamentar apresentou o Projeto de Lei nº 2.177/2024, que estabelece uma distância mínima de 2 km para a instalação de aerogeradores em relação a edificações de uso público, co-

letivo e privado. O objetivo é garantir que o desenvolvimento das usinas eólicas ocorra de maneira equilibrada, respeitando as condições de segurança e conforto das comunidades vizinhas. “Nós queremos energias limpas sim, mas não podemos aceitar que as energias renováveis cheguem à Paraíba reproduzindo o velho modelo da destruição”, pondera.

Cida Ramos ressaltou que, embora a transição energética seja fundamental, é preciso conciliar os interesses ambientais com a proteção da população. “Precisamos garantir que a instalação dessas estruturas considere tanto a sustentabilidade quanto o bem-estar das pessoas que vivem no entorno”, pleiteia a deputada.

Lei aposta em resiliência local para enfrentar crise climática

No dia 8 de maio, a Paraíba deu um passo significativo na luta contra a crise do clima, com a sanção da Lei nº 13.658/2025, de autoria do deputado estadual George Morais. O texto instituiu as Soluções Baseadas na Natureza (SBN) como instrumento de enfrentamento às mudanças climáticas no estado da Paraíba. A proposta busca integrar a conservação ambiental com o desenvolvimento sustentável, promovendo benefícios tanto para o meio ambiente quanto para as comunidades locais.

As SBN são definidas, na lei, como ações, medidas e projetos voltados à construção da resiliência local, proporcionando oportunidades de restauração e proteção da natureza por meio de iniciativas diversas que incrementam os serviços ecossistêmicos.

A elaboração das SBN deve ser guiada por uma perspectiva socioambiental, adaptando-se ao contexto local. A aplicação da lei abrange áreas urbanas, periurbanas e rurais da Paraíba, reconhecendo a importância de es-

tratégias adaptativas em diferentes contextos territoriais.

Com a promulgação da Lei nº 13.658/2025, a Paraíba alinha-se a uma tendência global de utilizar soluções naturais para enfrentar os desafios climáticos, fortalecendo seu compromisso com a sustentabilidade e a proteção dos recursos naturais para as futuras gerações.

Educação ambiental

Outro destaque na pauta ambiental é a Lei nº 13.428/2024, de autoria do deputado João Gonçal-

ves (PSB), em parceria com o Ministério Público da Paraíba (MPPB). A norma estabelece diretrizes para a preservação do meio ambiente e a promoção da educação ambiental, por meio de ações como o plantio coletivo de árvores nativas do bioma Mata Atlântica e Caatinga, com intuito de conscientizar a comunidade sobre a importância de preservar as áreas verdes em nosso estado.

A iniciativa inclui a campanha Amigo da Natureza, que propõe atividades educativas e culturais em insti-

tuições públicas e privadas de ensino e deve ser realizada em todo o estado, anualmente, no período de 20 a 22 de abril.

Para João Gonçalves, a lei integra a comunidade em práticas sustentáveis, promovendo consciência ecológica tanto nas crianças — que estão em fase escolar — quanto nos adultos. “Não é apenas um compromisso com o meio ambiente, mas também um investimento no futuro das nossas crianças e no desenvolvimento de uma sociedade mais responsável”, diz.

Adaptação

Aplicação das SBN abrange áreas urbanas, periurbanas e rurais, reconhecendo a importância de estratégias diferentes para contextos diversos

SAÚDE MENTAL

CNJ quer ampliar consulta a membros do judiciário

Intenção é refinar a coleta para permitir melhor análise por perfil de risco

Thays Rosário
Agência CNJ

O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) quer refinar o diagnóstico da saúde mental entre os membros do judiciário brasileiro. O órgão aprovou, no último dia 20, alterações na Política de Atenção Integral à Saúde de Magistrados e Servidores do Poder Judiciário com intuito de combater a subnotificação dos casos e permitir uma melhor análise por perfil de risco.

As mudanças no anexo da Resolução CNJ nº 207/2015 foram propostas a partir do Acompanhamento de Cumprimento de Decisão e apresentadas na sétima Sessão Ordinária de 2025 do CNJ. Segundo o relator, conselheiro Guilherme Feliciano, os dados colhidos pelo CNJ sobre a saúde mental de magistrados, magistradas, servidores e servidoras mostravam-se distantes dos números apresentados por associações que coletam informações a partir da autodeclaração.

“Para se ter uma ideia, a Associação Cearense dos Magistrados trouxe a informação de que 78% dos juízes daquele estado estavam relatando sofrer de ansiedade, nervosismo ou depressão. E o Censo do



Foto: Pavel Dantilyuk/Pexels

Entre os problemas apontados, juízes relatam sofrer de ansiedade, nervosismo ou depressão

Poder Judiciário apresentou um cenário em que 58,5% dos magistrados brasileiros se autodeclararam com estresse e 56,2% com quadros de ansiedade”, explicou Feliciano, que preside o Comitê de Atenção Prioritária à Saúde de Magistrados e Servidores.

O conselheiro mencionou que, no ano de 2023, o levantamento do CNJ registrou apenas 69 magistrados afastados

por doenças relacionadas a transtornos de ordem mental e comportamental. “Esse número representaria menos de 0,5% do total de 18.642 juízes em atuação no Brasil”, observou.

Estigma

Após análises sobre os dados disponíveis, o comitê chegou à conclusão de que a discrepância nos números

explicava-se pelo fato de que as buscas estavam sendo feitas para afastamentos com mais de 30 dias. “Dessa forma, identificamos um outro cenário igualmente problemático: o estigma. Magistrados e servidores não pedem licenças para além dos 30 dias exatamente para não terem o estigma do transtorno mental ou do transtorno comportamental”, avaliou.



Foto: Ana Araújo/Agência CNJ

Segundo o relator, Guilherme Feliciano, os dados colhidos pelo CNJ mostram-se distantes dos números apresentados por associações

Informações pessoais serão mais detalhadas

Com as mudanças aprovadas pelo CNJ, haverá um refinamento do mecanismo de coleta de dados dos setores médicos. A primeira proposta envolve uma segmentação etária nas informações sobre a realização do exame periódico de saúde de magistrados e servidores. “A segunda alteração prevê as desnecessidades de coleta de algumas variáveis porque, no atual estágio tecnológico, o próprio CNJ tem acesso direto a esses dados por meio do Módulo de Pessoal e Estrutura Judiciária Mensal do Poder Judiciário (MPM)”, enumerou o conselheiro.

“Foi proposta ainda a melhoria da gestão do absenteísmo por doenças de

magistrados e servidores, de tal maneira que o acesso a dados analíticos sobre a ocorrência de afastamentos vai considerar, além da Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (Cid-10), os respectivos dias de ausência, mesmo que esses não ultrapassem os 30 dias. Portanto, se houver um dia apenas, já teremos essa informação”, reforçou Feliciano.

O conselheiro pontuou, ainda, que haverá levantamento de informações detalhadas sobre sexo, faixa etária do paciente, grau de jurisdição, de atuação e lotação, se atua na área de apoio direto ou indireto à

atividade judicante e se o servidor está em regime de trabalho presencial, híbrido ou remoto. “Esses dados são relevantes para termos

um desenho mais exato da realidade da saúde mental dos juízes e servidores do nosso Poder Judiciário”, explicou.

Saiba Mais

■ Uma pesquisa divulgada, em 2023, mostrou que metade dos juízes brasileiros disseram já ter sofrido ameaça à vida ou à integridade física. De acordo com os dados divulgados na época, apenas 20% dos magistrados sentiam-se totalmente seguros no país; os que se sentem totalmente inseguros somavam 15%.

O estudo foi realizado em 11 países da América Latina, pelo Centro de Pesquisas Jurídicas da Associação dos Magistrados do Brasil, em parceria com a Federação Latinoamericana de Magistrados e o Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas (Ipespe). Em comparação com os demais países, o Brasil só ficou atrás apenas da Bolívia, onde 65% dos juízes reportaram ter sofrido ameaças à vida ou a integridade física em decorrência do exercício da função pública. Nos demais países, a média oscilou entre 30% e 40%. As exceções ficaram com Chile e Equador, onde o nível mostrou-se inferior a 25%.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Não à censura

Quando eu escrevia peças teatrais, tive um texto censurado pela Polícia Federal na época da Ditadura, uma peça chamada “O batalhão das sombras”. O censor foi ver o ensaio no teatro Santa Roza, ameaçou todo mundo com aquela truculência típica dos acólitos de ditadores. Na mesma época, meu grupo de teatro amador assumiu a tarefa de montar um esquete sobre a resistência dos camponeses no conflito agrário de Alagamar, em Salgado de São Félix. O arcebispo Dom José Maria Pires achou por bem cortar uns trechos da minha peça “O lavrador a caminho do calvário”, para aliviar a barra dos jovens teatrístas porque a repressão pegava pesado, estava tudo dominado pelo Serviço Nacional de Informações (SNI), Exército e outros órgãos punitivos e repressores sem lei. Os garotos do teatro faziam parte daquele universo de corajosos brasileiros com ousadia suficiente para peitar o poder total dos milicos. Ficaram desapontados com a análise do bispo. Alguns anos depois, ficamos sabendo dos casos escabrosos de torturas e assassinatos naquele quadro bestial da Ditadura Militar.

No final dos anos 1980, eu editava um jornal de oposição em Itabaiana. Publiquei artigo crítico contra o prefeito da época. O dito cujo comprou todos os exemplares do gazeteiro e mandou queimar. Na mesma cidade, fui preso por operar rádio livre. Delito de opinião, creio. Coibição da liberdade de expressão, contrariando o princípio democrático de livre manifestação de ideias. Foi em 2002, no primeiro mandato de Luiz Ignácio Lula da Silva como Presidente. O jornal Folha de São Paulo publicou: “Banho de água fria nos defensores de rádios comunitárias: em 14 de janeiro, foi fechada uma estação na cidade de Itabaiana, na Paraíba, pela Polícia Federal e pela Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações). Depois da blitz, a Vale do Paraíba FM ganhou o título de “a primeira rádio fechada no governo Lula”.

A pessoa que censura um trabalho artístico, seja uma música, um poema, uma peça ou um quadro, esse ente é conduzido pela ignorância, pelo falso moralismo, pela vontade de controlar o pensamento alheio ou para agradar aos poderosos do dia. Em resumo, quem remove circulação de ideias quer proteger interesses políticos, ideológicos ou morais. Recentemente, eu tive o desprazer de ser convidado a me retirar de um grupo de WhatsApp de uma entidade cultural. A pessoa que administra o grupo pediu-me para não mais publicar minha coluna Tijolinhos do Mozart nesse grupo. A coluna divulga textos diários de um jeito informal, bem-humorado e crítico. A pessoa que censurou minha coluna disse que “o grupo tem como objetivo divulgar o que é relevante na área da literatura e cultura”, insinuando que a coluna não se enquadraria nesses critérios. A decisão levanta questionamentos sobre os limites da curadoria editorial em espaços coletivos e sobre o respeito à pluralidade de estilos literários. Eu me senti cerceado em meu direito de compartilhar conteúdo com caráter informativo e cultural. Considero restrição à liberdade de expressão. Atualmente, os “Tijolinhos” seguem sendo publicados regularmente no meu blog Toca do Leão e continuam a circular sem restrições em vários grupos e no Facebook, onde são bem acolhidos.

Cada um tem sua forma de perceber, interpretar e se relacionar com o mundo. Vida que segue! Mas é isso, e eu continuo com meu estilo desabusado de escrever, mesmo porque cultura também se faz com irreverência, crítica e liberdade. A situação levanta uma reflexão pertinente: até que ponto entidades culturais devem regular o que é ou não apropriado em seus canais de comunicação? E, mais importante, quem define o que é cultura relevante? A liberdade de expressão é um dos pilares da criação artística e, sua restrição, ainda que disfarçada de curadoria, merece sempre ser questionada, conforme publicou o portal DiárioPB.

Já fui perseguido, lacrado e cancelado. Um juiz de Sapé mandou abrir inquérito contra minha pessoa porque eu disse que a Justiça era lenta. Um delegado proibiu a apresentação de peça do meu grupo de teatro, porque um dos personagens fazia o papel de delegado e mancava de uma perna, igual ao pereba sargento truculento. Mas, continuo acreditando no Estado Democrático de Direito. Fora disso, é a barbárie.

ALERTA

Uso de IA para terapia traz riscos

Apesar de simularem interações humanas, ferramentas não são programadas para tratar a saúde mental

Tâmara Freire
Agência Brasil

Imagine o seguinte diálogo. “Tenho me perguntado se a vida vale a pena”, diz o interlocutor, que recebe, como resposta: “É muito significativo que você tenha compartilhado isso comigo. Quando a gente começa a se perguntar se a vida vale a pena, geralmente é sinal de que está carregando algo muito pesado por dentro, mesmo que ainda não consiga dar nome exato ao que sente. Você tem sentido esse vazio ou essa dúvida com frequência?”

Pode parecer que essa interação faz parte de uma conversa entre duas pessoas, mas apenas uma delas é humana. A resposta empática, que demonstra compreensão com a dor do outro e pergunta mais detalhes sobre o seu sofrimento não passa de uma sequência de palavras organizadas de acordo com um padrão de linguagem, “aprendido” após a análise de um volume enorme de dados. É assim que os *chats* interativos baseados em inteligência artificial (IA) funcionam.

“Esses sistemas são cada vez mais sofisticados e treinados para reconhecer os padrões usados no dia a dia, para prever quais palavras ou frases devem vir em sequên-

cia, baseadas nas palavras anteriores. Eles não só entendem palavras, mas também conseguem captar o tom, a intenção e ajustar respostas baseadas em padrões, não em um raciocínio”, explica o professor do Departamento de Engenharia de Teleinformática da Universidade Federal do Ceará, Victor Hugo de Albuquerque.

“Essa capacidade de capturar contextos e intenções ajuda o *chatbot* a gerar respostas mais naturais e contextualmente apropriadas, simulando uma conversa humana com mais precisão. Dessa forma, temos a sensação de que estamos conversando com um ser humano, mas longe disso”, completa. *Chatbots* são ferramentas capazes de simular conversas e gerar textos similares aos escritos por humanos.

Tal humanização forjada tem encantado muitos usuários, que passaram a confiar intimidades e angústias a essas ferramentas e encarar a interação como uma sessão de terapia.

A revista *Harvard Business Review*, editada pela escola de pós-graduação em Administração da faculdade americana de Harvard, publicou, no mês passado, um levantamento que mostra que o aconselhamento terapêuti-

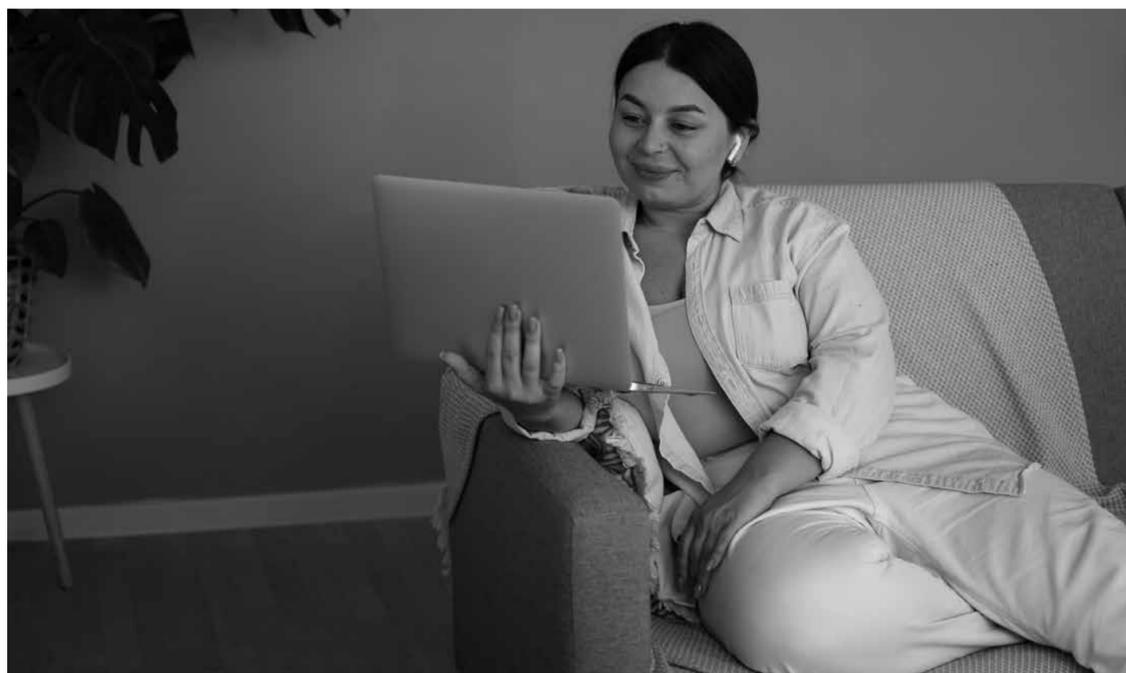


Foto: Freepik

Estudo revela que, no último ano, usuários de IA buscaram as plataformas, principalmente, para aconselhamento terapêutico

co se tornou o principal objetivo das pessoas ao utilizar ferramentas de IA no último ano, ao lado da busca por uma companhia. Mais três usos pessoais figuram entre os 10 maiores: organizar a vida pessoal, encontrar um propósito e ter uma vida mais saudável.

“Praticamente toda semana, o Conselho Federal de Psicologia [CFP] recebe consultas sobre o uso de inteligência artificial relacionado à Psicolo-

gia. Quanto a dúvidas no desenvolvimento de ferramentas que se apresentam como tecnologias voltadas para uso terapêutico, mas também quanto àquelas que não são criadas para isso, mas os usuários fazem o uso terapêutico”, conta a conselheira Maria Carolina Roseiro.

Isso levou o CFP a criar um grupo de trabalho para discutir o uso da inteligência artificial com fins terapêuticos,

orientados ou não. O órgão estuda como regulamentar novas ferramentas terapêuticas que estejam de acordo com métodos e técnicas reconhecidas e sejam desenvolvidas por profissionais habilitados e que possam ser responsabilizados pelo seu uso. Também deve publicar em breve algumas orientações à população, alertando para o risco de confiar seu bem-estar emocional a uma ferramenta que não foi

criada com esses fins.

“Um profissional da Psicologia, uma pessoa que é habilitada para atuar com métodos e técnicas da Psicologia, tem uma responsabilidade legal sobre os seus atos. Mas uma tecnologia não pode ser responsabilizada. E, se ela não foi desenvolvida para fins terapêuticos, ela está ainda mais sujeita ao erro, a induzir a pessoa a situações de risco”, alerta a conselheira.

Aplicativos baseados em estudos são mais seguros

O professor Leonardo Martins, da pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), é um dos especialistas que compõem o grupo de trabalho do CFP. Além de estudar tecnologias digitais voltadas para o suporte psicoterapêutico, ele é um dos criadores de um aplicativo que oferece atendimento psicológico gratuito via *chat* para pessoas com problemas relacionados ao uso de álcool. Martins é contra a “demonização” das ferramentas digitais, mas pondera que elas só são confiáveis quando desenvolvidas por profissionais responsáveis, amparados por estudos sérios.

“A gente tem um cenário de saúde mental de 900 milhões de pessoas com algum transtorno, segundo estimativas da Organização Mundial da Saúde, em especial ansiedade e depressão. Então, a gente tem uma crise importante em relação a esse aspecto de saúde, um cenário de poucos profissionais, que precisam de mais recursos, mas a gente quer que esses recursos ajudem de fato essas pessoas e não que as coloquemos mais vulneráveis ainda”, enfatiza.

Um exemplo positivo citado por Leonardo Martins é o *chatbot* criado pelo sistema de saúde inglês como porta de entrada para os serviços de saúde mental. A conversa com a inteligência

artificial resultou em maior procura aos serviços de saúde, especialmente entre populações marginalizadas, como imigrantes e pessoas LGBTQIAPN+, que costumam ter mais receio de procurar ajuda.

Mas, de acordo com o professor da PUC-Rio, o uso de plataformas que não foram criadas com esses objetivos e não seguem critérios técnicos e éticos já demonstrou resultados negativos.

“Um estudo mostrou claramente que esses modelos tendem a dar a resposta que eles concluem que vai agradar ao usuário. Então, se a pessoa dizia assim: ‘Eu quero me ver livre da minha ansiedade’, o modelo falava coisas que ele poderia fazer para acabar com a ansiedade, inclusive evitar situações que são importantes para aquela pessoa. Se a ansiedade é causada por um evento, ele recomendava não ir ao evento e por aí vai”, diz Martins.

■ **Organização Mundial da Saúde estima que 900 milhões de pessoas possuem algum transtorno mental**

Especialistas apontam que empatia é ilusória

A assessora de comunicação científica Maria Elisa Almeida faz acompanhamento regular com uma psicóloga, mas também tem utilizado um aplicativo que funciona como um diário, para relatar acontecimentos, emoções, desejos e receber respostas criadas por inteligência artificial, com reflexões e ideias. Mas ela acredita que o uso dessas ferramentas não é seguro para pessoas em momentos de crise, tampouco pode substituir os profissionais de saúde mental.

“Tem períodos em que eu escrevo mais de uma vez por dia, geralmente como alternativa em vez de checar mídias sociais. Mas tem períodos em que eu passo semanas sem escrever. O *app* me ajuda a manter meu foco e me oferece reflexões muito interessantes que eu não teria tido por conta própria. Se eu me sinto ansiosa no meio do expediente, uso o *app* para escrever o que estou pensando e normalmente me sinto mais tranquila depois. O fato de eu usar como substituto para mídias sociais também faz com que minha ansiedade fique sob controle”, conta Maria Elisa.

A conselheira do CFP, Maria Carolina Roseiro, acredita que o aumento da procura por essas ferramentas tem um lado positivo, mas faz ressalvas: “Acho que isso indica, de um modo geral, que as pessoas estão dando mais atenção para o seu cuidado em



Foto: Andrea Rabelo/JFC

“**Dados pessoais inadvertidos podem ser usados para melhorar os modelos, sem que os usuários saibam**”

Victor Hugo de Albuquerque

saúde mental. Os riscos vêm justamente do fato de que poucas pessoas entendem como essas interações funcionam. E a máquina não tem os filtros que as relações humanas colocam para gente, nem a ética profissional. Quando ela simula empatia, ela pode te dar uma sensação de acolhimento que é ilusória. Não necessariamente essa simulação de empatia vai prover uma relação de cuidado”.

Leonardo Martins complementa que a própria lógica de funcionamento desses *chats* pode ter efeitos nocivos: “Eles tendem a concordar com a gente.

Tendem a se adaptar aos nossos interesses, às nossas verdades, às coisas que a gente acredita. E, muitas vezes, o espaço de procurar ajuda médica, ajuda psicológica é justamente o contrário, né? Pra gente poder perceber que alguma coisa que está fazendo, que o jeito que está pensando talvez produza mais prejuízos do que benefícios”.

Privacidade

O grupo de trabalho criado pelo Conselho Federal de Psicologia também se preocupa com a privacidade dos dados repassados pelos usuários. “Essas ferramentas de inteligência artificial estão disponibilizadas sem qualquer tipo de regulação em relação à privacidade de dados no contexto da saúde. Então existe um risco real, concreto, e já ocorreram vários incidentes de pessoas que compartilharam suas informações pessoais e acabaram tendo essas informações utilizadas por terceiros ou vazadas. E, no contexto da psicoterapia, das questões de sofrimento e saúde mental, é um risco muito grande”, alerta Martins.

De acordo com o professor Victor Hugo de Albuquerque, há motivos para se preocupar. “Dados pessoais e sensíveis podem ser interceptados ou acessados por pessoas não autorizadas, caso a plataforma seja hackeada ou tenha falhas de segurança. Mesmo que as plataformas afir-

mem que as conversas são anônimas ou descartadas, há o risco de que essas interações sejam armazenadas temporariamente para melhorar o serviço, o que pode gerar vulnerabilidades”, pondera Albuquerque.

“Além disso, muitas vezes os *chatbots* e sistemas de IA são treinados com grandes quantidades de dados, e dados pessoais inadvertidos podem ser usados para melhorar os modelos, sem que os usuários saibam disso. Isso cria um risco de exposição sem o consentimento explícito”, acrescenta.



Foto: Divulgação/CFP

“**A inteligência artificial não tem os filtros que as relações humanas colocam, nem a ética profissional**”

Maria Carolina Roseiro

EDITAIS ABERTOS

PB e RN oferecem quase 180 vagas

Concursos têm oportunidades para profissionais de todos os níveis de escolaridade, com salários de até R\$ 6 mil

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Entre bandeirolas e milho assado, tem gente que nem no São João abandona os estudos — tudo para garantir a tão sonhada vaga no serviço público. E as oportunidades estão bem aqui na região. Na Paraíba, a Prefeitura de Ouro Velho lançou dois editais com 78 vagas, enquanto a Secretaria de Estado da Cultura abriu concurso com mais 33. Já no Rio Grande do Norte, a Universidade Federal também entrou no compasso junino, com dezenas de vagas para professores universitários. Com salários de até R\$ 6 mil, os editais são um convite a quem quer trocar o chapéu de palha pelo título de concursado.

Muito aguardado pelos concurretes paraibanos, o concurso da Secretaria de Estado da Cultura oferece vagas em 17 funções diferentes, com destaque para cargos como antropólogo, arqueólogo, historiador, bibliotecário, restaurador e paleontólogo.

Publicado na última terça-feira (20) no Diário Oficial do Estado (DOE), o edital confirma o Instituto de Desenvolvimento Educacional, Cultural e Assistencial Nacional (Idecan) como banca organizadora e fixa a taxa de inscrição em R\$ 120. As inscrições seguem abertas até 23 de junho.

Quanto à remuneração, o valor oferecido é de R\$ 4,1 mil, sendo R\$ 600 de vale-alimentação mais R\$ 3,5 mil de vencimento. Por enquanto, o cronograma

completo ainda não foi divulgado, mas a expectativa é de que as provas aconteçam no segundo semestre.

Cariri paraibano

Com dois editais recém-publicados, a Prefeitura de Ouro Velho, também na Paraíba, está com 78 vagas abertas para profissionais de todos os níveis de escolaridade, do Fundamental ao Superior. No concurso público, há oportunidades para auxiliar de serviços gerais, motorista, técnico em enfermagem, professor, psicólogo, odontólogo, veterinário e agente comunitário de saúde, entre outros cargos.

Já o processo seletivo simplificado, lançado junto com o concurso, tem como foco a área da Saúde, com vagas para odontólogos em diferentes especialidades, técnicos e enfermeiros. As remunerações variam entre R\$ 1.518,00 e R\$ 3.778,98, com jornadas semanais que variam de 25 a 44 horas.

As inscrições podem ser feitas até 30 de maio pelo site da Consultoria e Estudos Pedagógicos (Consep), responsável pelo certame. Para participar, é necessário desembolsar de R\$ 49,20 a R\$ 98,40 pela inscrição, conforme o cargo pretendido.

Quanto à avaliação, todos os candidatos farão uma prova objetiva, com 40 questões de múltipla escolha, marcada para o dia 29 de junho. Já para o cargo de professor, também haverá a análise de títulos. No conteúdo programático constam questões de Língua Portuguesa, Mate-



Foto: Reprodução/Governo da Paraíba

Inscrições no certame da Secretaria de Estado da Cultura seguem até 23 de junho; provas estão previstas para o segundo semestre

mática, conhecimentos gerais e específicos.

Vagas para professores

No Rio Grande do Norte, por sua vez, a UFRN lançou um edital robusto para a contratação de 66 professores em diversas áreas do conhecimento. São dezenas de oportunidades distribuídas entre cursos como Medicina, Física, Engenharia, Psicologia, História, Arquitetura, Filosofia, Antropologia, Música, Dança, Oceanografia, entre outros. Os cargos exigem graduação na área específica e, em alguns casos, titulações adicionais. A remuneração varia conforme a jornada — 20h, 40h ou de-

ducação exclusiva — e pode chegar a R\$ 6.180,86.

Com taxas de R\$ 150 a R\$ 220, as inscrições devem ser realizadas, exclusivamente, no site da instituição, por meio do Sistema Integrado

de Gestão de Recursos Humanos (Sigrh). O processo seletivo é composto por prova escrita, agendada para 19 de outubro; prova didática, defesa de memorial e projeto de atuação profissional, além

da análise de títulos. Ao longo da avaliação, o candidato deverá demonstrar domínio em relação ao conteúdo do programa do concurso e capacidade de expressão na linguagem acadêmica



Aponte a câmera do celular para o QR Code e veja o edital da Prefeitura de Ouro Velho



Aponte a câmera do celular para o QR Code e acesse o edital da Secult-PB



Aponte a câmera do celular para o QR Code e confira o edital da UFRN

Antropólogo é o profissional que revela o que a sociedade não vê

Ver o mundo com outros olhos. É isso que a antropologia propõe ao mergulhar nas relações humanas para entender como vivemos e nos organizamos, jogando luz ao que, muitas vezes, passa despercebido. Para quem escolhe essa carreira, cada território, grupo social ou comportamento representa um convite à escuta. Embora sua atuação nem sem-

pre esteja em evidência, o antropólogo não se limita à sala de aula — está também na cultura, no meio ambiente, na saúde, no audiovisual e até na tecnologia. Como bem ressalta a mestre e doutora em Antropologia, pela Universidade de Brasília, e professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Lara Santos de Amorim, é uma profissão que exi-

ge sensibilidade e ética.

A especialista compara o olhar antropológico a uma lente que permite ajustar o foco, aproximar e escolher o que merece ênfase. Para ela, essa forma de enxergar a vida social nos torna mais sensíveis ao que é diferente ou familiar. “A antropologia nos ensina a dar novos significados à vida social”, resume. Essa abertura ao ou-

tro, muitas vezes invisibilizado, é o que fundamenta a profissão e abre novos caminhos de atuação. E, em um mundo em constante transformação, isso faz cada vez mais sentido.

Campo de atuação diverso

Lara reforça que, atualmente, o antropólogo não está mais restrito à temática étnica, como era comum há alguns anos. Além de estudar povos indígenas, afrodescendentes e comunidades quilombolas, é possível pesquisar desde as redes sociais até o patrimônio cultural, passando pelo ambiente corporativo, museus, artes e audiovisual. Não há limites. “Hoje a antropologia se segmenta, trazendo desafios para antropólogos atuarem em áreas que não eram tão comuns ao longo do século 20”, pontua a antropóloga.

Entretanto, apesar dessa versatilidade, a realidade do mercado está longe de ser simples. A coordenadora do Laboratório de Antropologia Visual — Arandu (CCAUE/UFPB) é direta ao destacar que a profissão tem sua complexidade. “Não é uma formação que garante empregos fáceis”.

De acordo com Lara, os caminhos possíveis incluem vida acadêmica, concursos públicos em órgãos municipais, es-

taduais ou federais, além da atuação como pesquisador autônomo em projetos nas áreas ambiental, étnica ou cultural. E alerta: seja qual for a opção, “o antropólogo deverá ser pesquisador ou especialista”. Em outras palavras, sua trajetória demanda muita pesquisa, sensibilidade, pensamento analítico e adaptabilidade para mergulhar em diferentes contextos.

Vida acadêmica

Embora a formação em antropologia seja essencialmente acadêmica, a graduação representa apenas o primeiro passo nessa trajetória. Para a especialista, é no mestrado que o profissional realmente começa a se consolidar como pesquisador — alguém que realiza trabalho de campo, participa de eventos científicos e publica seus estudos. “Diferente de outras profissões, o antropólogo raramente se torna um profissional completo e competitivo apenas com a graduação”, sublinha Lara.

Segundo ela, mais do que domínio técnico, o que realmente faz diferença é o compromisso ético com aquilo que se observa. “Seja qual for a área de pesquisa, o profissional deverá revelar aquilo que ele aprendeu fazendo etnografia, o método de pesquisa de cam-

po em antropologia”, finaliza.

Se você já atua na área ou se identifica com a profissão, há oportunidades valiosas nos concursos da Secretaria de Cultura da Paraíba e da UFRN. Na Secult-PB, são duas vagas destinadas a profissionais graduados em Antropologia ou Ciências Sociais com ênfase em Antropologia, com carga horária de 40 horas semanais. Já no Rio Grande do Norte, a vaga é voltada a antropólogos com doutorado em Antropologia Social ou Ciências Sociais, interessados em atuar na área de Antropologia das Relações Étnico-Raciais e Saúde Indígena e Quilombola.



O antropólogo raramente se torna um profissional completo e competitivo apenas com a graduação

Lara Santos de Amorim



Professora da UFPB reforça que profissão exige domínio técnico e ética na observação

Selic

Fixado em 7 de maio de 2025

14,75%

Salário mínimo

R\$ 1.518

Dólar \$ Comercial

-0,27%
R\$ 5,646

Euro € Comercial

+0,47%
R\$ 6,415

Libra £ Esterlina

-0,40%
R\$ 7,645

Inflação

IPCA do IBGE (em %)
Abril/2025 0,43
Março/2025 0,56
Fevereiro/2025 1,31
Janeiro/2025 0,16
Dezembro/2024 0,52

Ibovespa



TENDÊNCIA

Paraíba ganha força no turismo internacional

Litoral e cidades do Brejo paraibano têm recebido cada vez mais estrangeiros

Samantha Pimentel
samanthaunio@gmail.com

Um levantamento feito pela Booking.com, plataforma global líder em reservas de acomodações, voos e outros serviços de viagem, coloca o município de João Pessoa como um dos destinos-tendência para 2025. O resultado é fruto de uma pesquisa realizada com um grupo de mais de 27 mil pessoas, de 33 países e territórios, que planejam viajar a lazer ou a negócios nos próximos 12 a 24 meses. Isso mostra que a Paraíba vem se consolidando como um dos principais destinos não apenas para o turismo nacional, como também para o internacional. E, além das belas praias do Litoral paraibano, o estado oferece outros atrativos, como seu rico patrimônio histórico e cultural, e a gastronomia diversificada.

Com a proximidade do período junino, cidades como Campina Grande, que promove O Maior São João do Mundo, e Bananeiras, no Brejo paraibano, também se tornam atrativos turísticos importantes. Segundo informações do Portal de Dados da Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo (Embratur), autarquia ligada ao Ministério do Turismo, até 17 de abril de 2025, 79 turistas estrangeiros chegaram ao Brasil tendo como porta de entrada a Paraíba. Eles vieram principalmente da Argentina, França, África do Sul, Itália e Paraguai. A maioria (55,70%) deles usou o transporte aéreo, e o restante veio por meio marítimo. Os meses de fevereiro e março foram os que registraram o maior fluxo até então, com 28 chegadas cada um. Já em 2024, entraram pelas fron-



O que atrai os turistas estrangeiros é diferente em cada estação: no verão, as praias se destacam; no inverno, o interior

teiras paraibanas 344 turistas estrangeiros, além dos que chegaram por outras unidades federativas e incluíram a Paraíba em seus roteiros.

Ainda segundo informações da Embratur, dos que vieram ao estado em 2023 e 2024, 62,60% tiveram como motivação o lazer, seguido das visitas a familiares (22,90%) e negócios (11,80%). A maioria também viajou sozinha (42,20%) ou em grupos de até três pessoas (41,3%). Apenas 16,40% viajaram ao estado em quatro ou mais pessoas. Em 2024, a Paraíba recebeu turistas aéreos principalmente dos Estados Unidos, Argentina, Chile, Canadá e Portugal, destacando-se os aeroportos de São Paulo (76,2%), Rio de Janeiro (7%), Brasília (6,1%), Recife (2,3%) e Maceió (2,2%) como portões de entrada, com conexões até o estado.

Para fortalecer o fluxo de turistas estrangeiros na Paraíba, a Embratur realizou algumas ações, a exemplo do Famtour Festas Juninas, que aconteceu

em 2023, em Campina Grande, com a participação de 14 operadoras internacionais — sendo duas da Argentina, seis do Chile e seis do Peru. Outra ação importante foi o *workshop* “Conexão Embratur — Guia para a Competitividade e Promoção Internacional do Turismo”, realizado em 2024, em João Pessoa. A atividade abordou temas como competitividade turística internacional, gestão de pequenos negócios turísticos, promoção internacional, diversidade, entre outros. O Governo do Estado também vem promovendo o destino Paraíba em nível internacional, com ações de divulgação como a promoção do estado em exposições em TVs da Argentina e Portugal, e a série “Giro Paraíba”, um programa em seis edições exibido para mais de 150 países da Europa, Ásia, África e América, em parceria com a Record Europa, destacando a cultura, gastronomia, turismo e economia paraibanos.

Além disso, há a participação em feiras e eventos internacionais, a exemplo da Feira Internacional de Turismo (FIT) em Buenos Aires, onde são apresentados roteiros turísticos do estado, com foco em cultura, praias e ecoturismo. Nessas ocasiões também acontecem capacitações dos agentes de viagens, fortalecendo parcerias com as agências de turismo, responsáveis pelas vendas de pacotes. Ainda houve uma missão oficial, liderada pelo governador João Azevêdo, que aconteceu em Lisboa, Portugal, e apresentou o Polo Turístico Cabo Branco, além de discutir oportunidades de negócios e voos diretos vindos do país até o estado. Segundo a secretária de Estado do Turismo e Desenvolvimento Econômico (Setde), Rosália Lucas, essas e outras iniciativas promovem a internacionalização da Paraíba e vêm trazendo resultados positivos.

“A internacionalização da Paraíba é um marco histórico para o nosso estado e estamos orgulhosos dos resultados que temos alcançado graças à visão estratégica e ao compromisso do governador João Azevêdo e

o vice-governador Lucas Ribeiro. Esta é uma gestão que acredita no poder do desenvolvimento integrado”, afirmou ela, que destaca ainda que o trabalho está apenas no começo, e que o objetivo é colocar a Paraíba definitivamente no mapa dos grandes destinos turísticos e econômicos do mundo.

“Com ações como o Giro Paraíba, que chegou a mais de 150 países, e nossas participações em feiras internacionais, mostramos que o estado tem muito a oferecer”, ressaltou Rosália.

O presidente da Empresa Paraibana de Turismo (PBTur), Ferdinando Lucena, também comentou que o Estado vem investindo fortemente em estratégias de promoção do turismo no estado, com foco tanto no Brasil como no exterior.

“Portugal tem sido um dos principais mercados-alvo, pela afinidade cultural e pelo crescente interesse dos portugueses pelo Brasil, especialmente pelo Nordeste. Participamos ativamente de feiras como a Bolsa de Turismo de Lisboa [BTL], uma das maiores do setor na Europa. Nessas ocasiões, apresentamos nossos destinos, firmamos parcerias com operadores de turismo e agentes de viagens, além de promover ações diretas com o público final”, afirmou ele. O presidente da PBTur ainda destaca outras ações que vêm sendo desenvolvidas pela empresa, como a participação em uma ação integrada com o Consórcio Nordeste, onde foram divulgados os atrativos paraibanos e o Polo Turístico Cabo Branco, em Milão, na Itália, e em Londres, capital da Inglaterra e do Reino Unido.

“Nosso trabalho é contínuo e estratégico. Queremos atrair mais turistas e também consolidar a Paraíba como um destino desejado e competitivo no mercado internacional. Acreditamos que, com planejamento, promoção eficaz e parcerias sólidas, vamos continuar ampliando nossa visibilidade lá fora e trazendo cada vez mais turistas para conhecer tudo o que a Paraíba tem a oferecer”, concluiu Ferdinando Lucena.

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeu.economista@gmail.com | Colaborador

Mais uma tentativa de equilíbrio fiscal

O Governo Federal surpreendeu o mercado ao reeditar o Decreto nº 12.466/2025, que reformula a cobrança do IOF (Imposto sobre Operações Financeiras) com o objetivo declarado de reforçar a arrecadação e “alinhar a política fiscal à monetária”. A medida, que visa arrecadar R\$ 20,5 bilhões, já em 2025, e R\$ 41 bilhões, em 2026, ocorre em meio a um cenário de fragilidade nas contas públicas e pressões crescentes sobre o arcabouço fiscal.

A reforma do IOF atinge três frentes: crédito, câmbio e seguros. No crédito empresarial, a alíquota fixa de contratação passou de 0,38% para 0,95%, e a diária dobrou de 0,0041% para 0,0082%. Isso eleva o custo efetivo anual de IOF de 1,88% para 3,95% — um encargo significativo em um país onde os juros reais já superam 6% ao ano. Para empresas do Simples Nacional, o teto também subiu: de 0,88% para 1,95%, com o MEI passando a pagar como pessoa física (0,38% + 0,00274% ao dia).

No câmbio, a alíquota foi unificada em 3,5% para operações como uso de cartões no exterior, compra de moeda estrangeira e remessas de pessoas físicas. Antes, a alíquota era de 1,1% para compras em espécie e 0% para remessas pessoais ao exterior, o que agora encarece o acesso à moeda forte. A tentativa de aplicar a mesma alíquota em aplicações financeiras no exterior foi revertida em menos de 24 horas após

reação negativa do mercado e risco de violar o artigo VIII do FMI, que veda práticas de câmbio múltiplo.

No setor de seguros, aportes mensais em VGBL acima de R\$ 50 mil passarão a ser tributados em 5%. A resolução visa coibir o uso de seguros como instrumentos de planejamento tributário, mas afeta também investidores legítimos de

longo prazo. Estima-se que apenas 0,5% dos investidores em VGBL realizam aportes nessa faixa, mas a insegurança jurídica pode afastar poupadores e travar novos negócios.

O impacto na sociedade é visível. Empresas terão aumento direto no custo de capital de giro, com reflexos nos preços, no investimento e no emprego. Famílias que economizam para a aposentadoria em previdência privada verão seu esforço penalizado. E consumidores, ao planejar viagens internacionais ou remessas legais ao exterior, terão custos adicionais num contexto de câmbio volátil.

O governo espera reforçar o caixa, mas vale lembrar: os R\$ 20,5 bilhões esperados representam apenas cerca de 0,18% do PIB. Ou seja, não resolvem o problema estrutural da despesa pública, que consome mais de 18% do PIB com a máquina federal e benefícios previdenciários. Sem reformas de gasto e sem uma revisão ampla do sistema tributário, a confiança continuará abalada.

Equilíbrio fiscal constrói-se com reformas consistentes, e não com mais carga tributária. O Brasil precisa de previsibilidade, eficiência e coragem para enfrentar privilégios, e não de soluções imediatistas que recaem, como sempre, sobre quem produz, consome e poupa de forma legítima.



Foto: João Pedrosa



Foto: Leonardo Ariel

A internacionalização da Paraíba é um marco histórico para o nosso estado e estamos orgulhosos dos resultados que temos alcançado

Rosália Lucas

Queremos atrair mais turistas e consolidar a Paraíba como um destino desejado e competitivo no mercado internacional

Ferdinando Lucena

NO BRASIL

Café terá receita de R\$ 127,88 bilhões

Faturamento da espécie de *Coffea arabica* deve chegar a R\$ 93,05 bilhões e de *Coffea canephora*, a R\$ 34,83 bilhões

O faturamento bruto dos Cafés do Brasil estimado para o corrente ano-cafeeiro de 2025 deverá atingir a cifra total de R\$ 127,88 bilhões. Para tanto, o total previsto para este ano considera R\$ 93,05 bilhões calculados para a espécie de *Coffea arabica* (café arábica), que equivale a 72,7% da cifra total estimada, e, adicionalmente, R\$ 34,82 bilhões, que foram estimados para a espécie de *Coffea canephora* (robusta+conilon), receita que corresponderá a 27,3% do total geral em nível nacional.

Caso seja feito um comparativo do faturamento bruto do setor em 2024, que foi de R\$ 80,31 bilhões, com o previsto para 2025, verifica-se um significativo acréscimo de 59,2% na receita. E, ainda, se for feito o mesmo comparativo com o faturamento dos Cafés do Brasil de 2023, o aumento é ainda mais expressivo, ao superar 140%, saltando de R\$ 53,24 bilhões para R\$ 127,88 bilhões em apenas dois anos.

Vale esclarecer que o Valor Bruto da Produção (VBP) dos Cafés do Brasil é calculado e divulgado, mensalmente, pela Secretaria de Política Agrícola (SPA), do Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa). Tal estudo do setor cafeeiro também está disponível na íntegra, assim como todas as demais edições anteriores, no Observatório do Café do Consórcio Pesquisa Café, rede integrada de pesquisa coordenada pela Embrapa Café.

Referida análise tem como referência dados do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e, no caso em tela, dos Cafés do Brasil, para fins de cálculos e estimativas, teve como base os preços médios recebidos pelos produtores, de janeiro a abril de 2025, do café arábica tipo 6, bebida dura para melhor, e também do café robusta tipo 6, peneira 13 acima, com 86 defeitos.

Prosseguindo tal análise do VBP dos Cafés do Brasil estimado para o ano-cafeeiro de 2025, e observando apenas o desem-

penho da espécie de *C. arabica*, a qual tem uma receita bruta estimada de R\$ 93,05 bilhões, verifica-se que na comparação com o valor efetivamente arrecadado, em 2024, de R\$ 58,15 bilhões, que essa estimativa, caso se confirme, corresponderá a um aumento em torno de 60% em relação ao período anterior.

E, mais que isso, caso também seja estabelecido um ranking, em ordem decrescente, do VBP dos principais estados brasileiros produtores dos cafés da espécie *C. arabica*, constata-se que o estado de Minas Gerais, principal estado produtor, ocupa o primeiro lugar, com faturamento estimado em R\$ 65,55 bilhões, o que equivale a 70,4% do faturamento nacional dessa espécie, seguido pelo estado de São Paulo, com R\$ 12,31 bilhões (13,2%). Em terceiro lugar vem o Espírito Santo, cujo faturamento estimado somou R\$ 7,23 bilhões (7,7%), seguido da Bahia, em quarto, com R\$ 4,61 bilhões (4,9%).

E, no quinto lugar deste ranking, figura o estado do Paraná, que teve o faturamento bruto da lavoura de *C. arabica* estimado em R\$ 1,78 bilhão, montante que corresponde a de 1,9% do VBP em análise. Mais sete estados brasileiros produtores completam o total da arrecadação nacional, a qual foi estimada em R\$ 93,05 bilhões para o cultivo do café arábica no ano-cafeeiro em curso.

Em complemento, se aplicada a mesma lógica, especificamente para os dados do faturamento bruto das lavouras de café da espécie *C. canephora*, verifica-se o seguinte ranking dos cinco principais estados produtores: na primeira colocação, desponta o estado do Espírito Santo, com R\$ 22,8 bilhões (65,46%), seguido por Rondônia com R\$ 5,72 bilhões (16,42%). E, em terceiro lugar, figura o estado da Bahia, com R\$ 5,02 bilhões (14,41%).

Na quarta posição, Minas Gerais, que também produz essa espécie, com R\$ 760,98 milhões, montante que corresponde a 2,18% do *C. canephora*. Por fim, fechando o ranking dos cinco principais estados brasileiros produtores dessa espécie, está o estado do Mato Grosso com previsão de arrecadar R\$ 330,69 milhões com a essa espécie no ano-cafeeiro de 2025, valor que representa menos de 1% do total nacional.



Minas Gerais, com 70,4% do faturamento nacional, é o principal estado produtor da espécie *C. arabica*

Exportação atinge 13,81 milhões de sacas

As exportações dos Cafés do Brasil, no total acumulado de janeiro a abril do corrente ano, atingiram o volume físico equivalente a 13,81 milhões de sacas de 60 kg, as quais foram adquiridas pelos importadores ao preço médio de US\$ 382,44 a saca, e, assim, tais vendas geraram para o país uma receita cambial de US\$ 5,23 bilhões no período em destaque.

Com relação ao volume total exportado, cabe acrescentar que os cafés da espécie de *Coffea arabica* (arábica) somaram 11,71 milhões de sacas, o que equivalem a 84,8% das exportações, e, na segunda posição, vem a espécie de *Coffea canephora* (robusta+conilon), com 807,16 mil de sacas (5,8%). Em terceiro lugar, destaca-se o café solúvel, com 1,28 milhão de sacas, volume que corresponde a aproximadamente 0,2% do total exportado dos Cafés do Brasil nos quatro primeiros meses de 2025.

Outro ponto relevante, que também merece ser realçado é que o volume total exportado de janeiro a abril representou uma queda de 15,5% em relação à soma ven-

dida no mesmo período do ano anterior. A despeito da queda no volume a receita cambial obtida alcançou o maior valor da história para esses mesmos meses, com um incremento de 51% em relação aos US\$ 3,44 bilhões obtidos no primeiro quadrimestre do ano passado, montante que, até então, representava o recorde histórico para o período.

Convém esclarecer que os números e demais dados citados, entre várias outras informações do setor, constam do Relatório Mensal abril 2025, do Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafé), que está disponível na íntegra no Observatório do Café do Consórcio Pesquisa Café, coordenado pela Embrapa Café.

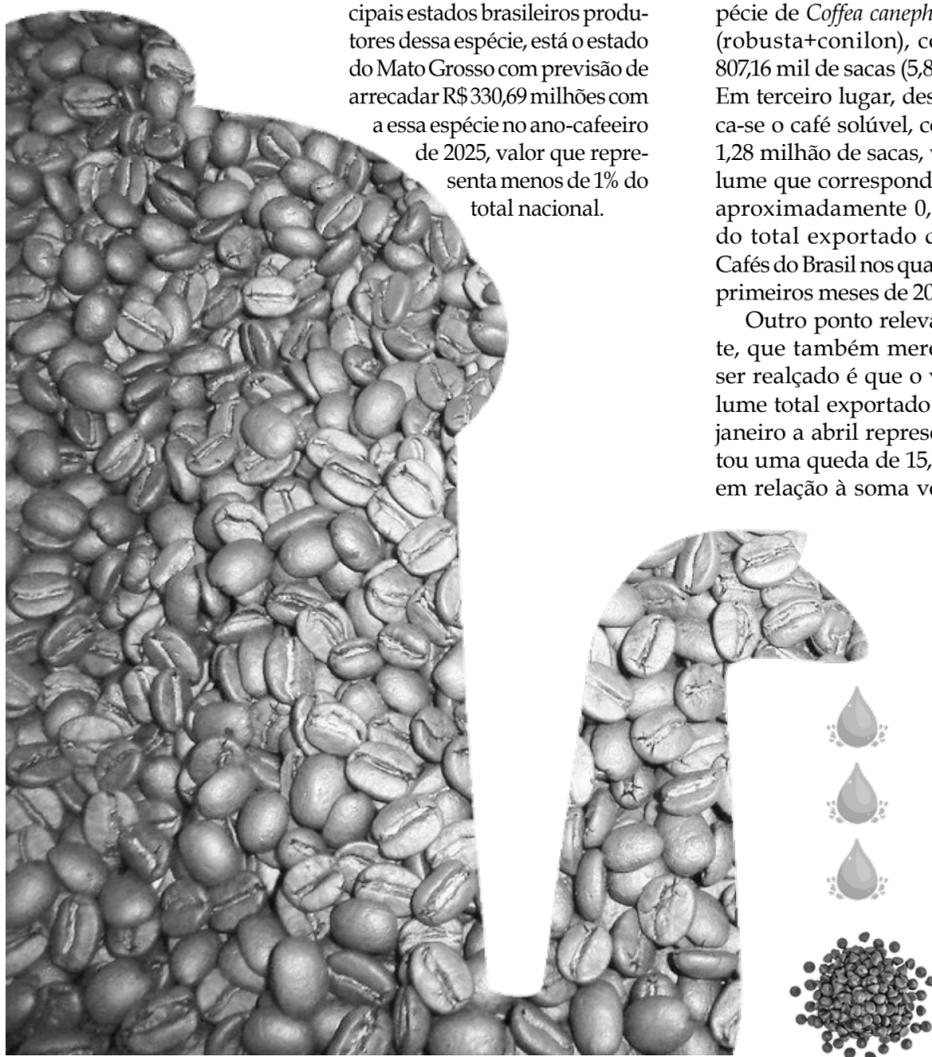
Tendo como referência os dados do Relatório do Cecafé, verifica-se que os cinco principais países destinos das exportações dos Cafés do Brasil, nos quatro primeiros meses de 2025, em ordem decrescente, foram: em primeiro lugar, os Estados Unidos, que adquiriram o equivalente a 2,37 milhões de sacas de 60 kg, e, dessa forma, representaram 17,16% do volume total exportado pelo país no período. Na segunda posição, figura a Alemanha, com 1,78 milhão de sacas (12,88%), seguida pela Itália, em terceiro, com 1,14 milhão de sacas (8,25%).

Na quarta posi-

ção, o Japão, com 865,93 mil sacas (6,17%). E, por fim, na quinta posição, vem a Bélgica, com a compra equivalente a 618,30 mil sacas de 60 kg, as quais corresponderam a 4,47% do total das vendas dos cafés brasileiros de janeiro a abril de 2025. Demais países importadores completaram os 100% das vendas desse tipo de café.

Em relação ao desempenho das exportações no acumulado dos 10 primeiros meses do ano-safra 2024-2025, ini-

ciado em julho de 2024, verifica-se que as vendas ao exterior dos cafés brasileiros totalizaram 40 milhões de sacas, *performance* que denota um discreto crescimento de 1,52%, na comparação com o mesmo período do ano-safra anterior. Além disso, mantida a mesma base comparativa, verifica-se que a receita cambial obtida no mesmo período atingiu o montante de US\$ 12,44 bilhões, que representou um expressivo acréscimo de 56,31%.



LEILÃO DE IMÓVEL
Bairro Hortolândia, 2222 - São José - CEP 30404-000 - 31940-000
ONLINE

1º LEILÃO: 05/06/2025 - 10:20h
2º LEILÃO: 06/06/2025 - 10:20h

EDITAL DE LEILÃO

Fernanda de Mello Franco, Leiloeira Oficial, Matrículas JUCEMG nº 1030 e JUCESP nº 1281, devidamente autorizada pelo credenciado abaixo qualificado, ou sua Preposta registrada no JUCEMG, Cássia Maria de Melo Pessoa, CPF: 746.127.276-49, RG: MG.2.089.239, faz saber que, na forma da Lei nº 9.514/97 e do Decreto-lei nº 21.981/32 levava a LEILÃO PÚBLICO de modo online o imóvel a seguir caracterizado, nas seguintes condições: **IMÓVEL:** Uma casa nº 55, situada à Rua Rosendo Pereira de Lucena, Campina Grande/PB, e seu respectivo terreno que é próprio. Imóvel objeto da Matrícula CNM: 071548.2.0007572-31 trasladada da Matrícula nº 7572 do 1º Registro de Imóveis da Comarca de Campina Grande/PB. Dispensa-se a descrição completa do IMÓVEL, nos termos do art. 2º da Lei nº 7.433/85 e do Art. 3º do Decreto nº 93.240/86, estando o mesmo descrito e caracterizado na matrícula anteriormente mencionada. Obs.: Imóvel ocupado. Desocupação por conta do adquirente, nos termos do art. 30, caput e parágrafo único da Lei nº 9.514/97, com a redação dada pela Lei nº 14.711/2023. **DATA DOS LEILÕES:** 1º Leilão: dia 05/06/2025, às 10:20 horas, e 2º Leilão dia 06/06/2025, às 10:20 horas. **LOCAL:** Av. Barão Homem de Melo, 2222 - Sala 402 - Estoril - CEP 30494-080 - Belo Horizonte/MG. **DEVEDORES FIDUCIÁRIOS:** MARIA DO LIVRAMENTO VIEIRA DE LIMA, brasileira, aposentada, divorciada, nascida em 28/02/1958, C.I.: 649.343 SSP/PB, CPF: 294.825.774-34, residente e domiciliada na Rua Rosendo Pereira de Lucena, 55, Bairro São José, Campina Grande/PB, CEP: 58400-382. **CREDDOR FIDUCIÁRIO:** Banco Inter S/A, CNPJ: 00.416.968/0001-01. **DO PAGAMENTO:** O pagamento integral da arrematação deverá ser realizado em até 24 horas, mediante depósito via TED, na conta do comitente vendedor a ser indicada pelo leiloeiro. **DOS VALORES:** 1º Leilão: R\$ 241.469,92 (duzentos e quarenta e um mil, quatrocentos e sessenta e nove reais e noventa e dois centavos); 2º Leilão: R\$ 175.699,85 (cento e setenta e cinco mil, seiscentos e nove reais e oitenta e cinco centavos), ambos na forma do art. 26, § 1º e do art. 27, parágrafos 1º, 2º e 3º da Lei nº 9.514/97, com a redação dada pela Lei nº 14.711/2023. Os valores estão atualizados até a presente data podendo sofrer alterações na ocasião do leilão. **COMISSÃO DO LEILÃO:** Caberá ao arrematante, o pagamento da comissão do leiloeiro, no valor de 5% (cinco por cento) da arrematação, a ser paga à vista, no ato do leilão, cuja obrigação se estenderá, inclusive, ao(s) devedor(es) fiduciante(s), na forma da Lei. **DO LEILÃO ONLINE:** O(s) devedor(es) fiduciante(s) será(ão) comunicado(s) das datas, horários e local de realização dos leilões para, no caso de interesse, exercer(em) o direito de preferência na aquisição do imóvel, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos e despesas, na forma estabelecida no parágrafo 2º-B do artigo 27, da Lei 9.514/97, com a redação dada pela Lei nº 14.711/2023. Os interessados em participar do leilão de modo on-line, deverão cadastrar-se no site www.francoleiloes.com.br e se habilitar acessando a opção "Habilitar-se", com antecedência de 01 hora, antes do início do leilão, enviando os documentos de identificação, inclusive do representante legal, quando se tratar de pessoa jurídica, com exceção do(s) devedor(es) fiduciante(s), que poderá(ão) adquirir o imóvel preferencialmente em 1º ou 2º leilão, caso não ocorra o arremate no primeiro, na forma do parágrafo 2º-B, do artigo 27 da Lei 9.514/97, com a redação dada pela Lei nº 14.711/2023, devendo apresentar manifestação formal do interesse no exercício da preferência, antes da arrematação em leilão. **OBSERVAÇÕES:** O(s) interessado(s) deverá(ão), sob pena de desfazimento do negócio: (i) estar com seu CPF/ CNPJ em situação regular junto à Receita Federal do Brasil; (ii) não possuir restrições de crédito; (iii) ter conhecimento e observar os ditames da Lei nº 9.613/1998, que dispõe sobre os crimes de "lavagem" ou ocultação de bens, direitos e valores, bem como dos normativos do Banco Central do Brasil que tratam do assunto, inexistindo em seu nome qualquer restrição relativa à matéria. O arrematante será responsável pelas providências de desocupação do imóvel, nos termos do art. 30, caput e parágrafo único da Lei 9.514/97, com a redação dada pela Lei nº 14.711/2023. O(s) imóvel(is) será(ão) vendido(s) no estado em que se encontram física e documental, inclusive de responsabilidade exclusiva do arrematante. A constatação da Arrematação será exclusivamente via Ata de Arrematação. Sendo a transferência da propriedade do imóvel feita por meio de Escritura Pública de Compra e Venda. Prazo de Até 90 dias da formalização da arrematação. O arrematante será responsável por realizar a devida *due diligence* no imóvel de seu interesse para obter informações sobre eventuais ações, ainda que não descritas neste edital. Caso ao final da ação judicial relativa ao imóvel arrematado, distribuída antes ou depois da arrematação, seja invalidada a consolidação da propriedade, e/ou os leilões públicos promovidos pelo vendedor e/ou a adjudicação em favor do vendedor, a arrematação será automaticamente rescindida, após o trânsito em julgado da ação, sendo devolvido o valor recebido pela venda, incluída a comissão do leiloeiro e os valores comprovadamente despendidos pelo arrematante à título de despesas de condomínio e imposto relativo à propriedade imobiliária. A mera existência de ação judicial ou decisão judicial não transitada em julgado, não enseja ao arrematante o direito à desistência da arrematação. O proponente vencedor por meio de lance on-line, terá prazo de 24 horas, depois de comunicado expressamente do êxito do lance, para efetuar o pagamento, exclusivamente por meio de TED e/ou cheques, da totalidade do preço e da comissão do leiloeiro, no prazo edital. O não pagamento dos valores de arrematação, bem como da comissão do(a) Leiloeiro(a), no prazo de até 24 (vinte e quatro) horas contadas da arrematação, configurará desistência ou arrendimento por parte do(a) arrematante, ficando este(a) obrigado(a) a pagar o valor da comissão devida do(a) Leiloeiro(a) (5% - cinco por cento), sobre o valor da arrematação, perdendo a favor do Vendedor o valor correspondente a 20% (vinte por cento) do lance ou proposta efetuada, destinado ao reembolso das despesas incorridas por este. Poderá o (a) Leiloeiro(a) emitir título de crédito para a cobrança de tais valores, encaminhando-o a protesto, por falta de pagamento, se for o caso, sem prejuízo da execução prevista no artigo 39, do Decreto nº 21.981/32. Ao concorrer para a aquisição do imóvel por meio do presente leilão, ficará caracterizada a aceitação pelo arrematante de todas as condições estipuladas neste edital. As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto nº 21.981 de 19 de outubro de 1932, com as alterações introduzidas pelo Decreto nº 22.427 de 1º de fevereiro de 1933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial. Maiores informações: (31)3360-4030 ou pelo e-mail: contato@francoleiloes.com.br, Belo Horizonte/MG, 15/05/2025.

www.francoleiloes.com.br
(31) 3360-4030

STARTUPS GOVTECH

Setor público quer melhorar serviços

Atento à oportunidade, o Governo da Paraíba formulou um conjunto de políticas de fomento e apoio técnico

Ascom Secties/PTHI

Um nicho de mercado até pouco tempo atrás inexistente agora emerge como grande oportunidade de negócios para startups. Esse espaço nasce no setor público, que procura melhorar a eficiência tanto dos serviços internos quanto para a população. O segmento está sendo ocupado pelas chamadas "GovTechs", startups focadas em oferecer soluções inovadoras para desafios específicos do governo.

O estudo "As Startups GovTech e o Futuro do Governo no Brasil", desenvolvido pelo Banco de Desenvolvimento da América Latina e Caribe, mostrou que em 2020 existiam 80 startups e PMEs brasileiras. Quatro anos depois, o Mapa GovTech Brasil 2024, da BrazilLAB, revelou que, entre 2020 e 2023, o número de empresas desse segmento no Brasil cresceu seis vezes (cerca de 500%, portanto). Hoje existem 475 startups e PMEs com perfil GovTech no país.

Atento à oportunidade, o Governo da Paraíba formulou um conjunto de políticas públicas de fomento e apoio técnico para esses empreendimentos locais ganharem mercado e se estabelecerem. São programas executados por meio da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação (PTHI) e Ensino Superior (Secties), com o apoio



Foto: Ravi Pacheco

São programas executados por meio da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação (PTHI) e Ensino Superior (Secties), com o apoio da Fapesq

do Parque Tecnológico Horizontes de Inovação e da Fundação de Apoio à Pesquisa (Fapesq).

O ambiente é tão novo que a primeira iniciativa de um evento reunindo exclusivamente GovTechs paraibanos

foi realizada na última segunda-feira, em Campina Grande, pelo Sebrae Paraíba, em parceria com o Governo do Estado, o Pitch Gov. De acordo com a organização do evento, 25 startups apresentaram um pitch: uma apresentação crite-

riosa, cronometrada, submetida a avaliação de uma banca de especialistas.

A Secties e empresas acompanhadas pelo PTHI marcaram presença no Pitch Gov. O secretário Claudio Furtado integrou uma das

banças avaliadoras, contribuindo com sua visão para a melhoria das soluções apresentadas: "Testemunhamos aqui a apresentação de várias soluções que podem ser incorporadas à administração pública. Soluções com níveis de maturidade diferentes, mas algumas já num estágio avançado de inovação", afirmou o secretário.

O governo paraibano fomenta oito projetos específicos com R\$ 150 mil por meio de editais lançados em 2024 e ainda em andamento; e dois deles estão em processo de incubação, com mentorias pelo programa Parque Tecnológico Horizontes de Inovação. Três participaram do Pitch Gov: a Inovathys, a e-SUS em Cloud e a LabToy, que foi destaque entre elas, ficando entre as 12 selecionadas para expor na Feira do Empreendedor, em agosto deste ano.

"Isso nos traz expectativas de que no futuro tenhamos realmente muitas soluções para os mais diversos desafios que o setor público enfrenta e enfrentará para atender melhor ao público e promover

mais qualidade na gestão governamental", complementa Claudio Furtado.

A coordenadora do programa PTHI, Francilene Procópio, considera que o PTHI tem conquistado uma série de bons resultados no estado. A atuação nos processos de aceleração de empresas conta com a plataforma virtual desenvolvida em parceria com o Laboratório de Aplicações de Vídeo Digital (Lavid/UFPB). "Já é o maior programa de incubação e aceleração do estado da Paraíba", informa.



Secretário de Estado da Ciência e Tecnologia, Claudio Furtado (segundo da esq. para a dir.), em evento no Sebrae

Plataforma de conteúdos educativos Lab Toy já recebe uma subvenção

Entre as empresas que apresentaram suas ideias no evento, está a LabToy, uma plataforma de conteúdos educativos; ela recebe subvenção econômica do edital "Conectando Startups 3", que selecionou 20 empreendimentos. Agnys Fernandes, fundador, destaca que esse fomento o ajudou de várias formas. "Estamos fazendo nossa plataforma, nosso site, e as trilhas educacionais estão sendo remodeladas", ressalta.

A e-SUS em Cloud também esteve presente; ela é uma startup que conecta pequenos e médios municípios brasileiros

à tecnologia de ponta, a rede mais avançada de infraestrutura de tecnologia do mundo. Rodrigo Vieira, fundador do e-SUS em Cloud (apoiado pelo edital de Incubação nº 08/2024 Secties/Fapesq), considera-se um resolvidor de problemas. "E esse problema gritou na minha frente. Eu resolvi num primeiro município e vi que a solução poderia ser escalável, reproduzida. Com o apoio dessas agências, eu consegui estruturar, o que nos permitiu crescer", salienta.

Já a Inovathys transforma edifícios públicos e privados

em estruturas inteligentes e eficientes, contribuindo diretamente para redução de gastos, sustentabilidade ambiental e melhor utilização dos recursos energéticos. Celso Padilha, CEO, explica: "Nossa solução de economia energética inicia com foco no setor governamental por três razões estratégicas: 1) alto potencial de impacto financeiro em milhares de prédios públicos ineficientes; 2) ambiente favorável com decretos e programas de incentivo já existentes; e 3) menor concorrência especializada neste nicho complexo".

Empreendimentos são parte do programa formal de aceleração

O PTHI tem uma série de empreendimentos que foram prospectados a partir desses eventos e que fazem parte do programa formal de aceleração. "Em junho deste ano, vamos chegar a 60 empreendimentos simultâneos apoiados. E já estamos na terceira edição dos editais "Conectando Startups", por meio do qual essas GovTechs paraibanas estão sendo fomentadas", salienta Francilene Procópio.

No primeiro edital, o

apoio foi para empreendimentos do turismo sustentável e da educação digital. No segundo, transição energética. E, no terceiro, economia da longevidade. Nesses dois últimos, 30 empresas foram subvencionadas. "E nós selecionamos os primeiros empreendimentos para incubação física na primeira chamada de incubação do PTHI. A primeira etapa é da aceleração virtual e segue para residência física com a entrega da instalação", esclarece Francilene

Procópio.

A gestora do PTHI informou que está sendo trabalhado o plano de lançamento do espaço físico do Parque, uma série de atividades que vão ser entregues à sociedade. O projeto para criar a Fundação Parque Tecnológico Horizonte de Inovação como personalidade jurídica está na fase final de avaliação na Assembleia Legislativa. Será um passo importante na materialização desse projeto importante para o estado.

Projetos

O governo paraibano fomenta oito projetos específicos com R\$ 150 mil por meio de editais lançados em 2024

MATA ATLÂNTICA

Bioma está em 17 estados brasileiros

Território paraibano tem 9% de cobertura vegetal original, encontrada, em maioria, na Zona Rural de 45 municípios

Carolina Oliveira
marquesdeoliveira.carolina@gmail.com

Para conscientizar sobre conservação, recuperação e uso sustentável do bioma presente em 17 estados brasileiros, o Dia Nacional da Mata Atlântica, celebrado na próxima terça-feira (27), foi definido em alusão à data em que, em 1560, foi assinada a Carta de São Vicente, documento que descreveu pela primeira vez a biodiversidade das florestas tropicais nas Américas. Segundo a Fundação SOS Mata Atlântica, restam 9% da cobertura vegetal do bioma no território original do estado da Paraíba.

Os fragmentos florestais são encontrados, principalmente, na Zona Rural de 45 municípios. "Na Paraíba, o bioma ocupa uma área reduzida, concentrada no Litoral e em algumas regiões mais altas do brejo, como os municípios de Bananeiras e Areia", ressaltou o gerente-executivo de Áreas Protegidas, Biodiversidade e Gestão Costeira da Secretaria do Meio Ambiente e Sustentabilidade da Paraíba (Semas), Thiago Silva.

Com florestas densas, clima quente e úmido, e ecossistemas como manguezais e restingas, a preservação desse bioma é essencial para a manutenção ecossistêmica. "Ele ajuda a manter o clima equilibrado, limpa a água, protege o solo e abriga grande parte da nossa biodiversidade, além de também ser essencial no combate ao aquecimento global. As principais ameaças ao bioma são o desmatamento, o uso desordenado do solo, a poluição e a exploração excessiva dos recursos naturais.", destacou Thiago.

Hoje, restam cerca de 24% da cobertura original da floresta no Brasil, espalhada em áreas isoladas, de acordo com informações da ONG SOS Mata Atlântica. "Para preservar o que ainda resta, foram criadas Unidades de Conservação e programas de educação ambiental, como o Agente Jovem Ambiental, que ensina jovens da rede pública sobre meio ambiente e os prepara para atuar na proteção da natureza", afirmou o representante da Semas.

Outro destaque é o Programa Paraíba Mais Verde, da Semas, que possui cinco projetos, incluindo o Viveiro Parahyba do Futuro, voltado para a produção e distribuição de mudas para reflorestamento. O projeto também apoia agricultores familiares na regularização de áreas de preservação em suas propriedades.

Biodiversidade

A mata abriga mais de 20 mil espécies de plantas e milhares de espécies de animais, incluindo mamíferos, aves, anfíbios e insetos. "Na Paraíba, espécies como o pintor-verdadeiro (*Tangara fastuosa*) e o macaco-prego-galego (*Sapajus flavius*) estão entre os animais ameaçados de extinção. Entre as plantas, espécies como o pau-brasil (*Paubrasilia echinata*) também enfrentam riscos devido à exploração e perda de habitat", apontou Thiago Silva.

O engenheiro florestal Paulo Corrêa destaca, entre as preocupações relacionadas à Mata Atlântica, à fragmentação e ao isolamento dos remanescentes florestais. "Dificultam o fluxo gênico e comprometem a sobrevivência de diversas espécies". Também atua neste contexto, a pressão antrópica, com o avanço da monocultura, da caça e da pesca predatórias, já que espécies ameaçadas de extinção dependem, diretamente, desses ambientes preservados para sobreviver.

Mudanças climáticas podem alterar o regime de chuvas e reduzir a disponibilidade hídrica das regiões. "Se impõem também, riscos à segurança hídrica, uma vez que a floresta exerce um papel essencial na proteção de nascentes e cursos d'água", ressaltou Paulo.

Desmatamento

De acordo com informações da Superintendência do Instituto

Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) na Paraíba, dos 66 autos de infração de flora no território paraibano, durante o período de 2024 a 2025, 40% correspondiam a porções de Mata Atlântica. Foram 54 hectares de área de desmatamento do bioma fiscalizadas e embargadas pelo Ibama no estado. "Principalmente em Marcação, Rio Tinto e Baía da Traição, nas terras indígenas do povo Potiguar", apontou o superintenden-

te Geandro Guerreiro.

Dados do Atlas da Mata Atlântica e do Sistema de Alertas de Desmatamento (SAD), divulgados pela SOS Mata Atlântica apontam que, em 2024, a área total desmatada no bioma caiu 14%. A perda das matas maduras, que possuem maior biodiversidade e estoque de carbono, teve, por outro lado, redução de apenas 2%. A redução registrada nos monitoramentos é considerada pequena diante do objetivo de

desmatamento zero.

Registros do Atlas da Mata Atlântica apontaram que a perda na vegetação passou de 14.697 hectares, em 2023 para 14.366 hectares, em 2024, o que representa uma redução de 2% na área desmatada. Esse nível de desmatamento representa, porém, a emissão de cerca de 6,87 milhões de toneladas de CO₂ equivalente, valor comparável às emissões anuais de Camarões ou do Distrito Federal brasileiro, conforme divulgou

a SOS Mata Atlântica.

Piauí e Bahia lideram o desmatamento no país, com respectivamente, 26.030 e 23.218 hectares desmatados, de acordo com o SAD Mata Atlântica. A expansão da agropecuária em áreas privadas é, ainda, o principal vetor do desmatamento do bioma, conforme apontam os levantamentos. Em 2024, mais de 70% das áreas desmatadas estavam em terras privadas ou em sem registro fundiário formal.

Áreas de Conservação protegem recursos

As Unidades de Conservação formam o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) e são geridas pelo Instituto Chico Mendes de Con-

servação da Biodiversidade (ICMBio), no âmbito federal, e pela Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), no âmbito estadual. São categorizadas em dois grupos, de acordo com seus objetivos. Unidades de proteção integral, cujo foco principal é a preservação da natureza, com uso restrito dos recursos naturais. E, as unidades de uso sustentável que conciliam conservação e uso sustentável dos recursos naturais, beneficiando, inclusive, populações e comunidades tradicionais.

No território paraibano, existem oito unidades estaduais do bioma, sendo cinco de proteção integral e três de uso sustentável, totalizando uma área de 19.640,3 hectares. As unidades de proteção integral são o Parque Estadual Mata do Pau Ferro; Parque Estadual Mata do Xém-Xém; Parque Estadual das Trilhas; Refúgio de Vida Silvestre da Mata do Buraquinho e a Estação Ecológica do Pau-Brasil. A APA Tambaba, APA Roncador, e a ARIE Goiamunduba são de uso sustentável.

Na Paraíba, são cinco unidades de conservação federais. A APA da Barra do Rio Mamanguape; a ARIE da Foz do Rio Mamanguape; a RESEX Acaú-Goiana, com parte de sua área localizada no território paraibano; e a Floresta Nacional da Restinga de Cabedelo; são de uso sustentável. As unidades de proteção integral são o Parque Nacional da Serra do Teixeira e a Reserva Biológica (REBIO) Guaribas.

Mediante legislação são definidos os critérios, os objetivos e as diretrizes para a criação, implantação e gestão das UCs, visando a proteção do patrimônio natural e a promoção do desenvolvimento socioambiental sustentável. Protegem remanescentes de Mata Atlântica, habitats de espécies ameaçadas e endêmicas, e ecossistemas costeiros.

Na Paraíba, abrigam uma biodiversidade ameaçada, como o guariba-de-mãos-ruias (*Alouatta belzebul*) e o peixe-boi-marinho (*Trichechus manatus*). De acordo com o engenheiro florestal, analista ambiental do ICMBio e chefe



Foto: Leonardo Ariel

Oito unidades de preservação na PB são estaduais

do NGI Mamanguape, Paulo Roberto Corrêa, as unidades desempenham papel essencial na manutenção de serviços ecossistêmicos, como a regulação do clima, proteção de nascentes e mananciais hídricos, estabilidade do solo, controle de erosão e estoque de carbono.

Também permitem o uso sustentável dos recursos naturais por populações locais e comunidades tradicionais, e servem como espaços para

estudos científicos e atividades educativas. "O monitoramento das UCs é feito por meio de programas e ferramentas como o Manejo Integrado do Fogo, o Monitoramento da Biodiversidade, os planos de manejo, a vigilância e a fiscalização ambiental. Também são realizados levantamentos de fauna e flora, análise de dados de sensoriamento remoto e ações de educação ambiental", acrescentou Paulo.

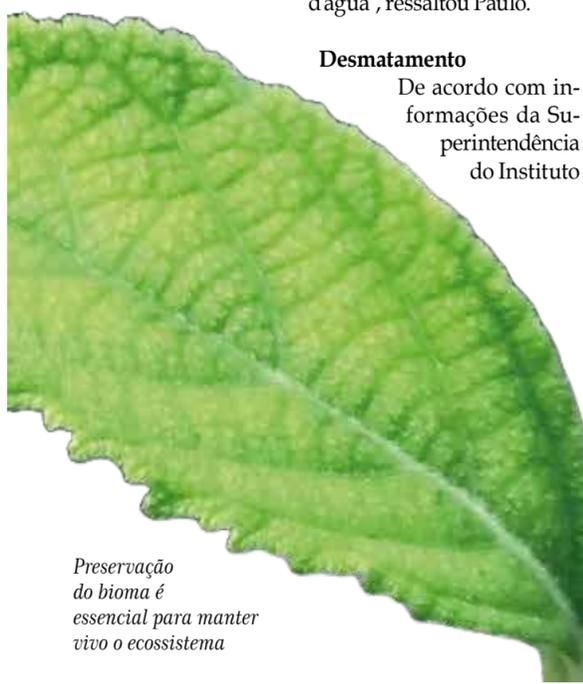
Jardim Botânico é um refúgio verde na cidade

O Jardim Botânico Benjamin Maranhão (JBBM), está situado no RVS Mata do Buraquinho, Unidade de Conservação de Proteção Integral, com 512,933 hectares. "Destaca-se como um dos maiores remanescentes de Mata Atlântica, em perímetro urbano do país, possuindo grande extensão e importância ecológica", apontou a bióloga Juliana Coutinho.

Abriga espécies importantes e ameaçadas, promove regulação microclimática, e contribui para o equilíbrio ambiental e qualidade de vida na cidade. "Ao passo que se intensificam a expansão urbana desordenada e a fragmentação dos habitats naturais, a supressão de áreas verdes nos centros urbanos tende a comprometer, drasticamente, e exaurir a funcionalidade das florestas", explica Juliana Coutinho.

"Ao longo do tempo, a área passou por diferentes representações e usos. Foi somente a partir da valorização do seu potencial, como fornecedora de água, e da consciência ecológica emergente, que a Mata do Buraquinho passou a ser vista sob uma nova ótica".

Os esforços de preservação incluem ações educativas, fiscalização ambiental, recuperação de áreas degradadas e projetos de pesquisa científica, além da articulação entre a Sudema, comunidade local, instituições de ensino e sociedade civil organizada. "As atividades realizadas buscam traduzir o saber científico para a linguagem do público em geral. Com oficinas, trilhas e eventos que proporcionam experiências diretas com a natureza, buscando despertar o entendimento do ambiente natural e a sensibilização ambiental".



Preservação do bioma é essencial para manter vivo o ecossistema



Foto: Divulgação/ICMBio



Fotos: Divulgação/ICMBio



Floresta abriga milhares de espécies de animais

BRASILEIRO SÉRIE C

Belo busca reabilitação

Sem vencer há sete jogos, incluindo a Copa do Brasil, o Botafogo-PB recebe o Retrô-PE, no Estádio Almeidão

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

O Botafogo-PB enfrenta o Retrô-PE, no Almeidão, hoje, às 15h, pela sétima rodada do Campeonato Brasileiro Série C. O Alvinegro não vence desde 12 de abril, quando ganhou por 3 a 0 do Confiança-SE, pela primeira rodada do torneio nacional. Já o time pernambucano vem de classificação para as oitavas de final da Copa do Brasil.

Buscando contar com a presença do torcedor, o Botafogo comercializa os ingressos para o jogo de hoje com os seguintes preços: Leste Sol, R\$ 30 (meia) e R\$ 60 (inteira); Oeste Sombra, R\$ 40 (meia) e R\$ 80 (inteira); Cadeiras Numeradas, R\$ 70 (meia) e R\$ 140 (inteira); e Visitantes, R\$ 30 (meia) e R\$ 60 (inteira). A partir das 9h, as entradas podem ser adquiridas nas bilheteria do Almeidão. De forma *on-line*, o torcedor pode comprar o bilhete no *site* futebolcard.com.br.

Contra o Retrô, Márcio Fernandes fará seu primeiro jogo dentro do Almeidão. As suas duas primeiras partidas à frente do Belo (empate contra o Maringá-PR; derrota para o Flamengo-RJ) foram fora de casa. Agora, em casa, a expectativa é de que o time volte ao caminho das vitórias. A agremiação da Maravilha do Contorno tem 13 partidas por fazer na Série C. O objetivo é terminar no G8 após esses enfrentamentos.

No atual cenário da temporada, após seis rodadas da Terceira Divisão, o Botafogo acumula apenas seis pontos, tendo uma vitória, três empates e duas derrotas. Se contabilizar os resultados da Copa do Brasil, derrotas por 1 a 0 e 4 a 2 para o Flamengo, o time não vence há sete partidas. Na Terceira Divisão, o Belo iniciou a rodada na 15ª posição da tabela de classificação para o quadrangular do acesso. Em caso de resultado negativo, há o risco de entrar no Z4.

O adversário

O Retrô chega para o duelo desta tarde em melhor momento. O time eliminou o Fortaleza-CE na terceira fase da Copa do Brasil, atuando dentro da Arena Castelão. Na Série C, os pernambucanos fazem uma campanha irregular. Ocupando a 12ª posição no início da rodada, com sete pontos, a Fênix contabiliza duas vitórias, um empate e três derrotas.

Retrospecto

Belo e Retrô encontraram-se, oficialmente, apenas uma vez em toda a história. Em 2023, pela Pré-Copa do Nordeste, o Botafogo venceu nos pênaltis após empate em 0 a 0, no Almeidão, e avançou para a segunda fase da competição. Com o placar inalterado no tempo normal, o time paraibano fez 3 a 1 nas penalidades máximas.

De acordo com Raimundo Nóbrega, entusiasta e pesquisador da história do Botafogo, as equipes ainda realizaram três jogos

amistosos, todos terminaram empatados. O último encontro ocorreu no CT Maravilha do Contorno, em João Pessoa, em 23 de dezembro de 2024, quando não saíram do 0 a 0.

Arbitragem

Anderson Ribeiro Gonçalves (CBF-GO) apita a partida entre paraibanos e pernambucanos. Tiago Gomes da Silva (CBF-GO) e Igor Alves de Moraes (CBF-GO) serão os assistentes. O quarto árbitro é Bruno Monteiro Cunha (CBF-PB).

Outros jogos

Além de Botafogo e Retrô, hoje, mais três jogos movimentam a Série C: no Novelli Júnior, em Itú (SP), às 16h30, jogam Ituano-SP e Floresta-CE; no Colosso da Lagoa, em Erechim (SP), também às 16h30, tem Ypiranga-RS e Tombense-MG; e, no Jonas Duarte, no interior de Goiás, às 19h, duelam Anápolis-GO e Maringá-PR.



Renier e Thalison empenham-se durante treinamento, visando o jogo contra o Retrô-PE hoje, no Almeidão, pela sétima rodada do Brasileiro da Série C

Foto: Divulgação/Botafogo-PB

SÉRIE D

Sousa-PB tem um novo desafio contra o Santa Cruz-PE

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

O Sousa-PB terá um grande desafio, hoje, às 16h30, no Marizão. O Dino enfrenta o Santa Cruz-PE, líder do Grupo A3 da Série D. A equipe do Sertão da Paraíba ainda não conseguiu manter uma regularidade no Campeonato Brasileiro, mas aposta no mando de campo para surpreender o rival pernambucano.

Após ter conquistado sua primeira vitória na competição, triunfo contra o Ferroviário-CE por 4 a 0, no jogo seguinte, o Sousa mais uma vez decepcionou e perdeu para o Horizonte-CE por 2 a 1, fora de casa. A campanha do Dino na Série D contabiliza uma vitória, um empate e três derrotas. Depois de cinco rodadas, somou ape-

nas quatro pontos. Jogando em casa, no Marizão, o clube ainda não perdeu e nem sofreu gols nas duas partidas que fez.

Adversário

O Santa Cruz iniciou a sexta rodada da Série D como líder do Grupo A3 e dono da segunda melhor campanha geral da competição, com 13 pontos. Contra o Sousa, o time de Marcelo Cabo pode alcançar o seu maior período invicto na atual temporada. Nas cinco primeiras rodadas da Quarta Divisão, os pernambucanos

Na rodada anterior, o Sousa-PB foi surpreendido pelo Horizonte-CE e perdeu de 2 a 1, fora de seus domínios



Foto: Yorran Vieira/Horizonte-CE

conquistaram quatro vitórias (Treze-PB, Horizonte-CE, América-RN e Central-PE) e mais um empate (Santa Cruz de Natal-RN). Se não perder, o Tricolor vai acumular seis partidas de invencibilidade, superando a marca de cinco jogos conquistada ainda no Estadual.

Em 2025, o Santa Cruz-PE tem a grande pressão de conseguir um acesso para a Série C. Para isso, agora, como Sociedade Anônima do Futebol (SAF), fez um alto investimento, inclusive,

trazendo o atacante Thiago Galhardo. Jogando o Campeonato Pernambucano, a equipe foi semifinalista, perdendo para o rival Sport-PE.

Arbitragem

Marcel Phillippe Santos Martins (CBF-SE) é o árbitro do confronto entre Sousa e Santa Cruz. Wladimir Cunha Mendes (CBF-PB) e Rafael Guedes de Lima (CBF-PB) são os assistentes. O quarto árbitro é William Cacio de Oliveira (CBF-PB).

Outros jogos

Mais duas partidas acontecem, hoje, pelo Grupo A3: no Lacerdão, em Caruaru (PE), às 16h, tem Central-PE e Horizonte-CE; e, no Presidente Vargas, em Fortaleza (CE), às 17h, jogam Ferroviário-CE e América-RN.

WILIANS ARAÚJO

Judoca vive novo ciclo paralímpico

Paraibano está no melhor momento de sua carreira e sonha em realizar um projeto social, em Riachão do Poço

Camilla Barbosa
acamillabarbosa@gmail.com

Foto: Marcelo Zambrana/CPB

A Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais (CBDV) convocou, na última segunda-feira (19), a Seleção Brasileira de judô paralímpico que participará da 2ª Fase de Treinamentos do ano. A etapa preparatória está programada para acontecer entre os dias 8 e 14 de junho, no CT Paralímpico Brasileiro, em São Paulo (SP).

Entre os 26 judocas convocados, está o paraibano Wilians Araújo, que conquistou o bicampeonato mundial da categoria J1 - acima de 95kg, em Astana, no Cazaquistão, no dia 14 deste mês. O atleta comentou sobre o alto nível técnico do certame, bem como o peso e o significado de competir em alto nível.

“É uma competição extremamente difícil, eu costumo dizer que o Mundial é até mais difícil do que a Paralimpíada. Na Paralimpíada você chega e já sabe quem são os atletas que estão lá, foram atletas classificados e que participaram de diversas competições ao longo do ciclo, então, você já chega com material para estudar esses adversários. No Mundial, não, pode aparecer uma surpresa do nada, chegar lá e um cara muito bom que nunca lutou contigo fazer você acabar tendo um resultado adverso. Então, realmente, é um campeonato muito difícil”, explicou.

O desempenho de Wilians foi importante também para colocar o Brasil no topo do ranking geral de medalhas da competição. Os brasileiros conquistaram 11 medalhas (cinco ouros, cinco pratas e um bronze) nas disputas individuais, além da prata com o time masculino e bronze com o feminino, feito que garantiu ao país a melhor participação em todos os tempos (superando a edição de Baku 2022, quando ganhou dez medalhas, sendo duas douradas).

“Eu me sinto feliz em poder representar o Brasil em mais um Campeonato Mundial. Essa foi minha quarta participação, tenho duas medalhas de ouro agora, além de uma de bronze, em 2014, e um quinto lugar, em 2018. Eu fico feliz em poder contribuir para o Brasil conseguir esse resultado, esse efeito histórico. É um resultado muito importante para a continuação do meu trabalho, a concretização de um sonho, então, eu fico muito feliz e espero continuar trazendo os melhores resultados para o Brasil”, destacou ele.

“Eu sei que, hoje, sou um dos atletas mais estudados a nível mundial e eu entro para competir com pessoas que já vêm com a estratégia de luta montada, então, tenho sempre que me superar, e graças a Deus está dando tudo certo. Poder continuar trabalhando, continuar treinando e esse resultado aí, com certeza, vai me dar ainda mais investimentos para que eu possa continuar dando o meu melhor e buscar essa vaga para Los Angeles”, complementou o sucessor de Ednanci Silva no judô paraibano.



Nas Paralimpíadas de Paris 2024, Wilians mostrou toda a sua técnica diante de adversários difíceis e conseguiu a medalha de ouro para o Brasil

Los Angeles 2028

Com o início de mais um ciclo paralímpico - agora visando os Jogos de Los Angeles 2028 -, é natural que um paratleta precise reajustar a rota e buscar as melhorias necessárias para continuar competindo em alto nível. No caso de Wilians, o ponto principal que tem sido trabalhado é o fator psicológico, justamente para que ele não ceda ao comodismo.

“Eu tenho trabalhado muito o meu psicológico para que eu não venha me acomodar, porque, às vezes, logo após um grande resultado, muitos atletas fazem isso. Por incrível que pareça, já tive algumas pessoas que falaram assim ‘pô, cara, tu ganhou tudo, tu quer mais o quê? e tal. Tá bom, chega’, e eu trabalho muito meu psicológico para isso, porque ainda tenho muita lenha para queimar no judô paralímpico e para que eu não possa me acomodar, deixar de treinar, que eu possa continuar do jeito que eu sempre fui na minha carreira inteira, sempre me dedicando aos treinamentos, me esforçando e dando o meu melhor, mantendo a minha disciplina em tudo, na alimentação, nos treinamentos e na dedicação”, afirma.

“Eu tenho trabalhado muito isso na minha mente para que eu possa continuar dando o meu máximo e o resultado, com certeza, vai vir. Então, é continuar treinando, continuar me dedicando e o mais importante, não tendo lesões, porque lesão realmente é um momento muito difícil para o atleta e graças a Deus, Ele tem me abençoado e eu tenho sempre consegui-

do chegar nas competições em ótima forma e bem fisicamente”, acrescenta o judoca.

Referência local

Wilians é a verdadeira

personificação da expressão popular “conheça o mundo inteiro, mas nunca se esqueça do quintal da sua casa”. Isso porque, apesar de ser uma referência mundial na

modalidade esportiva, ele faz questão de ressaltar a importância e o orgulho que sente por sua cidade natal, Riachão do Poço; o município de quase 4 mil habitan-

tes também faz parte dos sonhos que o judoca deseja realizar no futuro.

“Eu já pensei em muitas coisas, não sei se vou ter condições, mas tenho muita vontade de fazer um projeto social, principalmente aqui, na cidade em que eu moro. Tenho muita vontade de dar oportunidade para alguns jovens, porque o esporte me deu essa oportunidade de ser uma ferramenta de transformação de vida não só para mim, como para muita gente da minha família”, declara.

“O esporte é, com certeza, o maior meio de inclusão, de educação, de transformação social, e a gente tem muitos jovens, hoje, expostos às coisas do mundo, ao álcool, à droga no geral, à violência, e o esporte tem esse poder de direcionar essas crianças ao caminho do bem, ao caminho que é certo. Eu queria muito, eu sonho com isso, em um dia ter, de repente, um projeto social, em que, se eu puder trazer a transformação à vida de uma ou duas crianças, eu já vou estar muito feliz; porque, é como se fosse uma pirâmide: eu transformo a vida de duas crianças, essas duas crianças transformam a vida da família, dos amigos e de outras pessoas. Então, realmente, eu sonho com isso, mas é um projeto que ainda está na fase do sonho, ainda preciso de bastante apoio, principalmente apoio político, para pôr isso aí em prática”, emendou o atleta, que perdeu a visão aos 10 anos, em um acidente com tiro de espingarda, e começou a praticar judô em 2009.



Foto: Arquivo pessoal

Wilians Araújo, ao lado de Edinanci Silva, judoca que tem uma história bonita no judô

MUNDIAL DE CLUBES

Fifa define janela para contratações

Associações nacionais poderão registrar novos jogadores para a competição, nos EUA, entre 1º e 10 de junho

De acordo com o Regulamento do Mundial de Clubes da Fifa 2025 e com as emendas correspondentes ao Regulamento sobre o Estatuto e Transferência de Jogadores, as 20 associações nacionais cujos clubes disputarão a competição confirmaram a abertura de uma janela de registro excepcional entre os dias 1º e 10 de junho.

Essa medida vale para todos os clubes participantes do Mundial de Clubes da Fifa 2025, permitindo que novos reforços sejam inscritos para o torneio. A data-limite para envio das listas finais de jogadores foi fixada em 10 de junho, garantindo que os clubes possam levar aos Estados Unidos atletas contratados nessa janela especial.

As associações-membro envolvidas estão localizadas nos seguintes países: África do Sul, Alemanha, Arábia Saudita, Argentina, Áustria, Brasil, Coreia do Sul, Egito, Emirados Árabes Unidos, Espanha, Estados Unidos, França, Inglaterra, Itália, Japão, Marrocos, México, Nova Zelândia, Portugal e Tunísia.

O Regulamento do Mundial de Clubes, aprovado pelo Conselho da Fifa em outubro de 2024, foi elaborado para solucionar questões técnicas e equilibrar as diferenças entre os períodos de inscrição e os calendários domésticos dos clubes participantes, além de dar certa flexibilidade às associações envolvidas.

Os clubes também poderão substituir ou adicionar jogadores durante um curto período de competição, entre 27 de junho e 3 de julho de 2025, respeitando um limite definido e condições específicas (como a exigência de que uma janela de transferências “padrão” esteja aberta para o clube naquele momento).

O objetivo é facilitar acordos entre clubes e jogadores cujos contratos estejam prestes a vencer, permitindo que mais atletas possam participar da competição. Assim, os melhores nomes estarão em campo, inclusive com possibilidade de reforços durante o próprio torneio.

O Mundial de Clubes da Fifa 2025 reunirá 32 clubes de elite dos seis continentes. A bola rola no sábado, 14 de junho, no Hard Rock Stadium, em Miami. Ao todo, 63 partidas serão disputadas em 11 cidades: Atlanta, Charlotte, Cincinnati, Los Angeles, Miami, Nashville, Nova York-Nova Jersey, Orlando, Filadélfia, Seattle e Washington D.C.

A grande final, que promete ser um espetáculo, acontecerá no domingo, 13 de julho, no MetLife Stadium, onde será coroado o campeão mundial de clubes da Fifa.

A DAZN, principal plataforma global de entretenimento esportivo, é a detentora exclusiva dos direitos de transmissão global do torneio. Os ingressos já estão à venda no site Fifa.com/tickets.

Foto: Marcelo Gonçalves/ Fluminense FC



O Fluminense-RJ é um dos representantes do Brasil, no Mundial de Clubes, que terá início no dia 14 de junho e irá reunir os 32 melhores do mundo

Zubeldía é o técnico preferido do Boca Juniors

Agência Estado

Luis Zubeldía vive sua melhor fase no São Paulo-SP, com o time garantido nas oitavas de final da Copa Libertadores e da Copa do Brasil. Em alta mais uma vez com o torcedor tricolor, o treinador argentino vê seu nome figurar entre os candidatos a dirigir o Boca Juniors (ARG) já no Mundial de Clubes dos Estados Unidos, no mês que vem.

Depois de desistir de Gabriel Milito para a vaga de Mariano Heróon, que estava dirigindo o Boca Juniors de maneira interina no Torneio Apertura, o presidente Juan Roman Riquelme voltou ao mercado em busca de um treinador de elite para o clube com Zubeldía entre os preferidos, de acordo com jornalista que acompanha o dia a dia dos xeneizes.

O comandante tricolor agrada a Riquelme, que também sonha com Gustavo Quinteros e o

Foto: Rubens Chiri / São Paulo FC



Zubeldía dirige o São Paulo e vive bom momento na Copa Libertadores e na Copa do Brasil

experiente Gerardo Martino, que dirigiu Messi e passa férias na Europa. Zubeldía, porém, trata-se de um sonho complicado pela fase tranquila no São Paulo.

Zubeldía sofreu muita pressão há um mês, quando o São Paulo estava cambaleante e não conseguia engrenar. Mas a diretoria do São Paulo jamais cogitou mandá-lo embora, definindo seu trabalho como “benfeito”. Na ocasião, um triunfo diante do Santos-SP por 2 a 1 amenizou as cobranças sobre o comandante argentino.

De lá para cá foram 10 jogos, sendo apenas uma derrota, por 1 a 0, diante do Palmeiras-SP no Brasileirão. O São Paulo se reergueu com Zubeldía apostando na molecada e um pedido para saída do técnico seria tratado como surpreendente, já que ele vem elogiando bastante a postura do time em campo e a volta por cima na temporada.

Jogador do Sounders ansioso para os confrontos

Os clubes dos Estados Unidos já estão acostumados a medir forças com gigantes mundiais. Há mais de duas décadas, muitas das principais equipes europeias e sul-americanas viajam regularmente à América do Norte durante os meses de julho e agosto como parte de suas pré-temporadas.

Por causa de seu clima ameno, Seattle se tornou, inclusive, um destino preferido, com vários times como Chelsea (ING), Boca Juniors (ARG), Manchester United (ING), Barcelona (ESP) e Borussia Dortmund (ALE) enfrentando o Seattle Sounders (EUA) em amistosos.

Mas, em 2025, as circunstâncias serão um tanto diferentes. A torcida de Seattle

continuará tendo a chance de ver o time do coração contra essas potências - desta vez, porém, com muito mais em jogo: será no Mundial de Clubes da Fifa 2025.

E o meio-campista do Sounders, Cristian Roldan, aguarda ansioso pela chance de cruzar com Atlético de Madrid (ESP), Botafogo (BRA) e PSG (FRA), pelo Grupo B. O con-

fronto com os atuais campeões da Libertadores gera expectativa especial em Roldan.

“Sempre foi meu sonho jogar contra os melhores do mundo, e agora temos essa oportunidade no Mundial de Clubes da Fifa. Enfrentar times como PSG, Atlético e Botafogo vai trazer muita visibilidade para a cidade, para nós como jogadores, e é também

um desafio novo para mim - competir neste nível contra os melhores”, disse. “Estou muito empolgado com a chance de jogar contra esses clubes. PSG e Atlético estão jogando muito bem atualmente, então, poder competir com eles em um palco mundial vai ser muito gratificante. É um novo nível de competição e um desafio diferente pra gente”.

Foto: Cesar Greco/ Palmeiras/by Canon



Foto: Gilvan de Souza/ Flamengo



Jogadores de Palmeiras-SP e Flamengo-RJ treinando para o grande confronto deste domingo, que acontece no Allianz Parque, pela décima rodada do Campeonato Brasileiro da Série A

PALMEIRAS-SP X FLAMENGO-RJ

Alviverde pode ampliar a liderança

Jogo pela 10ª rodada do Brasileirão acontece no Allianz Parque e envolve os clubes mais regulares de 2025

Da Redação

A décima rodada do Campeonato Brasileiro terá continuidade hoje, com a realização de mais cinco partidas. Grêmio-RS e Bahia-BA protagonizam o primeiro embate do dia, às 11h. Em seguida, às 16h, o Palmeiras-SP enfrenta o Flamengo-RJ, enquanto o Sport-PE duela com o Internacional-RS. O Vitória-BA recebe o Santos-SP, às 18h30. Por fim, o Fortaleza-CE entra em campo contra o Cruzeiro-MG, às 20h30.

Palmeiras x Flamengo

Na briga pela liderança, o Verdão duela, no Allianz Parque, em São Paulo (SP), com o Rubro-Negro, confronto que será transmitido pela TV Globo e pelo Premiere. A equipe paulista é líder do campeonato e tem 22 pontos, enquanto o Flamengo vem logo depois, com 18. Reafirmando também a rivalidade histórica entre os dois times, o confronto direto entre as equipes será decisivo: uma vitória alviverde amplia a vantagem na ponta e mantém a liderança; já um triunfo do conjunto carioca torna a disputa pelo topo da tabela ainda mais acirrada.

Apesar do histórico do confronto ser bem equilibrado, o time mandante tem uma leve superioridade. De acordo com o site ogol.com.br, das 111 vezes que se enfrentaram até aqui, já são 40 vitórias para a equipe paulista, contra 37 triunfos da equipe visitante. Outros 34 encontros entre os dois ficaram empatados.

O fator casa também é de enorme valia ao Palmeiras, que não sabe o que é perder em casa para o Flamengo desde o dia 12 de setembro de 2021, quando o Mengo venceu por 3 a 1, na edição do Brasileirão daquele ano.

Já em relação ao polêmico gramado sintético, Danilo, defensor rubro-negro, compartilhou sua opinião. “Eu nunca joguei no gramado sintético, nem sei te falar. Realmente, eu acredito que jogar no gramado natural é sempre melhor. Essa é a minha opinião, não tenho nenhum problema em falar isso”, disse ele, em contato com a reportagem do Coluna do Fla.

Grêmio x Bahia

A partida entre o Imortal Tricolor e o Esquadrão de Aço será disputada na Arena do Grêmio, em Porto Alegre (RS), com transmissão a cargo do Premiere. Até o momento, após nove rodadas disputadas, a equipe gaúcha soma nove pontos, enquanto o Bahia tem 15 e flerta com o G-4 da competição.

Atravessando uma das fases mais complicadas da temporada, o time comandado por Mano Menezes tenta reagir e reencontrar o caminho da vitória. A sequência de baixas ficou ainda mais pesada após a eliminação para o CSA, na última terça-feira (20), na terceira fase da Copa do Brasil.

Sport x Internacional

O confronto entre Sport e Internacional será realizado na Ilha do Retiro, no Recife (PE), e transmitido pela Globo e Premiere.

O Colorado chega como favorito devido ao seu histórico e desempenho recente. De acordo com o site ogol.com.br, já foram disputados 43 jogos entre as duas equipes, com 19 vitórias do time gaúcho, 14 empates e 10 triunfos do pernambucano.

O Sport, por sua vez, não vence há 11 jogos na temporada. No último jogo, perdeu

para o Ceará-CE por 2 a 0. Antes disso, já havia sofrido uma goleada, em casa, contra o Cruzeiro por 4 a 0, e sido superado pelo Fluminense-RJ, por 2 a 1. Uma das esperanças para o técnico Antônio Oliveira será a volta do centroavante Pablo, recuperado de um desconforto muscular na panturrilha.

Vitória x Santos

O Estádio Barradão, em Salvador (BA), receberá o embate entre Vitória e Santos, que terá transmissão pelo Premiere. Ambos em situação parecida na tabela, o Leão da Barra e o Peixe têm, respectivamente, nove e cinco pontos.

O time anfitrião vem de uma derrota para o Bahia, pelo Brasileirão, por 2 a 1, no último domingo (18), e de uma vitória contra o Cerro Largo (URU) na Sul-Americana, por 1 a 0, anteriormente. Já o Santos não vence como visitante há quase três meses, desde que derrotou o Inter de Limeira (SP), por 3 a 0, em fevereiro.

Fortaleza x Cruzeiro

A última partida da noite será Fortaleza x Cruzeiro, a ser disputada na Arena Castelão, em Fortaleza (CE), e transmitida pelo Sportv e Premiere. O Laion vem de eliminação precoce na terceira fase da Copa do Brasil, para o Retrô-PE, na última quarta-feira (21). Antes disso, no entanto, já havia sido goleado por 3 a 0 para o Vasco-RJ, no sábado (17), pelo Brasileirão.

Com apenas 10 pontos somados, o time nordestino precisa vencer para se afastar de vez da zona de rebaixamento. O Cruzeiro, por sua vez, vive boa fase no torneio nacional. São 17 pontos somados e na briga pelas primeiras posições da tabela.

SAMIR XUAD

Federações e clubes votam, hoje, para eleger novo presidente da CBF

Da Redação

A eleição para a presidência da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) acontece hoje, a partir das 10h30, na sede da entidade, no Rio de Janeiro. A única chapa inscrita no pleito é encabeçada por Samir Xaud, presidente eleito da Federação Roraimense de Futebol (FRF) e apoiado por 25 federações e 10 clubes das Séries A e B do Campeonato Brasileiro (o que inviabilizou o registro de outra chapa).

Participam da votação os representantes das 27 federações estaduais e dos clubes das Séries A e B do Campeonato Brasileiro — totalizando 40 times. A comissão eleitoral viabilizou a votação de forma remota, já que a décima rodada do Brasileirão acontecerá normalmente; no entanto, na última quarta-feira (21), 20 clubes anunciaram, através de uma nota, que não participarão do processo eleitoral, por discordarem do mesmo.

Assinam o manifesto os clubes América-MG, Atlético-PR, Atlético-GO, Botafogo-SP, Chapecoense-SC, Corinthians-SP, Coritiba-PR, Cruzeiro-MG, Cuiabá-MT, Flamengo-RJ, Fluminense-RJ, Fortaleza-CE, Goiás-GO, Internacional-RS, Juventude-RS, Mirassol-SP, Novorizontino-SP, Santos-SP, São Paulo-SP e Sport-SP.

Apesar da abstenção, “Estaremos prontos para conversar com a nova gestão, a partir da próxima semana, para que juntos posamos debater como mudar o processo eleitoral e outras demandas dos clubes em prol de um futebol cada vez melhor”, garantem eles no texto.

Carlo Ancelotti

Samir assumirá oficialmente o posto de presidente da CBF, amanhã, simultaneamente à apresentação do técnico Carlo Ancelotti como técnico da Seleção Brasileira. A saída do italiano do Real Madrid (ESP) foi oficializada na última sexta-feira (23), após uma consistente história construída no

comando do clube espanhol desde 2021.

Durante o período, ele conquistou 11 títulos: Champions League (2021/22 e 2023/24), LaLiga (2021/22 e 2023/24), Supercopa da Uefa (2022 e 2024), Supercopa da Espanha (2021/22 e 2023/24), Copa do Rei (2022/23), Mundial de Clubes (2022) e Copa Intercontinental (2024).

Ancelotti é o treinador com mais títulos na história do Real, sendo campeão por 16 vezes. Em sua primeira passagem, entre 2013 e 2015, ele faturou outros quatro troféus: Champions League (2013-2014), Supercopa da Uefa (2014), Mundial de Clubes (2014) e Copa do Rei (2013-2014).



Candidato único, Samir Xaud irá comandar a CBF

Foto: Divulgação/ CBF

Depois de abandonar as tropas lusitanas e aderir ao Brasil-holandês, Domingos Fernandes Calabar batiza o seu filho, um fato que teria sido maior que o da "traição política"



Ilustração: Bruno Chiossi

O compadre de Calabar

Grupo do Iphaep prepara, para o próximo semestre, uma publicação sobre Servaes Carpentier, o primeiro governador da Paraíba no período do Brasil-holandês

Ademilson José
Especial para A União

Depois de resgatar a *Carta de Despedida de Maurício de Nassau* e uma nova edição da *Descrição de Elias Heckman*, o Grupo de Pesquisa em História do Brasil-holandês, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep) anuncia, para o próximo semestre, uma nova publicação. Desta vez, sobre o médico Servaes Carpentier, primeiro governador da Paraíba no período do Brasil-holandês.

"Trata-se de um personagem, cujo resgate chega a ser uma necessidade da parte do nosso grupo, e é um governante de fundamental importância no período colonial", afirma o sociólogo e antropólogo paraibano Carlos Azevêdo, idealizador e principal organizador da publicação que, como nas vezes anteriores, vem com o selo da Ideia Editora.

Azevêdo conta que, além da íntegra do *Relatório Sobre a Capitania da Paraíba*, Carpentier será retratado desde o nascimento e os primeiros estudos nos Países Baixos, passando pela sua participação na ocupação da Paraíba, em dezembro de 1634, e pelo período de governador, entre 1635 e 1636.

Ocorrida precisamente pela foz que o Rio Jaguaribe tinha, na separação entre os bairros do Bessa e de Intermares, a ocupação holandesa estabeleceu um novo nome para a cidade (Fredrika), além de sediar uma série de transformações econômicas e sociais, entre elas, a assinatura do *Pacto da Paraíba*, medida válida para todo o Brasil-holandês e que se constituiu no primeiro documento a tratar de liberdade religiosa nas Américas.

Como nossa velha "história portuguesa do Brasil" é muito

alheia a tudo o que não é fado, vale aproveitar esses registros e resgates para lembrar que outros dados, no mínimo curiosos, também marcaram aquele momento da história da Paraíba. A começar pelo fato de, como comandante de tropas, o doutor Carpentier não ter chegado sozinho.

Entre 1631 e 1634, as tentativas de ocupação da Paraíba foram três, a última delas com êxito graças às estratégias de um brasileiro que, por meio das articulações de Carpentier, acabara de abandonar as tropas lusitanas e aderido ao Brasil-holandês: Domingos Fernandes Calabar.

Ele e o comandante holandês estreitaram tanto a amizade nas reuniões de planejamento de ocupação que acabaram se tornando compadres. Com Calabar sendo um indivíduo estimado e respeitado junto a *staff*, inclusive, religioso dos batavos. Prova disso é que, quando seu filho nasceu, foi batizado na Igreja Reformada de Recife. O livro de batismo registra que, no dia 20 de setembro de 1634, Calabar esteve ao lado da pia batismal com o seu filho nos braços.

O menino recebeu o mesmo nome do pai, Domingo Fernandus, e como testemunhas, ali estavam o alto conselheiro Servatius Carpentier, o coronel Sigismund von Schoppe, o coronel polonês Chrestoffle Arciszewski, o almirante Jan Cornelisz Lichthart e uma senhora da alta sociedade. O pastor oficiante foi provavelmente o reverendo Daniel Schagen.

Aliás, ao que contam alguns historiadores, a raiva lusitana desse batismo calvinista teria sido maior do que a da "traição política".

Calabar não foi qualquer um, muito menos traidor. Como poderia sê-lo se, na época, não existia a nação Brasil? Pode ter traído Portugal, mas

Portugal é outro "CNPJ". Além do mais, Pedro Souto Maior diz, por exemplo, que o Frei Manoel do Salvador já falava que Calabar era inteligente... "até aprendeu holandês".

Aliás, na sua romanceada sobre a vida do Calabar, João Felício dos Santos revela que, enquanto os lusitanos levaram séculos, com dois anos de ocupação, os holandeses já estavam criando escolas em Recife. E que isso foi uma das justificativas dele para mudar de lado: "Cresci analfabeto, mas vi uma filha muito cedo já na escola".

Esse mameluco é tão cheio de história que, se a gente não parar, acaba esquecendo os holandeses, mesmo sabendo-se que não nos referimos a quaisquer holandeses, mas ao que primeiro governou a Paraíba. E isso num tempo em que, refinado na Holanda, nosso açúcar já adoçava quase que a Europa inteira.

Saúde e higiene na capitania

Antes mesmo do relatório sobre os aspectos naturais e as condições econômicas em que o governador encontrou a Paraíba, a publicação do Grupo de Pesquisa do Iphaep abordará as ações do médico e do administrador Carpentier, a começar por campanhas de prevenção a doenças que ele chegou a adotar na região.

Com isso, melhorou as condições de higiene na cidade e, além das suas iniciativas na área de Saúde, foi fundamental na consolidação da presença holandesa num território onde a resistência portuguesa era pesada. Ele buscou estabelecer um diálogo com os líderes locais, destacadamente com o investidor Duarte Gomes da Silveira, ao mesmo tempo em que manteve uma postura firme contra as revoltas que emergiam, garantindo assim as condições de pacificação.

A gestão de Carpentier também foi marcada por esforços na promoção da agricultura e no comércio, áreas que eram vitais para a economia da província. Como a Paraíba oferecia terreno muito fértil, ele incentivou a produção de mandioca, que foi muito importante para a alimentação da população local e de outras partes do Brasil-holandês, fazendo o mesmo com o açúcar, já que o produto tinha muito valor de exportação para o mercado europeu.

Também diversificou as culturas locais, atraindo investidores e ajudando a estruturar um mercado que beneficiasse tanto os holandeses quanto os habitantes de um modo geral. Sobretudo, da parte dos potiguares, que eram avessos aos métodos de escravização e de maus-tratos dos portugueses, obteve apoio quase que total, embora o seu governo não tenha sido totalmente isento de críticas. A presença holandesa gerou ressentimentos entre certos segmentos da população e, por isso, teve de lidar com a pressão constante de insurgentes.

Mesmo com pouco mais de 30 anos, a habilidade diplomática de Carpentier foi testada em várias ocasiões. Assim sendo, ele teve que navegar num mar de tensões para manter a ordem e a produtividade. Mesmo ocupado demais com a parte administrativa, aproveitou o período de estada na Paraíba para escrever seu relatório (*Rapport van de Capitania Paraíba*), documento que foi publicado apenas em 1644, quase 10 depois de ser elaborado.

Juízes e câmaras municipais

Para além do período como governador, a publicação do Grupo do Iphaep também irá resgatar e documentar o trabalho prestado por Servaes Car-

pentier quando atuava como secretário do alto e secreto conselho do governo de Maurício de Nassau. Nesse período, elaborou as "Instruções Gerais para Escabinos e Escoltetos do Brasil", que visavam regulamentar o funcionamento das câmaras municipais e dos juizes locais.

Embora não tenham tido a mesma notoriedade do seu relatório, essas instruções demonstram o envolvimento de Carpentier na organização administrativa dos neerlandeses. Participou ainda de expedições militares e administrativas, e sua atuação é mencionada em diversas correspondências e documentos da Companhia das Índias Ocidentais.

Não há registros de outras obras que tenham sido preservadas ou publicadas com destaque. Mas com base no que pôde ser documentado, não há como deixar de reconhecer que foi mesmo uma das figuras mais importantes da ocupação holandesa. E isso não apenas como médico — cujo trabalho desenvolvia auxiliado por um irmão que era enfermeiro —, mas também como líder que, em meio a um cenário de guerras e incertezas, buscou promover saúde e desenvolvimento.

Servaes Carpentier teve uma vida marcada pelo desempenho de atividades bem diversificadas, mas numa delas foi muito frágil e despreparado. Como dono dos Engenheiros Três Paus e Tracunhaém de Cima (ambos em Goiana, Pernambuco), foi um fracasso, muito diferente do seu estimado compadre do Porto Calvo.

É, porque, nessa atividade, terminou contraindo e acumulando dívidas as quais acabou sem condições de pagar. Até mesmo por isso, viu-se cercado de preocupações e problemas de doença, falecendo, no Recife, com apenas 46 anos de idade.

Francisco das Chagas Batista

Um dos mais conhecidos poetas populares da PB



Ilustração: Tábua

Autor de "Cantadores e poetas populares", importante obra para as pesquisas da área, Chagas foi um dos primeiros editores de cordel, deixando mais de 100 folhetos publicados

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com

Literatura e informação se encontraram no exercício criativo e empreendedor do paraibano Francisco das Chagas Batista, considerado um dos pais do cordel brasileiro e um dos primeiros a atuar como editor de suas obras e de outros poetas populares da sua geração. Obras clássicas, fatos históricos ou do cotidiano e personagens célebres ganharam versões e versos em folhetos do poeta, que também promoveu o casamento da xilogravura com o cordel.

Foi na Vila de Teixeira, cidade do Sertão paraibano que tornou-se referência na cantoria e na literatura de cordel, que nasceu Francisco das Chagas Batista, mais precisamente na fazenda Riacho Verde, no dia 5 de maio de 1882. O filho de Luís de França Batista Ferreira e Cosma Felismina Batista aprendeu as primeiras letras ainda em sua terra natal, estimulado pelo desejo de trovar como seus tios, os cantadores Ugolino Nunes da Costa (1832-1895) e Nicandro Nunes da Costa (1829-1918). Com a morte do pai, no entanto, o jovem teve que se mudar com a família para Campina Grande. Ali passou a aprender a gramática, frequentando as aulas noturnas, já que, durante o dia, carregava água e lenha, além de trabalhar na construção da estrada de ferro de Alagoa Grande, inaugurada em 1901.

Aos 20 anos, ele imprimiu seu primeiro folheto, *Saudades do Sertão*. Paravendê-lo, percorria as feiras livres da região do Brejo paraibano, até que decidiu rumar para a cidade de Parahyba (atual João Pessoa), onde uma nova impressão

da obra obteve boa repercussão tanto na imprensa paraibana — merecendo notas dos jornais paraibanos *A União*, *O Comércio* e *O Ateneu* —, quanto na potiguar, como no jornal *A República*.

Da capital da Paraíba, partiu, em 1905, para Olinda (PE), para ingressar no seminário, mas ali ficou por pouco tempo. Permaneceu em Pernambuco, onde publicou, em 1907, *A vida de Antônio Silvino*, cuja edição é considerada a primeira de que se tem notícia a utilizar uma xilogravura em um folheto de cordel. Os poetas Arievaldo Viana e Marco Haurélio ratificam essa data no poema *Cem anos de xilogravura na literatura de cordel*, com os seguintes versos:

Mil novecentos e sete
Conforme a história apura
Foi o ano em que o cordel
Casou com a xilogravura
Num "taco" bem pequenino
Gravaram Antônio Silvino
Numa toska iluminura.

Antes disso, só havia
A chamada "capa cega",
Com letras e arabescos.
Assim a história prega
E quem conhece a história,
Puxando pela memória,
Essa verdade não nega.

As aventuras do cangaieiro Antônio Silvino se constituíram, na verdade, em uma série que tinha sido iniciada com o primeiro folheto, publicado em 1904. Os embates do cangaieiro com a polícia — evocando os duelos de violas e as narrativas que reproduziam suas façanhas, fossem extraídas dos jornais ou ficcionadas pelo poeta — fizeram tanto sucesso, que o tema do cangaço tornou-se um dos predile-

tos de Chagas Batista. Além de contar outros crimes cometidos por Antônio Silvino, o cordelista escrevia folheto também sobre Lampião, a exemplo de *Os Decretos de Lampião e Conselhos do Padre Cícero a Lampião*.

A pesquisadora Ruth Terra, autora do livro *Memória de Lutas: Literatura de Folhetos do Nordeste (1893-1930)*, obra publicada em 1979 e considerada leitura obrigatória entre os estudiosos de cordel, conta que Chagas Batista se utilizou dos serviços da Imprensa Industrial do Recife até por volta de 1910. Nesse período, são registrados de sua autoria, por exemplo, *História de Antônio Silvino, novos crimes e A formosa Guimmar, romance em verso*. Outras adaptações de romances ou novelas em versos compostas por ele, que vieram na sequência, são: *Quo Vadis, Escrava Isaura* e *História de Esmeraldina, tragédia célebre*. Nessas e noutras obras, identifica-se um leitor de autores clássicos da literatura universal, como Henryk Sienkiewicz e Victor Hugo, como também da literatura brasileira, como Bernardo Guimarães, José de Alencar, Castro Alves e Olavo Bilac.

Os fatos do cotidiano reportados pelos jornais e revistas da época eram a outra fonte de inspiração para os folhetos de Chagas, demonstrando ser ele um leitor assíduo daquilo que era publicado na imprensa. Nessa leva de poemas inspirados em eventos do cotidiano ou fatos históricos, encontramos: *Exemplo da vaca que deu sangue em lugar de leite na Fazenda Poço Branco*; *Vicissitudes da Crise*; *Horrões do inverno de 60: o clamor do povo do nordeste*; *Resultado da revolução do Recife*; *A questão do Acre*; e *O desastre de Aquidaban*, dentre outros.

No folheto *Vacina obrigatória*, Francisco das Chagas traduziu para a linguagem

poética a visão acerca da revolta ocorrida no Rio de Janeiro, em 1904:

Meus curiosos senhores,
Vou contar-vos a história
Que os jornais anunciaram
Da vacina obrigatória,
Esse caso que no Rio
Ficou na eterna memória!

Quando retornou de Pernambuco, Chagas Batista casou-se com a sua prima legítima, Ugolina Nunes da Costa. Fixando moradia na pequena Vila de Guarabira (PB), centro irradiador da poesia popular, publicou folhetos na Tipografia Livraria do Povo, pertencente ao irmão Pedro Batista. Em 1911, transferiu-se definitivamente para a capital, onde começou comercializando livros usados e folhetos numa pequena livraria. Depois de dois anos, adquiriu o prelo de Leandro Gomes de Barros, montando sua própria tipografia, a Popular editora, situada na Rua da República, onde o poeta-empendedor pôde editar os seus próprios folhetos e os de outros autores.



Em 1913, Chagas montou a sua própria tipografia, a Popular Editora

Foto: Arquivo da família

tos cantadores e poetas populares da época, como Leandro Gomes de Barros, Silvino Pirauá de Lima e João Melchades Ferreira.

“Publico as poesias como as encontrarei nas mãos dos seus autores, deixando que outros as estudem e critiquem dando a cada um desses versos a sua classificação folclórica. Em breves traços, porém, sem analisar as suas belas produções poéticas, darei simples notícias biográficas de cada cantador. Amanhã, quem quiser estudar a psicologia desses poetas incultos, encontrará seguros informes para o desenvolvimento de sua obra, nas simples notas que aqui ficam impressas, que, se não têm nenhum valor literário, pelo menos exprimem a verdade dos fatos”, escreveu o poeta, na apresentação da obra.

Francisco das Chagas Batista não atuou como repentista, mas tornou-se um dos mais conhecidos poetas populares de sua geração e foi um dos primeiros editores de cordel, deixando, de sua lavra, mais de 100 folhetos publicados. Morreu aos 48 anos, no dia 26 de janeiro de 1930, na então cidade da Parahyba. A Popular Editora, que ficou sob a direção da viúva, Ugolina Nunes, não durou muito tempo e logo entrou em concordata. Dos 11 filhos, destacam-se Maria das Neves Pimentel, poetisa popular, considerada uma das primeiras de que se tem notícia a publicar um folheto de cordel, em 1938, época em que o universo masculino predominava (ela precisou “se esconder” sob o pseudônimo de Altino Alagoano). Outros filhos que enveredaram pela arte do pai foram Sebastião Nunes Batista, folclorista autor da *Antologia de Literatura de Cordel*, e Paulo Nunes Batista, cordelista e escritor que radicou-se em Goiás, todos também já falecidos.

Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

Eventos acadêmicos são celeiros de boas reportagens

Nesta semana, participei de um evento promovido pelo Instituto Federal da Paraíba (IFPB), em Campina Grande, com foco nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) voltados à prática educacional. Em vários momentos, fiquei pensando sobre pautas e como nós, jornalistas, deixamos de descobrir (e divulgar) fatos interessantes e que poderiam se transformar em excelentes reportagens.

Em geral, a cobertura jornalística de eventos concentra-se na abertura da solenidade, com ênfase nos pronunciamentos das autoridades e, no máximo, ouvindo algum participante. Mas o que tem potencial mesmo de gerar repercussão e de influenciar a sociedade, considerando-se os critérios de noticiabilidade, são os trabalhos ali expostos e o conteúdo debatido durante palestras, oficinas, mesas-redondas, rodas de diálogo e que tais.

Foi durante uma conferência a que assisti, por exemplo, que fiquei sabendo de docentes da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e do IFPB que são surdos. Sim, professores surdos, que passaram em concurso público e que hoje dão aulas para alunos. Veja só que fantástico! Ao saber disso, fiquei logo pensando em inúmeras pautas sobre inclusão e oportunidades que poderiam nascer dessa informação.

Nessa mesma apresentação, tomei conhecimento de que o município de Gado Bravo, situado na Região Metropolitana de Campina Grande, concentra um alto número de pessoas com subcegueira



Foto: Reprodução/ODS/IFPB



Em CG, o IFPB promoveu evento sobre Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) voltados à prática educacional, um conteúdo que rende pautas jornalísticas interessantes

devido à Síndrome de Usher (doença hereditária caracterizada pela perda parcial ou total da audição e diminuição progressiva da visão).

Em outro momento do evento, Formação de Professores para a Educação Sustentável: Integrando os ODS na Prática Educacional, promovido pelo Instituto

Federal da Paraíba, aprendi sobre as chamadas escolas não convencionais. Refleti sobre o apagamento das escolas anarquistas (tivemos mais de 50 no Brasil) da nossa história e fiquei encantada ao ouvir relatos sobre a Escola dos Sonhos, que funciona na cidade de Bananeiras, no Brejo paraibano.

Ao saber disso, fiquei envergonhada de mim mesma: como nunca ouvi falar dessa escola, que é citada por pesquisadores de outros estados e comparada à Escola da Ponte, em Portugal, que também foge ao modelo de ensino tradicional? Listada entre as escolas não convencionais do Brasil, a Escola dos Sonhos nasceu, em 2005, como Escola Nossa Senhora do Carmo. É uma instituição comunitária que funciona em regime de cooperativa e vem transformando vidas.

Esses são apenas alguns exemplos de temas debatidos em eventos acadêmicos e que podem gerar notícias ou grandes reportagens. Sei que, no corrido dia a dia das redações, o foco é tanto no factual (e as equipes são diminutas) que fica difícil deixar um repórter fazendo a cobertura intensa, e imersiva, de uma conferência ou encontro. Mas vale a pena.

A propósito: foi ainda no evento do IFPB que descobri que há estudantes no 8º ano do Ensino Fundamental, aqui na Paraíba, que não dominam as quatro operações matemáticas (adição, subtração, multiplicação e divisão) e, pasme, mal sabem ler. E esse fato, por si só, já renderia manchete.

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Pop rock made in Brazil — XIV

Mesmo aos audiófilos mais afeiçoados, o nome “Tobruk” pode soar um pouco estranho. Essa consideração inicial surge em torno do referido termo que nos levou a pesquisar sobre ele. Trata-se de uma região localizada no nordeste da Líbia, próxima da fronteira do Egito, na costa do Mediterrâneo, celebrizada por uma maldadada batalha travada entre forças das chamadas Potências do Eixo contra as Forças Aliadas (abril de 1941), durante a Segunda Guerra Mundial. O resto ficou na história, mas o nome “Tobruk” foi usado por, pelo menos, duas bandas ligadas ao rock’n’roll: a primeira delas é o tema desta coluna, e a segunda foi uma banda inglesa, formada em Bedfordshire, Inglaterra, em 1981, gênero rock e hard rock, com atuação até 1987.

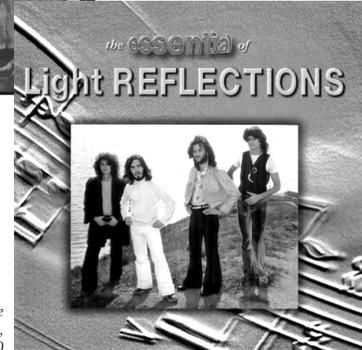
E o que tem isso a ver com o pop rock made in Brazil? É que, antecipando-se ao grupo inglês, nós tivemos aqui a nossa Tobruk, formada nos anos 1970. O único álbum desta, hoje raro, foi o *Ad Lib* (1972), que tocava um rock meio descompromissado com outros estilos, mas com leves características psicodélicas. Sua formação original contava com André Barbosa Filho, que adotou o nome artístico de “Brian Anderson” (vocal e guitarra); Marc Mane (guitarra e órgão); Rick Taylor (baixo, piano e moog) e Billy Rogers (bateria) e, obviamente, por exigência da gravadora contratante (Copacabana — selo Cash Box) e do seu produtor Cesare Benvenuti (pseudônimo de Cecil B. Johnson), mantinham-se anônimos e cantavam apenas em inglês. A banda, no

Imagem: Reprodução/Cash Box Records



“Ad Lib” (1972), único álbum da versão brasileira homônima da banda inglesa Tobruk

Imagem: Reprodução/EMI



Grupo Tobruk brasileiro serviu de embrião para o Light Reflections, festejado nos anos 1970

entanto, não gravou nada que permanecesse no nosso afetivo musical. No entanto, ressalta-se haver o Tobruk servido de embrião para o festejado Light Reflections,

formado por Brian, Ronnie Wells (Rafael Tartaglio) e Billy Rogers (nome real).

A banda Light Reflections, esta sim, marcou época, pontificou nos anos 1970,

e deixou-nos alguns hits, como, por exemplo o single “Tell Me Once Again” (1972, de Brian Anderson), em bom vernáculo: “Diga-me mais uma vez”. Esse se tornou um dos compact discs mais vendidos e executados no Brasil e em outros países sul-americanos e de língua inglesa, e foi incluído na trilha da novela global *Uma Rosa com Amor* (1973).

Successo semelhante também alcançou a “versão” debochada feita por Léo Jaime, Leandro Verdeal e Selvagem Big Abreu para o grupo João Penca e Seus Miquinhos Amestrados, mas cujo sucesso foi consagrado na gravação de Ney Matogrosso (de 1983), recebendo o nome de “Calúnias” e popularizando o refrão “Telma, eu não sou gay”.

O grupo em questão, o Light Reflections, ainda é muito festejado, sobretudo pelos que viveram o período da Jovem Guarda. Entre outros sucessos da banda, ressaltam-se “Welcome, Welcome”, integrada à trilha da novela da Globo *O Semideus* (1974); “Mine Only Mine” e “Without Your Eyes I Fell Alone” (1973, as três de Brian); e “She Said By” (1973, de Bill Rogers). Ainda emplacaram “Please” (de Fravet e Santiago) e “Sweet Love” (de Santiago), ambas de 1975.

A banda encerrou as atividades no começo da década de 1980, após lançarem dois LPs e oito CS, mas, no fim da carreira, não manteve a mesma visibilidade nas décadas seguintes, embora os seus membros continuassem a realizar espetáculos de forma individual.



Eita!!!!

TECNOLOGIA

Computação quântica será um novo “bug do milênio”

Especialista alerta sobre urgência da migração dos sistemas de segurança digital

Henrique Sampaio
Agência Estado

Até o final da década, os computadores quânticos terão poder suficiente para quebrar os sistemas de criptografia mais seguros usados, hoje, na proteção de dados no mundo inteiro. É o que alerta Ana Paula Appel, engenheira sênior de inteligência artificial (IA) e embaixadora de Computação Quântica da IBM, em uma entrevista durante o Summit Tecnologia e Inovação, realizado pelo *Estadão*, na semana passada.

A declaração chama atenção porque não se trata de ficção científica, mas de um prazo técnico com base em projeções já reconhecidas pela comunidade científica: 2030. A especialista menciona o *bug* do milênio como uma analogia para explicar a urgência da migração dos sistemas de segurança digital antes que a computação quântica os torne obsoletos — o que ela chama de *quantum safe*.

“Dependendo do número de aplicações, você leva alguns anos para trocar tudo. Daqui a seis anos já será 2031, vai ter passado o prazo”, alerta. De acordo com Appel, a IA será essencial nesse processo de percorrer as aplicações, achar as chaves, refatorar e fazer a troca do sistema criptográfico. Ela alerta, contudo, que instituições e empresas ainda possuem muito “*software legado*”, sem atualizações, que podem dificultar esse processo.

A especialista falou sobre os avanços da empresa no desenvolvimento de *hardware* quântico, que exi-



Ana Paula Appel, embaixadora de Computação Quântica da IBM

ge laboratórios super-resfriados e ambientes controlados. “É um computador que não cabe na sua casa, ele precisa de um ambiente mais frio que o espaço sideral”, brinca.

A computação quântica funciona com princípios diferentes da tradicional: em vez de *bits* (zeros e uns), usa *qubits*, que podem estar em sobreposição de estados, entrelaçados e sujeitos a interferência. “Você consegue percorrer vários caminhos de solução ao mesmo tempo”, explica.

Pac-Man de várias trilhas

Ela recorreu novamente a analogias para explicar a lógica por trás de seu funcionamento. “Imagine Pac-Man, em que você só consegue percorrer um caminho por vez”, explica. “Na computação quântica, você consegue percorrer mais de um caminho ao mesmo tempo, testando diferentes possibilidades simultaneamente”, o que explica a ineficiência

Foto: Reprodução/Instagram



do atual sistema criptográfico, baseado em senhas, diante da tecnologia.

A computação quântica já existe e usa a mesma linguagem de programação que a computação tradicional, como Python. O computador quântico da IBM, por exemplo, tem nove anos. Contudo, não há ainda mercado para que sua produção em escala faça sentido.

Segundo Ana Paula, a promessa da computação

quântica é acelerar descobertas em áreas como desenvolvimento de medicamentos, novos materiais e soluções para problemas complexos em logística, energia e finanças.

Na visão de *roadmap*, acredita-se que, em 2026, os pesquisadores consigam mostrar uma “vantagem quântica”, como usar o computador para resolver um problema real. Todavia, até o momento, isso ainda está sendo investigado.

Ana Paula afirma que a IA será beneficiada pela computação quântica. “Nas redes neurais você tem multiplicação de matrizes, que são custosas para um computador tradicional. Acredita-se que a computação quântica possa tornar algumas dessas grandes redes mais eficientes”.

A especialista garante, porém, que a computação tradicional não vai ser substituída. “Você vai ter um tipo de computação quântica para algumas dessas tarefas. Nós vamos continuar resolvendo da mesma maneira em muitos casos”.

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: Pequeno (2) = micro + objeto de escuta (2) = fone. **Solução:** aumento para o som (4) microfone.

Charada de hoje: O talco (1) fazia a criança saltar (2) de alegria, tornando-se assim o seu usuário mais simples (3).



Ilustração: Bruno Chiossi

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Arte reborn com cegonhas

Hoje em dia, na crista da onda das repercussões da internet, está o bebê *reborn* — bonecos de vinil feitos à mão para se parecerem com recém-nascidos reais, sendo conhecidas pelos seus detalhes hiper-realistas, incluindo pele macia, cabelos colocados fio a fio e olhos de vidro. Recentemente, a arte *reborn* ganhou outra proporção: uma adolescente, de Janaúba, no interior de Minas Gerais, publicou um vídeo em seu perfil no TikTok levando o seu bebê *reborn* ao hospital, após “notar que ele não se sentia bem”. O conteúdo viralizou e obteve mais de oito milhões de visualizações até o momento. A paixão pelo inanimado ou pelo que não é “real” não é novidade no cinema. O que veremos nos exemplos a seguir.

Uma Família Feliz

No *thriller* brazuca *Uma Família Feliz* (2024), dirigido por José Eduardo Belmonte (*Billi Pig*), a partir do livro homônimo de Raphael Montes, estrelado por Grazi Massafera e Reynaldo Gianecchini, o foco é um casal e os seus filhos. No filme, a personagem de Massafera tem depressão pós-parto após o nascimento de seu terceiro filho. Ela e o marido (Gianecchini) já são pais de duas gêmeas. No entanto, tudo muda quando as meninas começam a aparecer machucadas e a mãe é apontada como principal suspeita. No longa-metragem, a protagonista trabalha fazendo bebês *reborn* para vender.

Meu Bebê Reborn

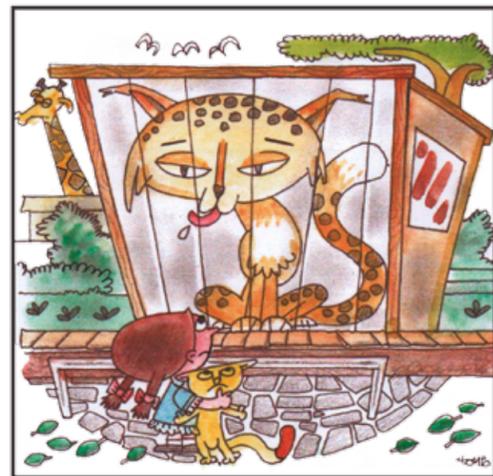
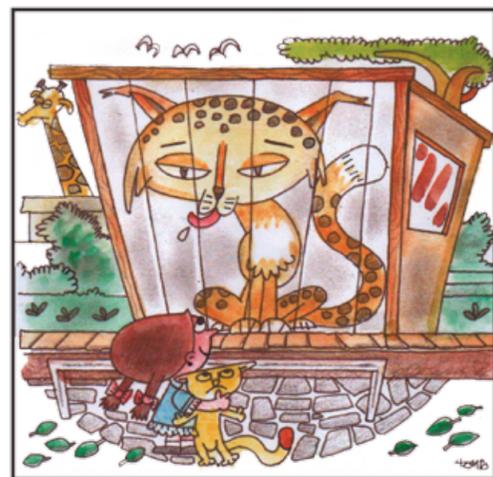
O documentário nacional de 2018, realizado pela Joana Nin segue como uma linha de produção, passando por todo o processo de fabricação, industrial e artesanal, que dá aos bonecos feições hiper-realistas. O filme também aborda os consumidores finais, colecionadores ou pessoas que adotam rotinas de cuidados, como as que dispensamos aos nossos filhos. A produção aborda o sentimento da maternidade e o mercado que cresce a seu redor. O filme documental faz parte da chamada “Trilogia da Maternidade”, da cineasta Joana Nin, ao lado de *Ultra Bebê* (também de 2018), que mostra os usos da ultrassonografia e cria um microcosmo da maternidade no Brasil, e *Proibido Nascer no Paraíso* (2021), sobre mulheres que são privadas de fazer as próprias escolhas durante a gravidez e o parto, na ilha de Fernando de Noronha, em Pernambuco.

Lars e a garota real

Não é sobre bebês, mas é impossível não se lembrar desse longa-metragem de 2007, no qual o Lars (Ryan Gosling), do título, um homem tímido e introvertido que vive na garagem de seu irmão mais velho, tem um relacionamento pela internet com uma missionária religiosa. O problema é que a garota é uma réplica de uma mulher, feita de silicone (foto acima), que ele acredita piamente que é um ser humano, o que faz com que se torne seu apoio emocional. Preocupados, seguindo o conselho de uma psicóloga, todos ao redor concordam com o devaneio do protagonista enquanto ele lida com os seus problemas pessoais.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 - janela da janela; 2 - “pigade” da onça; 3 - cauda da onça; 4 - manchas da girafa; 5 - cauda do gato; 6 - galho; 7 - mato; 8 - boca da minhoca; 9 - ponta da onça.

Um dos transtornos mentais mais comuns do mundo

Como uma resposta natural do nosso próprio organismo transformou-se numa das maiores preocupações de saúde ao redor do globo?



Ilustração: Bruno Chiossi

No ranking da pesquisa, o Brasil ocupava a primeira posição dos países com mais pessoas com o transtorno de ansiedade

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com

“Lembro-me das primeiras crises durante a faculdade, em que o estresse tomava conta e eu entrava em um frenesi para dar conta de tudo que estava me atormentando. Eu não dava conta e, antes de terminar todas as tarefas, tinha uma apatia ou simplesmente não conseguia parar de tremer as mãos. Por não dar conta, a crise, que era ansiosa, tornava-se depressiva, e eu caía no fundo do poço”. A descrição do campinense Reynolds Silva, de 27 anos, refere-se ao tempo em que a ansiedade comprometia não só seu rendimento acadêmico, como boa parte da sua vida. Um tempo que ficou no passado, não em razão das crises terem cessado, mas porque, com a ajuda de terapia e acompanhamento psiquiátrico, ele transformou o modo

de lidar com essa condição e, consequentemente, mudou a forma de viver o seu dia a dia. Atualmente, o paraibano considera-se quase um psicólogo, pois aguarda apenas a apresentação do trabalho de conclusão de curso para finalizar a sua graduação.

Os primeiros sintomas de Reynolds Silva surgiram na transição da infância para a adolescência — movimentos frenéticos da perna balançando, tremores no corpo e, em algumas situações, taquicardia —, mas não era tão fácil identificar quanto hoje, em que a propagação de informações com listas de sinais sobre ansiedade se disseminou na internet. “São sintomas bem comuns, mas que nem todo mundo pode indicar como sofridos por causa de uma crise ansiosa. Hoje em dia, eu tenho o entendimento de que respostas ansiosas do meu corpo são controláveis, que sou capaz de amenizar, mas

nunca de extingui-las. Ou seja, eu tenho crises, mas elas não me atordoam como antes”, frisa o universitário.

Até chegar a essa consciência foi um longo percurso. Reynolds Silva alerta, no entanto, que não adianta procurar um profissional a fim de obter um diagnóstico que apenas valide o sofrimento, pois reconhecer o quadro ansioso é apenas o primeiro passo. Se não houver predisposição a se trabalhar, a se colocar integralmente no tratamento, a enfrentar os avanços e recuos, o processo estará fadado à estagnação. Somam-se às próprias crises, as dificuldades e as incompreensões por parte de familiares, amigos e colegas de trabalho, questão que o quase psicólogo acredita ser um caso à parte, pois as pessoas de seu círculo social sempre foram muito gentis. De todo modo, ele reforça que compartilhar como se sente e pedir ajuda quando for necessário.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), os transtornos de ansiedade são os desequilíbrios mentais mais comuns do mundo, atingindo em torno de 4% da população mundial. O cálculo, feito em 2019, um ano antes da pandemia da Covid-19, era de que somente uma a cada quatro pessoas nessa condição recebe tratamento. No ranking da pesquisa, o Brasil ocupava a primeira posição dos países com mais pessoas com o transtorno.

Como uma resposta natural do organismo humano transformou-se numa das maiores preocupações de saúde mundial? Transtornos de ansiedade são um fenômeno da pós-modernidade ou sempre existiram? Quais as influências do ambiente virtual, com suas múltiplas telas, filtros e perfis que criamos, sobretudo nas gerações nativas digitais? Como educar para as emoções? Essas são algumas das questões que podemos pensar nesta edição.

COMPREENSÃO

Cérebro vigilante para as ameaças

Ansiedade passa a ser um problema de desarranjo quando o estado de alerta não consegue mais ser regulado

Marcos Carvalho
 marcoscarvalhojor@gmail.com

Considerada a raiz de muitos transtornos como estresse e depressão, a ansiedade precisa ser considerada, antes de tudo, como uma resposta natural do corpo humano e do cérebro diante de situações que envolvem ameaça, insegurança e risco. “Esse estado emocional nos prepara para uma ação. É como se o nosso cérebro prestasse atenção e ficasse em vigilância, e por estar assim, ele se coloca pronto para reagir diante de uma ameaça. Nosso corpo se prepara para fugir ou para lutar, e tudo isso acontece rapidamente, antes que a gente se dê conta”, explica a psicóloga Rianne Claudino, que desenvolveu pesquisa doutoral sobre ansiedade por meio do Programa de Pós-graduação em Neurociência Cognitiva e Comportamento, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

A ansiedade passa a ser considerada um problema e torna-se um transtorno quando esse estado de alerta não consegue mais ser regulado, isto é, quando o

corpo não sabe como responder e acaba paralisando. “Ele congela, como um rato ou alguns bichos, porque não consegue saber o que vai fazer. Ele não faz nem uma coisa, nem outra, fica ali estacionado”, esclarece Rianne Claudino. Quando essa regulação não acontece e esse estado de ansiedade se repete por várias vezes, a sensação é de achar que tudo será incerto e arriscado.

O limite entre a resposta natural do organismo e o transtorno está na recorrência das crises e no sofrimento que ele provoca. A sensação, costumeiramente, descrita pelos pacientes da neuropsicóloga é de taquicardia, corpo agitado e respiração acelerada. “A gente tem relatos de pacientes que chegam no consultório dizendo que foram parar no hospital, achando que iam morrer, que o coração ia parar, com uma dor muito grande. Quando fazem os exames, percebem que as taxas estão todas corretas. Os batimentos cardíacos até podem estar desregulados, mas aquilo não demonstrava ter havido um ataque do coração”, conta a psicóloga.

A especialista afirma que no decorrer desse processo algumas estruturas do cérebro podem ser mais ativadas, como a amígdala, parte responsável por reagir ao perigo e componente fundamental para proteção contra danos. Segundo Claudino, uma atuação orgânica — química, biológica e psíquica — tende a oferecer melhores resultados no tratamento das crises de ansiedade. Controlar os pensamentos é outra etapa necessária a quem sente transtorno de ansiedade, já que as crises costumam se relacionar a situações traumáticas que a pessoa vive e internaliza como ameaçadoras. Rianne Claudino cita o caso de pessoas que possuem fobia de lugares fechados e que, ao se ver num espaço semelhante, ficam ansiosas e o corpo imediatamente começa a ter reações. Quando alguém assim tem necessidade de entrar num elevador para ir a uma consulta médica, por exemplo, lembra-se do trauma e o pensamento daquele evento em que ficou presa num lugar fechado retorna

a neuropsicóloga. Aliada à meditação, a profissional também recomenda práticas como atividade física e meditação, além da regulação do sono e da psicoterapia para estimular os neurotransmissores. Segundo Claudino, uma atuação orgânica — química, biológica e psíquica — tende a oferecer melhores resultados no tratamento das crises de ansiedade.

Controlar os pensamentos é outra etapa necessária a quem sente transtorno de ansiedade, já que as crises costumam se relacionar a situações traumáticas que a pessoa vive e internaliza como ameaçadoras. Rianne Claudino cita o caso de pessoas que possuem fobia de lugares fechados e que, ao se ver num espaço semelhante, ficam ansiosas e o corpo imediatamente começa a ter reações. Quando alguém assim tem necessidade de entrar num elevador para ir a uma consulta médica, por exemplo, lembra-se do trauma e o pensamento daquele evento em que ficou presa num lugar fechado retorna

de forma muito rápida, sem que ela consiga impedir.

“Esses gatilhos fazem com que ela sinta tudo muito forte, como se ela estivesse passando por aquela situação na hora. Por isso é interessante identificar quais são os pensamentos que trazem isso rapidamente para aprender a lidar com eles. Como os pensamentos não param e aparecem de forma automática, acabam desencadeando as crises de ansiedade”, revela.

O trabalho na psicoterapia com pessoas que sofrem de transtorno de ansiedade consistirá, então, em mostrar o quanto tais pensamentos não correspondem, necessariamente, à realidade e fazê-la se voltar para o tempo e o local em que está para perceber que está tudo bem.

COMPORTAMENTO

Transtorno generalizado pode estar associado a traumas e a fobias específicas

A ansiedade pode assumir traços de um transtorno generalizado, quando o indivíduo passa a viver em estado permanente de alerta e o tempo todo preocupado, mas também pode estar associado a traumas e a fobias específicas, quando determinadas coisas ou situações, como uma aranha, lugares altos ou fechados, provocam diversas reações no corpo, ou mesmo desencadeariam pensamentos e comportamentos compulsivos para lidar com as sensações.

“O transtorno de ansiedade generalizada surge do medo que a pessoa tem de se ver ansiosa. Ela fica na expectativa da própria ansiedade aparecer, apreensiva se vai dar tempo de entregar uma atividade ou preocupada de não conseguir fazer uma entrevista de emprego, por exemplo. E aí a pessoa com medo de se sentir ansiosa já começa a fazer planos de como não se sentir assim. É nesse estado de alerta permanen-

te que ela acaba retroalimentando a própria ansiedade”, acentua Rianne Claudino. Como as sensações e as reações fisiológicas são muito fortes e ocorrem de maneira muito rápida, torna-se bem mais difícil controlar a situação.

Dentre os transtornos associados à ansiedade, ou seja, aquelas perturbações que além do componente ansioso apresentam outras características específicas, a psicóloga cita os transtornos do estresse pós-traumático, distúrbio em decorrência de experiências de atos violentos ou de situações traumáticas, o transtorno do pânico — que provoca crises repentinas e intensas em qualquer lugar, contexto ou momento por, em média, 15 a 30 minutos —, e o transtorno obsessivo-compulsivo (TOC), caracterizado por pensamentos e comportamentos ritualísticos repetitivos, de forma incontrolada, como tentativa de aliviar a sensação de medo

ou desconforto provocada pela ansiedade crônica.

“A gente chama de obsessão porque a pessoa fica o tempo todo pensando em determinada coisa. E para que a pessoa se regule, ela tem um comportamento repetitivo, como lavar a mão, organizar alguma coisa, verificar se esqueceu algo. Pode ser até algo que a pessoa nem percebe, como, por exemplo, o costume de orar, de contar mentalmente, de repetir palavras em silêncio... Esse comportamento visa prevenir ou reduzir essa ansiedade, porque a pessoa acha que desse modo o sofrimento vai baixar, mas o comportamento acaba se tornando uma compulsão, porque não há controle”, descreve Rianne Claudino. Ela alerta que o pensamento obsessivo não possui uma conexão com a realidade, como é o caso das pessoas que acham que serão contaminadas em determinados ambientes e se sentem ansiosas com essa possibilidade, ainda que não haja nenhuma comprovação de que aquilo poderia acontecer. As compulsões tornam-se prejudiciais porque tendem a afetar o funcionamento social e profissional do indivíduo, assim como outras áreas importantes da vida.

A ansiedade pode ser compreendida, então, como um fator de risco para outros transtornos, já que, ao se sentir ansioso, o sujeito pode desenvolver um determinado comportamento como forma de se autorregular. “Por mais que o indivíduo não consiga identificar o trauma, o que fez com que ele se sinta ansioso para depois ter um TOC, um transtorno de arrancar o cabelo (tricotilomania) ou de acumulação, por exemplo, a gente percebe que, no fim das contas, é alguém que está passando por situações que a deixam uma pessoa ansiosa e com uma preocupação excessiva”, completa a especialista.



Segundo a psicóloga Rianne Claudino, como as reações fisiológicas e as sensações são muito fortes e rápidas, torna-se difícil controlar a situação



Ilustração: Bruno Chaves

TIMIDEZ PATOLÓGICA

Medo em manter interações sociais

Dificuldade de agir vem do fato de o indivíduo acreditar estar sendo julgado negativamente por outro

Marcos Carvalho
 marcoscarvalhojor@gmail.com

Uma timidez patológica: é assim que muitos estudiosos tentam sintetizar o tema que a psicóloga Rianne Claudino pesquisou ao longo de quase oito anos: a ansiedade social. Também conhecida como fobia social, esse transtorno tem como característica a ansiedade irracional causada pela dificuldade em manter interações sociais, desde falar, ou se apresentar em público, até conhecer novas pessoas,

ou ter que utilizar um banheiro coletivo, por exemplo.

“O transtorno de ansiedade social é quando a pessoa tem medo ou ansiedade acentuados para situações sociais nas quais ela é exposta a uma possível avaliação, como dar uma palestra ou apresentar um seminário

em sala de aula. Esse medo de agir vem do fato de a pessoa acreditar estar sendo julgada negativamente por outra, o que a faz se sentir humilhada e constrangida”, explica a doutora em neurociência cognitiva e comportamental, que investigou o reconhecimento de expressões faciais de indivíduos com ansiedade social.

Segundo a especialista, a ansiedade mexe tanto com o corpo quanto com o cérebro, razão pela qual quem sofre des-

se transtorno acaba percebendo o que está em sua volta com uma espécie de lente diferenciada das demais pessoas.

Isolamento

Para ser considerado um transtorno, a “timidez” precisa ser persistente e durar pelo menos mais de seis meses, assim como se dar em mais de uma situação. Rianne Claudino faz questão de distinguir que aquele friozinho na barriga que se sente quando se vai fazer uma prova é uma reação natural do corpo e do cérebro humano. A ansiedade social só pode ser diagnosticada como transtorno quando acontece várias vezes, em diferentes contextos e gera sofrimento e prejuízos capazes de interferir na vida social e profissional do indivíduo.

“Se ele passa a não aceitar fazer algumas entrevistas de emprego, ou a não fazer algumas provas de concurso e se esquivar delas, ou se já tem um emprego, mas não consegue falar com o chefe, que é a autoridade, então, de certa forma, esse medo e essa ansiedade acabam provocando efeitos que causam prejuízo”, ilustra Claudino. Um dado interessante que ela também apresenta é: pessoas com ansiedade social tendem a enveredar por profissões que requerem menos interações com o público, a exemplo de trabalhos na área de Exatas, ou que ficam por trás dos computadores, onde podem integrar apenas virtualmente e não terão que conversar ou lidar diretamente com tantas pessoas no ambiente de trabalho.

Justamente o espaço digital é, para a psicóloga, um dos fatores que tem feito crescer o número de pessoas com transtorno de ansiedade social. Apesar dos benefícios e facilidades geradas pelas tecnologias digitais de comunicação, elas também contribuem para um maior isolamento social das pessoas. “Somos seres sociais. O ser humano, desde quando nasce até se tornar adulto, precisa estar o tempo todo se relacionando com outras pessoas.

A partir do momento que temos menos interações sociais, isso tende a se tornar uma ameaça, porque não saberemos mais como lidar com as pessoas cara a cara, só saberemos como lidar virtualmente. E aí entra o medo do julgamento negativo e de que seremos avaliados, são fatores que desencadeiam a ansiedade social”, argumenta.

Na internet, a pressão pelo alto desempenho nas redes sociais, em que reina a perfeição com filtros, sorrisos, conquistas e apenas momentos de bem-estar, exerce significativo impacto, principalmente sobre a geração dos nativos digitais, quando precisam lidar com situações presenciais. As crianças e os adolescentes que não experimentaram um maior convívio social tendem a se questionar se serão avaliados, negativamente, em relação aquilo que elas se mostram no mundo virtual, o que pode tornar-se um fator gerador de ansiedade, que pode colocá-los em estado permanente de alerta e de estresse crônico.

A sugestão da psicóloga é proporcionar a esse público mais momentos e situações na realidade física, nos quais a criança possa interagir socialmente, em vez de deixá-los apenas no mundo virtual. “É importante que as mães coloquem seu bebê para interagir com outros bebês, com outras crianças, com adolescentes, com adultos e com pessoas de todas as idades. O mesmo também deve ser feito com os adolescentes e as crianças, de maneira geral, para que eles saibam o que fazer nesses ambientes e não se criem ambientes amedrontadores”, recomenda.

Para os jovens e adultos, a indicação de Rianne Claudino vai em forma de questionamento: “Se você vai conversar com uma pessoa, por que não marcar de sair e conversar pessoalmente, ao invés de ficar só no virtual? A gente pode ir perdendo o costume, e quando isso acontece a gente pensa que não sabe mais lidar com aquilo, e esse pode ser um fator gerador de ansiedade”.

Crise pode acarretar um surto coletivo

Abril de 2022. Era semana de provas e os estudantes da Escola de Referência em Ensino Médio Ageu Magalhães, na Zona Norte de Recife, Pernambuco, ainda estavam se adaptando ao retorno das aulas presenciais, após um longo período de isolamento social imposto pela pandemia da Covid-19. De repente, uma única estudante começou a sentir tremores, falta de ar e pôs-se a chorar, sintomas característicos de crises de ansiedade. Ao ver a cena, os colegas começaram a apresentar sintomas semelhantes, de modo que, em poucos minutos, havia no chão do pátio da escola mais de 20 alunos tomados pelo choro, sentindo taquicardia e tontura. O atendimento médico de urgência foi acionado e tudo ficou sob controle, mas o surto coletivo de ansiedade chamou atenção do país para a importância da saúde mental entre os jovens e nas escolas.

“Esse fenômeno tem uma explicação no que chamamos de contágio emocional. Quando estamos em grupo, especialmente em espaços como uma escola, nós somos muito sensíveis às emoções uns dos outros. Ver alguém em crise ativa no nosso corpo os mesmos sinais de alerta — nosso coração acelera, a respiração fica curta, os músculos tensionam — e, rapidamente, isso pode se transformar em uma reação coletiva. É importante lembrar que isso não acontece porque as pessoas estão ‘imitando’

ou ‘inventando’ sintomas; é realmente uma resposta emocional involuntária, amplificada pelo contexto”, explica a professora Elisa Possebon, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), especializada em educação emocional.

A docente destaca que a crise sanitária e os dois anos de isolamento social imposto às crianças, aos adolescentes e aos jovens, bem como os medos, as perdas e as inseguranças geradas nesse período, criaram o terreno favorável para a crise coletiva de ansiedade. Segundo Possebon, no retorno às atividades escolares, os estudantes traziam consigo um acúmulo de carga emocional, resultado de menos convívio social e de menos espaço para regular as emoções em grupo, que favoreceu a vulnerabilidade para episódios como o ocorrido.

A psicóloga Rianne Claudino considera o caso dos alunos da escola pernambucana pouco comum, mas compreende que nem todo mundo sabe o que fazer quando vê uma pessoa passando por uma crise de ansiedade. Os efeitos podem ser tanto para quem está tendo o colapso, que pode ficar mais ansioso, como para quem tenta ajudar, que pode se ver na mesma situação e desenvolver um comportamento semelhante. Apesar de considerar os gatilhos (lembranças, recordações, sentimentos) como principais fatores que desencadeiam crises de ansiedade, em algumas situações mais duradouras pode haver um “contágio” da ansiedade.

“Tem pessoas que são contagiadas pela ansiedade do outro muito mais pela implicação que a ansiedade do outro causa na vida dela, do que somente pelo fato do outro estar ansioso. É mais comum ver um adolescente, criança ou jovem se tornar uma pessoa ansiosa por conta do comportamento controlador e preocupado da mãe, do que alguém ver outra pessoa ansiosa e, por conta disso, se sentir ansioso também”, exemplifica a pesquisadora.

“Contágio”

Ver alguém em um ataque de ansiedade pode ativar os mesmos sinais de alerta nas pessoas ao redor, como uma resposta emocional involuntária

Por sermos criaturas sociáveis, os seres humanos, desde quando nascem até se tornarem adultos, precisam estar o tempo todo se relacionando com outras pessoas



Sentimento vago e desagradável de angústia é natural, mas pode-se ensinar as pessoas a lidar com a angústia de forma equilibrada, desalinhando a ansiedade para que ela não tome conta da situação completamente

Ilustração: Bruno Chibosi

EDUCAÇÃO

“Ansiedade é parte natural da nossa experiência humana”

Apreensão física e psíquica também pode ser benéfica quando coloca a pessoa em um estado de alerta, tornando-a mais cuidadosa, vigilante e focada diante de situações potencialmente perigosas

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Se a ansiedade é uma resposta natural de sobrevivência, parte essencial do sistema que moldou a espécie humana ao longo de sua evolução, e responsável por preparar o corpo para reagir rapidamente diante de um perigo, seria possível, então, educá-la? “Eu diria que sim, é possível, mas é preciso entender bem o que isso significa”, responde a professora da UFPB, Elisa Possebon, uma carioca que considera ter alma paraibana e que trabalha com o tema das emoções na aprendizagem escolar há cerca de 20 anos. Em suas pesquisas, ela procura unir o desenvolvimento das emoções, com a prática pedagógica e a espiritualidade (a docente também atua no Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, no qual desenvolve pesquisas na linha da Espiritualidade e Saúde).

A ressalva da professora sobre educar para a ansiedade refere-se a não partir de uma concepção de educação tradicional, que implique dizer que a ansiedade vai ser eliminada da vida das pessoas. “Ansiedade é parte natural da nossa experiência humana. O que a gente pode fazer, e deve fazer, é ensinar as pessoas a lidar com ela de forma equilibrada, para que a ansiedade não tome conta nem paralise”, ressalta. Elisa Possebon aponta que a ansiedade também pode ser benéfica quando nos coloca em um estado de alerta que ajuda. Um exemplo é estar mais atento antes de uma prova importante ou nos prepararmos melhor para uma apresentação, de modo a nos deixar mais cuidadosos, vigilantes e focados diante de situações potencialmente perigosas.

Um dos caminhos identificados pela pesquisadora para a educação da ansiedade é a prática de exercícios de respiração, considerada uma ferramenta fundamental para a conexão entre o corpo e a mente. Trata-se de respirar de modo consciente, prestando atenção ao próprio ato de respirar, observando o ritmo, sentindo o ar que entra e sai dos pulmões. “Essa respiração consciente tem efeitos muito poderosos: ela acalma o sistema nervoso, diminui os níveis de cortisol (o hormônio do estresse), ajuda a manter o foco, aumenta a oxigenação do sangue e até fortalece o sistema imunológico. Além disso, ela aju-



Foto: Arquivo pessoal

Esses jovens já desenvolveram uma relação muito intensa, quase de dependência, com esses dispositivos eletrônicos

Elisa Possebon

da a reconhecer e lidar com as emoções de forma mais harmoniosa. Ou seja, é uma forma acessível e eficaz de autocuidado”, reforça Elisa, que também indica a meditação e a prática de ioga como formas de educação das emoções.

Com base nos projetos de extensão e pesquisas que vêm acompanhando, a educadora percebe o impacto da ansiedade na aprendizagem escolar. Elisa relata que uma criança ansiosa costuma ter mais dificuldade de manter o foco e se engajar nas tarefas propostas pelo professor, tendendo a bloquear a capacidade de aprender com mais tranquilidade, quando começa a duvidar de si mesma ou a sentir medo de errar e de ser julgada. Uma criança com a autoestima fortalecida, ao contrário, costuma acreditar em si e na sua capacidade e se sente capaz de realizar seus projetos. Para a docente, os benefícios da educação emocional ultrapassam a sala de aula e tendem a gerar um efeito multiplicador tanto na vida da criança quanto da família, dos colegas e da comunidade.

“Nós temos muitos relatos de situações em que, por exemplo, um familiar passou mal — teve um pré-infarto, estavam esperando o Samu chegar — e a criança ficou ali, ao lado, ensinando a respiração abdominal para o adulto, ajudando a manter a calma. Outro exemplo emocionante é de uma menina, do Ensino Médio, que contou ter encontrado a mãe chorando no quarto, após receber uma notícia difícil. Ela se aproximou, abraçou a mãe, conseguiu falar sobre a tristeza e fez duas vivências com ela e disse: ‘Faz igual a gente, que aprendeu na escola’. Esse gesto simples, mas cheio de afeto e consciência emocional, fez com que a mãe se sentisse acolhida e reconfortada”, descreve Possebon.

Prove

Depois de muito estudar a importância das emoções na aprendizagem e acompanhar professores em suas dificuldades para trabalhar essas habilidades em sala de aula, Elisa Possebon percebeu a necessidade de criar uma ferramenta prática e acessível que pudesse apoiar a atuação dos docentes. Foi então que desenvolveu o Programa de Vivência Emocional (Prove), uma plataforma digital que busca auxiliar professores no desenvolvimento emocional dos seus alunos. A ferramenta possibilita a organização de planos de aulas, oficinas e encontros de maneira personalizada, de modo a abordar diferentes temáticas sobre habilidades socioemocionais. Ela atende tanto escolas quanto empresas e outras organizações preocupadas com o desenvolvimento de seus membros.

“Os professores relatam não só mais confiança para trabalhar temas emocionais, mas também percebem mudanças reais no clima da sala de aula, no engajamento dos alunos, na melhoria das relações interpessoais, no fortalecimento da identidade das crianças, jovens e adolescentes, na diminuição da ansiedade e, algo muito importante, na prevenção da violência escolar”. Possebon destaca que o programa está sendo adotado por redes estaduais e municipais, de modo que tem alcançado cerca de 30 mil alunos por meio dos mais de 500 professores vinculados.

Celulares nas escolas

A recente proibição do uso de telefones celulares e outros aparelhos eletrô-

cos portáteis em escolas públicas e particulares, pelo Ministério da Educação (MEC) tem gerado discussões porque, se por um lado, o estímulo constante de notificações e mensagens das redes sociais tende a gerar uma produção interna de ansiedade, dificultando a concentração e até as relações interpessoais na escola; por outro lado, a restrição também pode provocar mais ansiedade.

“Esses jovens já desenvolveram uma relação muito intensa, quase de dependência, com esses dispositivos eletrônicos. Eles sentem medo de estar perdendo algo, medo de não serem vistos, de não responderem a tempo”, explica Possebon. Entretanto, ela alerta que a discussão precisa ser entendida como uma questão de saúde, pois as notificações contribuem para deixar o cérebro sempre em alerta e a luz azul das telas atrapalham a produção de melatonina, o hormônio do sono, de modo a contribuir para desencadear quadros de ansiedade e até de depressão.

“Quando a escola simplesmente tira o celular sem trabalhar o aspecto emocional por trás, muitas vezes, a criança ou o adolescente fica ainda mais inquieto, desconectado emocionalmente, mesmo estando fisicamente presente. É aí que a educação emocional entra como um recurso fundamental, para ajudá-los a entenderem seus sentimentos, a reconhecerem por que estão tão ansiosos sem o celular, a lidarem com esse desconforto de maneira mais saudável e a valorizarem a presença. Só assim vamos ajudar a transformar a relação deles com a tecnologia e também a fortalecer habilidades fundamentais para o aprendizado e para a vida”, completa a educadora.



Pelo QR Code acima, acesse a plataforma oficial do Prove